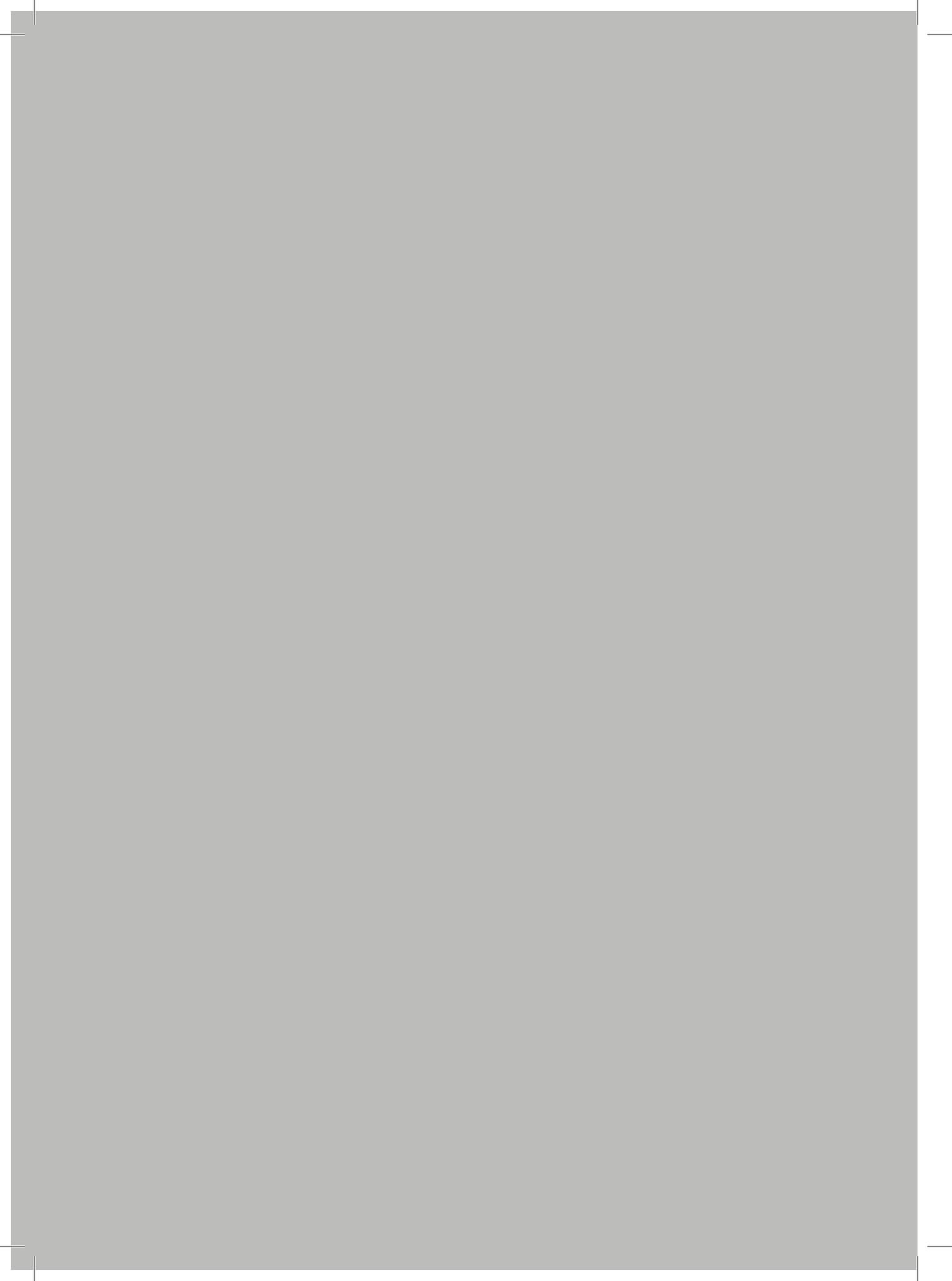




ALEXSANDRA DE MORAES CERQUEIRA

A FÉ QUE ABRAÇA A BARCA

A celebração de Bom Jesus dos Navegantes, Luís Correia, Piauí, Brasil



A FÉ QUE ABRAÇA A BARCA: a celebração de Bom Jesus
dos Navegantes. Luís Correia, Piauí, Brasil

ALEXSANDRA DE MORAES CERQUEIRA

A FÉ QUE ABRAÇA A BARCA: a celebração de Bom Jesus
dos Navegantes. Luís Correia, Piauí, Brasil

Trabalho Final apresentado como
requisito para obtenção do título
de Mestre em Artes, Patrimônio e
Museologia, pela Universidade Federal
do Piauí, Campus Ministro Reis Veloso.
Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cássia
Moura Carvalho

© Copyright 2018

ALEXSANDRA DE MORAES CERQUEIRA

A FÉ QUE ABRAÇA A BARCA: a celebração de Bom Jesus dos Navegantes. Luís Correia, Piauí, Brasil

CRÉDITOS

Esta dissertação é parte dos resultados da pesquisa-ação sob o título "A FÉ QUE ABRAÇA A BARCA: a celebração de Bom Jesus dos Navegantes. Luís Correia, Piauí, Brasil", desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia, Mestrado Profissional da Universidade Federal do Piauí.

Universidade Federal do Piauí

Reitor

Prof. Dr. José Arimatéia Dantas Lopes

Vice-reitora

Prof. Dr^a. Nadir do Nascimento Nogueira

Pró-reitor de Ensino de Pós-graduação

Prof. Dr. Regina Lúcia Ferreira Gomes

Diretor do Campus Ministro Reis Veloso

Prof. Dr. Alexandro Marinho Oliveira

Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia

Prof. Dr^a. Áurea da Paz Pinheiro

Banca Examinadora

Profa. Dra. Rita de Cássia Moura Carvalho (Presidente | orientadora)

Profa. Dra. Áurea da Paz Pinheiro (Avaliadora Interna | UFPI)

Prof. Dr. Heinrich Wilhelm Hegemann (Avaliador Externo)

Profa. Mestre Ariane dos Santos Lima (Avaliadora Externa Suplente | IFPI)

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica

Fábio Estefanio Lopes

Editora

VOX MUSEI arte e patrimônio

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial Prof. Cândido Athayde – Campus Parnaíba
Serviço de Processamento Técnico

C416f Cerqueira, Alexsandra de Moraes
A fé que abraça a barca: a celebração de Bom Jesus dos Navegantes.
Luís Correia, Piauí, Brasil [manuscrito] / Alexsandra de Moraes Cerqueira.
– 2018.
139 f. : il. color.

Impresso por computador (printout).
Dissertação (Mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia) –
Universidade Federal do Piauí, 2018.
Orientação: Profa. Dra. Rita de Cássia Moura Carvalho

1. APA Delta do Parnaíba. 2. Inventário. 3. Celebração. 4. Patrimônio
Imaterial. 5. Bom Jesus dos Navegantes. II. Título.

CDD: 394.2

ALEXSANDRA DE MORAES CERQUEIRA

A FÉ QUE ABRAÇA A BARCA: a celebração de Bom Jesus dos Navegantes
Luís Correia, Piauí, Brasil

Trabalho Final apresentado como requisito para obtenção do título de Mestre em Artes, Patrimônio e Museologia, pela Universidade Federal do Piauí, Campus Ministro Reis Veloso.
Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cássia Moura Carvalho

Trabalho apresentado e aprovado em 22 de agosto de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rita de Cássia Moura Carvalho
(Presidente | orientadora)

Profa. Dra. Áurea da Paz Pinheiro
(Avaliadora Interna | UFPI)

Prof. Dr. Heinrich Wilhelm Hegemann
(Avaliador Externo)

Profa. Mestre Ariane dos Santos Lima
(Avaliadora Externa Suplente | IFPI)

2018

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Eu, Alexandra de Moraes Cerqueira, declaro que este trabalho "A Fé que Abraça a Barca: a celebração de Bom Jesus dos Navegantes". Luís Correia, Piauí, Brasil é o resultado da minha investigação associada ao Mestrado Profissional em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Piauí (UFPI). O conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas na bibliografia ou outras listagens de fontes documentais, tais como todas as citações diretas ou indiretas têm devida indicação ao longo do trabalho segundo as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).


Alexandra de Moraes Cerqueira

Parnaíba (PI), 03 de agosto de 2018.

[...] os processos de globalização e de transformação social, ao mesmo tempo em que criam condições propícias para um diálogo renovado entre as comunidades, geram também, da mesma forma que o fenómeno da intolerância, graves riscos de deterioração, desaparecimento e destruição do património cultural imaterial, devido em particular à falta de meios para sua salvaguarda

(CONVENÇÃO PARA A SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL, Paris, 17 de outubro de 2003).

AGRADECIMENTOS

Sinto-me privilegiada pelo tema que me foi proposto pela coordenação do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia, no contexto do Projeto Matriz Ecomuseu Delta do Parnaíba (MUDE). Agradeço à Deus e à Bom Jesus dos Navegantes, por iluminarem e guiarem meu caminho, dando-me a cada dia força, coragem e fé.

Agradeço imensamente à minha família, primeiramente a minha, mãe Maria Arcanjela, pelo amor, alento e singela sabedoria. Ao meu pai, Romildo, que do céu continua emanando amor e proteção, aos meus irmãos, Francisco e Davidson, por serem meu escudo. Vocês são minha base!

Ao meu companheiro Naftalí, por sua serenidade nos momentos de angústia, pelo pai maravilhoso que é e por seu apoio incondicional durante essa trajetória. Você e sua família sempre me deram suporte nos momentos que precisei.

Com o coração repleto de amor, agradeço a minha pequena filha, guerreira, Débora, que desde o ventre acompanhou-me neste percurso de fé e superação, dando-me forças, para que juntas déssemos o melhor de nós. És um ser de luz minha filha!

As minhas orientadoras e co-orientadora, as professoras Rita de Cássia Moura Carvalho e Áurea da Paz Pinheiro, por coordenarem com sensibilidade e profissionalismo este trabalho, por serem exemplo de coragem, determinação, pro atividade e, principalmente, por terem me acolhido como uma filha.

A todos os professores do Mestrado Profissional, pela dedicação, profissionalismo e momentos de aprendizagem.

Aos professores Ariane dos Santos Lima, Marta Rosa Borin e Heinrich Wilhelm Hegemann pela leitura atenta e contribuições ao trabalho, pela solicitude e disposição.

Aos meus amigos da cidade de Piracuruca, aos companheiros e companheiras da Universidade Estadual do Piauí, em especial aos coordenadores Alcionéa Brito e Vanderlan Pinho e a tão querida Irene Magalhães; aos meus amigos e amigas do Ministério de Música da Igreja Nossa Senhora do Carmo, as quais devo citar com muito carinho, Érica Gomes, Carminha Gomes e Erisnando Negreiros, muito obrigada a todos pelo apoio, incentivo e por toda positividade.

Aos Padres Heinrich Wilhelm Hegemann e Marcelino Elias de Macedo, pela sabedoria das palavras e paz de espírito que sempre me trouxeram.

Ao meu amigo Fausto Bastos e toda sua família, pela generosidade, acolhimento e por serem extremamente solícitos.

Aos amigos que encontrei nesta jornada e que muito contribuíram para a realização deste trabalho, ao Chico Rasta, Fábio Lopes e minhas orientadoras, obrigada pela sensibilidade e o talento na captura de imagens, sons, vocês deram cores ao meu trabalho.

Aos meus amigos queridos de Piracuruca, Paula Gabrielly Cerqueira e Cristiano Farias, pelo trabalho de pesquisa, palavras de incentivo, por se apaixonarem por esta pesquisa-ação.

À comunidade de Luís Correia, em especial João Carlos Borges, historiador apaixonado pela sua terra natal, pela disponibilização de fontes históricas para a construção narrativa deste trabalho e à Claudiana Pereira e Francisca Assunção, por estarem sempre à disposição, com muita simpatia e cuidado com as informações.

À comunidade da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, de Luís Correia, pela receptividade, carinho, paciência, amizade e por todas as vezes que juntos seguimos a Barca de Bom Jesus, em especial a Marcilene Gomes e família.

Aos amigos do Coqueiro da Praia, por me receberem de braços abertos, com um sorriso largo, em especial à Tereza da Rocha Oliveira (Tetê do Coqueiro), amiga muito querida, que transpira alegria, força de vontade e carisma.

Às colegas de mestrado, que comigo partilharam das mesmas alegrias, ansiedades, angustias e conquistas, especialmente Gardênia Angelim, companheira e amiga, pelo suporte emocional, cumplicidade e por tudo que compartilhamos, à Hérica Regina, por todas as vezes que me estendeu a mão.

Que Bom Jesus dos Navegantes abençoe cada um de vocês que fazem parte desta caminhada. Serei eternamente grata a todos!

LISTA DE SIGLAS

APA - Área de Proteção Ambiental

CICZEEPI - Comissão Interinstitucional Coordenadora do Zoneamento Ecológico-Econômico do Estado do Piauí

CNFCP - Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular

CNRC - Centro Nacional de Referência Cultural

CONSEMA - Conselho Estadual do Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano

DID - Departamento de Identificação e Documentação

DOU - Diário Oficial da União

DPI - Departamento do Patrimônio Imaterial

EAD - Educação à Distância

FEMAM - Fundo Estadual do Meio Ambiente, Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Urbano

FUNDAC - Fundação Cultural do Piauí

GTPI - Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial

IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICMS - Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços

IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

INRC - Inventário Nacional de Referências Culturais

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MADE - Museu Aberto do Descobrimento

PEMCP - Política Estadual sobre Mudança do Clima e Combate à Pobreza

PIB - Produto Interno Bruto

PMFS - Planos de Manejo Florestal Sustentável

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PNPI - Programa Nacional do Patrimônio Imaterial

PPGAPM - Programa de Pós-Graduação em Artes, Patrimônio e Museologia

PRODETUR - Programa Nacional de Desenvolvimento do Turismo

PRONAC - Programa Nacional de Apoio à Cultura

PRONAF - Projeto de Fortalecimento da Agricultura Familiar

SAEB - Sistema de Avaliação da Educação Básica

SEDUC - Secretaria de Estado de Educação do Piauí

SEMAR - Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos

SEMESP - Sindicato das Mantenedoras do Ensino Superior no Brasil

SNUC - Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza

TCFA - Taxa de Controle e Fiscalização Ambiental

UC - Unidade de Conservação

UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

LISTA DE IMAGENS

- Figura 1. Localização da cidade de Luís Correia-PI - pág. 48
- Figura 2. Mapa do Macrozoneamento Urbano do município de Luís Correia - pág. 49
- Figura 3. Litoral do Piauí - pág. 50
- Figura 4. Polo Costa do Delta - pág. 52
- Figura 5. Torres Eólicas vistas do Porto - Luís Correia - PI- pág. 53
- Figura 6. Aterro do Dendê, próximo a Luís Correia - pág. 60
- Figura 7. Estação Ferroviária de Luís Correia - pág. 60
- Figura 8. Planta que mostra as fozes do Rio Parnaíba, então Província do Piauí, datado de 1826 - pág. 64
- Figura 9. Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição - Luís Correia -Piauí - pág. 65
- Figura 10. Imagem Original de Bom Jesus dos Navegantes, encontrada pelos pescadores - pág. 67
- Figura 11. Planta que mostra o sítio dos pescadores, atual ilha de Bom Jesus, datado de 1826 - pág. 71
- Figura 12. Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro - Cortejo da Procissão Marítima - pág. 74
- Figura 13. Parede dos Remos das Promessas - pág. 77
- Figura 14. Reunião para organizar a Celebração - pág. 85
- Figura 15. Saída do mastro da casa responsável - pág. 87
- Figura 16. Procissão do Mastro - pág. 87
- Figura 17. Hastearmento da Bandeira - pág. 88
- Figura 18. Os homens levam a barca até o local praça da matriz onde ocorre a Santa Missa - pág. 88
- Figura 19. Missa de Abertura - pág. 89
- Figura 20. Missa Sertaneja - pág. 93
- Figura 21. Porto Gilvan Pescados - pág. 94
- Figura 22. Cortejo até o local da Procissão Marítima - pág. 94
- Figura 23. Devoto em Prece - pág. 96

Figura 24. Procissão Marítima - pág. 97

Figura 25. Vista Panorâmica da Paróquia antes da Procissão Terrestre - pág. 99

Figura 26. Procissão Terrestre - pág. 99

Figura 27. Missa Dominical - pág. 127

Figura 28. Batizado na Celebração da Padroeira Nossa Senhora da Conceição - pág. 128

Figura: 29. Movimento Barracão - pág. 128

Figura 30. Ensaio do Ministério de Música - pág. 129

Figura 31. Roda de Conversa, Conselho Paroquial - pág. 130

Figura 32. Estaleiro do Patrick, 01 - pág. 132

Figura 33. Estaleiro do Patrick, 02 - pág. 133

RESUMO

Ao longo dos anos 2016 e 2017 estivemos imersos no cotidiano de comunidades ribeirinhas e praias da Área de Proteção Ambiental APA Delta do Parnaíba, nomeadamente no município de Luís Correia, sede e bairro Coqueiro da Praia, em um trabalho pesquisa, documentação e registros sonoros, fotográficos e audiovisuais da celebração em louvor a Bom Jesus dos Navegantes, que ocorre no município de Luís Correia, um dos dez municípios que formam a APA, provavelmente desde o final do século XX, quando pescadores locais teriam encontrado no mar, no dia 29 de junho, tempo da celebração à São Pedro, protetor dos pescadores, a imagem de Bom Jesus dos Navegantes. Os relatos orais nos informam que desde então muitas famílias, principalmente de pescadores, passaram a fazer promessas ao santo, rogando por proteção e saúde. Os ritos religiosos e os espaços sagrados se apresentam, em sua maioria, indissociáveis dos tempos históricos, culturais e sociais das cidades, representam a memória individual e coletiva. Ao considerarmos a Museologia Social como “um fazer museológico”, comprometida com as comunidades a que serve, realizamos as fases desse saber-fazer: pesquisa, documentação e comunicação do patrimônio cultural imaterial – a Celebração em louvor a Bom Jesus dos Navegantes. Usamos como técnica de pesquisa o Manual de Aplicação, que se traduz em um conjunto de instrumentos de pesquisa, que orienta o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), disponibilizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). A importância deste trabalho está em construir e comunicar fontes documentais da Celebração. Além do inventário, materializado em documentação textual, fotográfica, sonora, audiovisual, produzimos o documentário “A Fé que abraça a Barca”. Os registros em suportes diversos nos permitem o conhecimento e reconhecimento da Celebração como uma manifestação cultural ancestral, um patrimônio cultural religioso da APA Delta do Parnaíba, habitada por populações ribeirinhas, praias e deltaicas que vivem da pesca artesanal. Neste trabalho, oferecemos a nossa contribuição para o registro de formas de religiosidade e espiritualidade, democratização e fortalecimento de identidades locais, valorização, promoção e salvaguarda de memórias e histórias associadas à Celebração, destacamos as permanências e rupturas. Além do Manual de Aplicação nos valem de procedimentos metodológicos da pesquisa-ação, história oral e a etnografia.

Palavras Chave: APA Delta do Parnaíba; Inventário; Celebração; Patrimônio Imaterial; Bom Jesus dos Navegantes.

ABSTRACT

Throughout the years 2016 and 2017 we were immersed in the daily life of communities that live along the river and beach of the Environmental Protection Area APA Parnaíba Delta, namely in the municipality of Luís Correia, headquarters and neighborhood Coqueiro da Praia, in a research work, documentation and sound records, photographic and audiovisual works of the celebration in praise of Bom Jesus dos Navegantes, which takes place in the municipality of Luís Correia, one of the ten municipalities that form the APA, , probably since the end of the 20th century when local fishermen found the statue of Bom Jesus dos Navegantes in the sea on June 29th, the day of Saint Peter, protector of fishermen. The oral reports inform us that since then many families, mainly of fishermen, have come to make promises to the saint, praying for protection and health. Religious rites and sacred spaces are mostly presented inseparable from historical, social and cultural times of the cities, represent the individual and collective memory. When we consider Social Museology as a "museological work", committed to the communities it serves, we carry out the phases of this "knowing-doing": research, documentation and communication of intangible cultural heritage - the Celebration in praise of Bom Jesus dos Navegantes. We use the Application Manual as a research technique, which translates into a set of research tools, which guides the National Inventory of Cultural References (INRC), made available by the National Historical and Artistic Heritage Institute (IPHAN). The importance of this work lies in building and communicating documentary sources of the Celebration. In addition to the inventory, materialized in textual documentation, photographic, sound, audiovisual, we produced the documentary "A Fé que abraça a Barca". The records in various media allow us to know and recognize the Celebration as an ancestral cultural manifestation, a religious cultural heritage of the APA Parnaíba Delta, inhabited by riverside, beachside and deltaic populations who live from artisanal fishing. In this work, we offer our contribution to the registration of forms of religiosity and spirituality, democratization and strengthening of local identities, valorization, promotion and safeguarding of memories and stories associated with the Celebration, we highlight the permanences and ruptures. In addition to the Manual of Application we use methodological procedures of action research, oral history and ethnography.

Keywords: APA Parnaíba Delta; Inventory; Celebration; Intangible Heritage; Bom Jesus dos Navegantes.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	31
1.1 JUSTIFICATIVA	38
1.2 OBJETIVOS, METAS E ESTRATÉGIAS	41
1.2.1 OBJETIVO GERAL	41
1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	41
1.2.3 METAS	42
1.2.4 ESTRATÉGIAS	42
1.3 PÚBLICOS	43
1.4 PRODUTOS E SERVIÇOS	45
2. ESTUDO DO CONTEXTO	47
2.1 POPULAÇÃO E LOCALIZAÇÃO	47
2.2 PAISAGEM NATURAL E MEIO AMBIENTAL	50
2.3 DADOS SOCIOECONÔMICOS	54
2.4 FORMAÇÃO HISTÓRICA: DE AMARRAÇÃO A LUÍS CORREIA	55
2.5 CATOLICISMO EM LUÍS CORREIA-PIAUI	62
2.6 HISTÓRIA E RELIGIOSIDADE: A DEVOÇÃO A BOM JESUS DOS NAVEGANTES	65
2.7 ITINERÁRIO DA FÉ: A TRAJETÓRIA PARA A CONSTRUÇÃO DO INVENTÁRIO	83
2.7.1 MISSA SERTANEJA	92
2.7.2 PROCISSÃO MARÍTIMA	94
2.7.3 PROCISSÃO TERRESRE	98
3. REVISÃO DE LITERATURA	100
3.1 INVENTÁRIO PARA O PATRIMÔNIO IMATERIAL – INRC COMO INSTRUMENTO DE SALVAGUARDA	100
3.1.1 O CENTRO NACIONAL DE REFERÊNCIA CULTURAL – CAMINHOS PARA O INRC	103
3.1.2 O INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS – INRC	105
3.2 CELEBRAÇÕES E RELIGIOSIDADE	109
3.3 MEMÓRIA E IDENTIDADE	115
4. METODOLOGIA	121
5. MEMORIAL DESCRITIVO DOS PRODUTOS E SERVIÇOS	127
6. PARCEIROS E COLABORADORES	134
CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
REFERÊNCIAS	138
ANEXOS	
APÊNDICE	

1 INTRODUÇÃO

Narrar as histórias e memórias da celebração em louvor a Bom Jesus dos Navegantes, as procissões marítima e terrestre é o nosso desafio. Estivemos imersos no cotidiano dos fiéis, da vida da comunidade para ver e sentir as embarcações a flutuar mansamente sobre o tom verde singular, translúcido e cristal do mar de Luís Correia; os devotos, terços, olhares voltados para o horizonte, a imagem do Bom Jesus dos Navegantes imponente “rompendo o vento”, “amansando as águas”, “abençoando aquele lugar” e “aquelas pessoas”. O contato inicial com o território nos inquietou ao perceber que apenas a comunidade de Luís Correia, os parnaibanos¹ mais fervorosos e os devotos das comunidades rurais do entorno do município conheciam a Celebração, os demais católicos do Piauí, Nordeste e Brasil desconhecem essa manifestação cultural ancestral.

Diante dessa constatação, cada informação colhida ao longo da pesquisa-ação nos fascinava e nos mantinha atentos, envolvidos, impressionados. Surgiram inquietações, dúvidas, questionamentos que considerávamos imprescindíveis para a construção do trabalho: o que mantém viva a celebração em louvor a Bom Jesus dos Navegantes, santo protetor e não o padroeiro da cidade de Luís Correia (a padroeira é Nossa

¹ Parnaibano é o gentílico referente a quem nasce na cidade de Parnaíba no Piauí

Senhora da Conceição)? Como se originou a Celebração? Quais as permanências e rupturas na Celebração? Quais os sentidos e significado da Celebração para a comunidade católica de Luís Correia, principalmente para os pescadores? Por que, diferente da maioria das celebrações brasileiras, que ocorrem em janeiro, a celebração em honra a Bom Jesus dos Navegantes, no Piauí, ocorre em junho? De que forma a Museologia Social pode contribuir para o conhecimento, reconhecimento, promoção e salvaguarda dessa Celebração? Essas indagações nos permitiram conhecer e registrar formas de manifestação de espiritualidade da comunidade e nos possibilitou refletir sobre os métodos e técnicas de pesquisa, registro, documentação, salvaguarda e comunicação da cultura, do patrimônio. Optamos por iniciar com a etnografia e história oral, identificar os atores sociais que mantém viva a crença em Bom Jesus dos Navegantes, dentre eles os pescadores.

A devoção à Bom Jesus dos Navegantes é comemorada no dia 29 de junho. Relatos orais nos informam que remonta ao início do século XX, quando pescadores da pequena Vila de Amarração encontraram na Ilha de Bom Jesus dos Navegantes, uma imagem de Cristo feita de madeira; levaram-na ao então pároco da vila, que, juntamente com outros moradores batizaram-na de Bom Jesus dos Navegantes.

Na relação entre o pescador, lida no mar e sua espiritualidade, recorreremos ao filósofo Heráclito de Éfeso (aproximadamente 535-475 a.C.), para quem “tudo flui”, na filosofia do “devir”; o mundo é um fluxo permanente em que nada permanece idêntico, mas se transforma no seu contrário. Heráclito considerava que a água era o pior para o homem, uma vez que o rio tudo esconde nas suas profundezas. Para ele, ninguém se banha duas vezes no mesmo rio, pois quando imergimos, águas novas substituem aquelas que nos banharam antes. Assim, o pescador sabe que, embora experiente, as águas do mar não deixam de ser desconhecidas.

Amparado pela fé, roga para que tudo corra bem e entrega-se às águas profundas e mutáveis.

Esta pesquisa-ação foi realizada no município de Luís Correia-Pi, nesse território líquido, fluido, mutável, com uma cultura singular, marcada por formas de espiritualidade e religiosidade católicas, de raiz popular, manifestadas em lugares, celebrações e formas de expressão. Luís Correia, antiga Amarração, ainda permanece com outro jogo de escala: uma “vila” de pescadores e, portanto, tem uma história atravessada por vestígios do processo de colonização católica branca europeia, nomeadamente portuguesa, que além de fazer do lugar, à época da expansão territorial, um local vantajoso para os exercícios de suas atividades econômicas e políticas, introduziram traços de uma religiosidade e espiritualidade católicas, que se construiu gradativamente por meio do trabalho de catequese.

Pergunte a um pescador sobre a lida do mar e ele lhe dirá que entre as razões para manter a rotina de navegar, puxar e lançar redes pesadas ao mar, enfrentar o desconhecido e dominar o conhecimento que não se aprende na escola formal, está não somente a necessidade financeira, mas também o gosto pelo ofício. Nessa árdua e laboriosa atividade, dificilmente encontramos um pescador que não seja religioso; que não faça o sinal da cruz antes de enfrentar a primeira onda preparada pelo mar; um que não conheça uma oração e rogue por proteção; um pescador que não seja devoto a um santo, que, assim como seus familiares, não se dirija aos céus a fim de que retorne em paz ao seu lar.

As celebrações são manifestações culturais que, quando reconhecidas pela comunidade, passam a fazer parte de sua história, memória individual e coletiva, memórias transmitidas oralmente de geração a geração, que fazem parte das referências

culturais² do lugar, que se constituem em patrimônio cultural³, que se forma a partir de referências culturais presentes na história de um grupo, transmitidas ao longo de gerações; são referências que ligam as pessoas aos seus pais, avós e àqueles que viveram muito tempo antes delas.

As festas religiosas, como fenômeno cultural, têm sido redescobertas e revitalizadas como um fértil campo de investigação interdisciplinar, transcendendo visibilidade e revelando crenças e vivências demarcadas por um tempo e uma identidade coletiva (JURKEVICS, 2005).

Para o sociólogo Peter Berger (1973), no campo religioso, pela festa, tanto no sagrado quanto no profano, todas as coisas se reconciliam. É um momento de celebração da vida, o rompimento do ritmo monótono do cotidiano, o que permite ao homem experimentar afetos e emoções. Por instantes, o tempo dos relógios é suspenso, o homem experimenta o tempo mítico da eternidade e da manifestação divina, que permite a reconciliação de todos com todos. Nesse sentido, as festas revelam a essência fundante de respeito à fé e à fraternidade comunal, que alimentam as manifestações religiosas e perpetuam as tradições que constituem um verdadeiro patrimônio cultural (JURKEVICS, 2005).

2 Referências culturais são edificações e são paisagens naturais. São também as artes, os ofícios, as formas de expressão e os modos de fazer. São as festas e os lugares a que a memória e a vida social atribuem sentido diferenciado: são as consideradas mais belas, são as mais lembradas, as mais queridas. São fatos, atividades e objetos que mobilizam a gente mais próxima e que reaproximam os que estão longe, para que se reviva o sentimento de participar e de pertencer a um grupo, de possuir um lugar. Em suma, referências são objetos, práticas e lugares apropriados pela cultura na construção de sentidos de identidade, são o que popularmente se chama de raiz de uma cultura (Texto extraído do Manual de Aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais, do IPHAN, p. 8).

3 Entende-se por Patrimônio Cultural todos os bens de natureza material e imaterial que nascem a partir das referências que integram a história de determinado grupo e que são transmitidos de geração a geração. Segundo o art. 216 da Constituição Federal, incluem-se como patrimônio cultural: as formas de expressão; os modos de criar; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; além de conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988).

Assim, por se tratar de uma celebração tradicional e ancestral, propomos para este trabalho a adaptação para uso do Manual de Aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC, 2000), que disponibiliza instrumentos para identificarmos e registrarmos fontes em suportes diversos da celebração à Bom Jesus dos Navegantes. O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan⁴) nos informa que os inventários são instrumentos de preservação, que buscam identificar as diversas manifestações culturais e bens para preservação, de natureza imaterial e material, sendo seu principal objetivo compor um banco de dados que possibilite a valorização e salvaguarda, planejamento e pesquisa, conhecimento de potencialidades e educação patrimonial⁵. O artigo segundo da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial (UNESCO⁶, 2003) entende por patrimônio cultural imaterial:

[As] práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Esse patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas

4 O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) é uma instituição federal vinculada ao Ministério da Cultura, responsável por preservar, divulgar e fiscalizar os bens culturais brasileiros, além de garantir a utilização desses bens pela atual e futuras gerações.

5 A Educação Patrimonial é um instrumento de alfabetização cultural que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da autoestima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural. Disponível em < http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia_educacao_patrimonial.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2018

6 UNESCO – (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization) A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – é uma organização fundada em Paris em 4 de novembro de 1946 com o objetivo de contribuir para a paz e segurança no mundo mediante a educação, a ciência, a cultura e as comunicações.

comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (UNESCO, 2003).

O conceito de patrimônio cultural imaterial é, portanto, amplo, dotado de forte viés antropológico e contempla potencialmente expressões de todos os grupos e camadas sociais. Nesse sentido, a construção da definição do que hoje conhecemos como patrimônio imaterial está relacionada ao aprimoramento e à aplicação do inventário enquanto instrumento de preservação dos bens culturais intangíveis. Na medida em que foram sendo instrumentalizados documentos legais que compreendem a necessidade de identificar, reconhecer, salvaguardar e promover as referenciais culturais expressas pelas sociedades, também foram sendo aplicadas e testadas novas técnicas e métodos de registro, levantamento, descrição, mapeamento e catalogação do patrimônio cultural brasileiro.

Ressaltamos que a experiência metodológica deste trabalho aproxima-se da metodologia da pesquisa-ação, indicada pela coordenação do Programa de Pós-Graduação, Mestrado Profissional, em Artes, Patrimônio e Museologia (PPGAPM) da Universidade Federal do Piauí, que tem seu conceito associado à Museologia Social⁷ - cuja proposta é alcançar uma construção coletiva integral e integradora de experiências que se traduzam na valorização da cultura local, no exercício de um conhecimento

⁷ Desde 1972, em virtude das recomendações apresentadas à UNESCO pela Mesa Redonda de Santiago do Chile, posteriormente afirmadas pela Declaração de Quebec, 1984, os museus, vistos como instituições a serviço da sociedade, passaram a desempenhar sua função social, devendo intervir de forma global, utilizando-se cada vez mais da interdisciplinaridade, a fim de integrar as populações em suas ações, respondendo às necessidades das grandes massas populares que anseiam atingir melhor qualidade de vida, através do conhecimento de seu patrimônio cultural e natural, reconhecendo e fortalecendo as práticas sociais em diálogos compartilhados de saberes.

e reconhecimento do patrimônio plural, ressignificado cotidianamente, na identificação e reutilização dos processos culturais, sentidos e saberes que dão vida aos projetos realizados pelo Mestrado Profissional de forma colaborativa, participativa com as comunidades locais.

O caráter multidisciplinar e multiprofissional do Mestrado justifica o uso de metodologias participativas, dentre elas a pesquisa-ação que promove a co-implicação no trabalho dos pesquisadores e das pessoas envolvidas no projeto, um intercâmbio que permite socialidades, experiências coletivas, construção de conhecimentos teóricos e metodológicos da pesquisa. Segundo Thiollent,

Apesquisa-açãoéumtipodepesquisasocialque é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo e participativo (THIOLLENT, 1985, p. 14).

Ao optar pela pesquisa-ação, o investigador busca estabelecer uma relação entre o conhecimento e a ação, entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada e desses com a realidade. Além de aprofundar conceitos, metodologias e ações que considerem indispensáveis às demandas das comunidades educacionais, culturais e do patrimônio, a coordenação do PPGAPM procura desenvolver trabalhos, estudos e pesquisas que considerem o enriquecimento e ressignificação das pessoas, dos grupos, evidenciando assim, os conhecimentos plurais que veiculam os espaços de emancipação e democracia participativa que requerem.

À aplicabilidade da pesquisa-ação, aliamos ainda os métodos

e técnicas da pesquisa etnográfica, história oral e filme documentário. Paralelamente aos procedimentos metodológicos, realizamos uma revisão de literatura referente a celebrações, conceitos de religiosidade, memória e identidade. Valemo-nos das contribuições de ALVES e JUNQUEIRA (2006); CAILLOIS (1988); HALBWACHS (2006); CANDAU (2011). No estudo do contexto apresentamos inicialmente as características históricas, sociais, culturais e econômicas do município de Luís Correia, abordamos os patrimônios naturais e culturais do município, para, em seguida, apresentarmos o conhecimento que adquirimos da Celebração em louvor a Bom Jesus dos Navegantes, suas histórias e memórias, seu sentido para a comunidade católica, suas transformações e ainda como a comunidade se envolveu com a pesquisa-ação.

Este trabalho tem como resultado, além da produção textual técnico-científico, a construção do Inventário da Celebração de Bom Jesus dos Navegantes – um documentário etnográfico intitulado “A fé que abraça a barca”, no qual apresentamos a experiência do filme etnográfico, sua natureza sensível, que nos permite vivenciar o cotidiano do lugar, das pessoas e de suas relações com o patrimônio cultural do qual são detentoras. Nos apêndices do trabalho constam as fichas do Inventário da Celebração de Bom Jesus dos Navegantes e a transcrição das entrevistas temáticas.

1.1 Justificativa

As festas populares e religiosas traduzem a linguagem do povo, a cultura popular, tudo que vem do povo e da sua alma. As celebrações religiosas articulam outros elementos e manifestações culturais como expressões artísticas visuais (bandeiras, altares, andores, flores, máscaras, arraiais), culinária, cantos, danças, encenações – tudo relacionado ao universo simbólico da riqueza e da dinâmica cultural brasileira. Segundo

Márcia Sant'Anna:

As celebrações são reveladoras dos nossos modos, particulares ou comuns, de criar, fazer e viver pelo Brasil afora. Constituem espaços de sociabilidade, de afirmação de pertencimento, de formação e reprodução social. O fato de fazerem sentido para diferentes grupos sociais no mundo contemporâneo revela não apenas a formidável continuidade histórica de suas expressões como também a capacidade de transformação, ressignificação e reiteração dos seus elementos essenciais (2009, p. 03).

Portanto, as celebrações são ritos e festividades que marcam a vivência coletiva de um grupo social, considerados importantes para a sua cultura, memória e identidade; acontecem em lugares ou territórios específicos e podem estar relacionadas à religião, à civilidade, aos ciclos do calendário etc. São ocasiões diferenciadas de sociabilidade que envolvem práticas complexas e regras próprias para a distribuição de papéis, preparação e consumo de comidas e bebidas, produção de vestuário e indumentárias, entre outras manifestações culturais.

O município de Luís Correia possui uma população de 28.406 habitantes, dos quais 24.891, 87, 62%, declaram-se católicos. Compreende uma área de valor intrínseco da diversidade biológica e dos valores ecológico, genético, social, econômico, científico, educacional e cultural da zona costeira piauiense. Abriga comunidades de pescadores artesanais com modos de saber-fazer ancestrais ainda vivos, o que revela uma marca de identidade relacionada às relações simbióticas entre o ser humano, território e patrimônio cultural.

Em Luís Correia, diferente da maioria das cidades piauienses, existe a padroeira da cidade, Nossa Senhora da Conceição, e co-padroeiros, como Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro, cujas

festas se igualam em importância às comemorações da Santa padroeira mor. A celebração se inicia no dia 19 de junho com a procissão do mastro e hasteamento da bandeira, segue em onze dias de novena, com várias outras atividades organizadas e realizadas pela Paróquia e comunidade. O encerramento ocorre dia 29 em comemoração a São Pedro, padroeiro dos pescadores. Nesse dia, ápice da celebração, ocorrem as procissões marítima e terrestre, finalizando com a missa campal e grande festa na frente da Igreja matriz.

A celebração em louvor a Bom Jesus dos Navegantes é parte da vida da comunidade de Luís Correia, em sua maioria os pescadores. Até este trabalho, não havia registros sonoros, fotográficos, audiovisuais, entrevistas temáticas, mas uma ínfima literatura e documentos dispersos sobre a celebração, cujas histórias e memórias se entrelaçam com a cidade. Os relatos orais nos informam que a Celebração remonta ao início do século XX, portanto parte não somente da trajetória religiosa, mas, e também, histórica, social e cultural do município, mantendo-se viva até os dias atuais, com transformações e ressignificações, com permanências e rupturas ao longo do tempo, sem registros consistentes.

A considerar a museologia social como processo e fenômeno, acreditamos na necessidade de pesquisar, documentar e comunicar as histórias e memórias das comunidades. Chagas e Gouveia (2014) afirmam que o sentido da museologia social não é o fato dela existir em sociedade, mas sim, os compromissos sociais que assume e com os quais se vincula.

Acreditamos que os métodos e técnicas da pesquisa socioaplicada nos permitiram conhecer as histórias e memórias da cidade de Luís Correia, tomando como referência a espiritualidade e religiosidade de uma cultura ancestral viva e pulsante, representativa de uma parte significativa da comunidade. Com o desejo de registrar formas de fé das

populações residentes ao longo de gerações, realizamos pesquisa nos acervos da Paróquia, bibliotecas locais e escolas privadas e públicas. Acervo identificado e analisado de forma científica, sensível, para conseguirmos construir uma versão da história da celebração à Bom Jesus dos Navegantes, até então sem registros dessa natureza, contribuindo para o seu conhecimento, reconhecimento e salvaguarda.

1.2 Objetivos, Metas e Estratégias

1.2.1 Objetivo Geral:

- Pesquisar, documentar e comunicar em suportes diversos: textuais, sonoros, audiovisuais e escritos, a celebração em louvor a Bom Jesus dos Navegantes, como manifestação cultural imaterial, patrimônio religioso do Piauí, para valorizar, promover e salvaguardar a Celebração.

1.2.2 Objetivos Específicos:

- Criar um conjunto de fontes documentais em suportes diversos sobre a celebração em honra e louvor a Bom Jesus dos Navegantes, de forma a ser usada em pesquisas futuras, permitindo o conhecimento e reconhecimento de formas de religiosidade e espiritualidade ancestral, contribuindo para sua salvaguarda;
- Capturar as emoções, manifestações de fé vivificadas, entregas espiritual e devocional dos fiéis ao santo Bom Jesus dos Navegantes, demonstrando como os ritos religiosos e os espaços sagrados se

apresentam indissociáveis da trajetória histórica, cultural e social das cidades aos quais pertencem.

- Ampliar as ações de salvaguarda e de educação patrimonial junto à sociedade, especialmente entre a comunidade de educadores, pesquisadores e religiosos, a fim de promover e proteger memórias e manifestações culturais significativas da cultura local.

1.2.3 Metas

- Elaborar uma narrativa escrita a partir das constituições em suportes diversos da Celebração, permitindo o conhecimento e reconhecimento da Celebração;
- Produzir um documentário de 15 minutos sobre a Celebração.

1.2.4 Estratégias

Com o uso da pesquisa histórica, registros sonoros, fotográficos e audiovisuais, métodos e técnicas da história oral e etnografia, nos aproximamos da comunidade de fiéis e dos padres, participando das várias atividades e celebrações promovidas pela Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, em Luís Correia. Realizamos reuniões com os membros do Conselho Paroquial e representantes da comunidade, caminhamos pela cidade, registramos histórias e memórias da cidade, das pessoas, dos patrimônios locais: O Porto do Senhor Gilvan - lugar de saída da Procissão marítima; o Estaleiro, a Ponte de Ferro, a Estação de Trem, a Prefeitura, o Sindicato de Pesca, a Associação de Pesca e a Colônia de Pescadores. Além disso, à medida que nos engajávamos nas atividades dos grupos e pastorais, nas missas e

outras festividades da Paroquia, acompanhando os preparativos da festa e compreendendo como ocorre a participação do poder local, dos membros do Conselho Paroquial, da Igreja e da comunidade católica em geral, conseguimos realizar entrevistas temáticas que contribuíram para compreendermos as dinâmicas da Celebração; construímos, com o uso adaptado do Manual de Aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) que nos ofereceram suporte para elaborar o conceito e roteiro desta escrita e documentário.

1.3 Públicos

A pesquisa-ação, ao procurar estabelecer uma relação entre conhecimento e ação e entre os pesquisadores e as pessoas implicadas no processo investigativo, nos permitiu aplicar a museologia social da qual nos fala Fernández (1999).

El funcionamiento del nuevo museo está basado en la participación activa de los miembros de la comunidad. (...) Este tipo de trabajo museístico está basado en el diálogo entre el museólogo y los miembros de la comunidad. Éstos no serán ya más considerados como objetos de estudio, ni como receptores pasivos del mensaje del museólogo, sino como sujetos que son expertos en las cuestiones concernientes a su propia historia y entorno (op. cit., p. 108).

Por isso, somos sabedores da responsabilidade que nos cabe, ao entrar em contato direto com os protagonistas de nossa pesquisa e que, ao mesmo tempo, foram nossos maiores colaboradores nesse processo investigativo. Assim, esse trabalho se destina:

- À comunidade acadêmica: A comunidade acadêmica da qual nos referimos compreende as Instituições de Ensino Superior Públicas e Privadas do Estado do Piauí, vez que esta celebração por se tratar de uma manifestação cultural ancestral, faz parte da identidade regional do Piauí.
- À Diocese Parnaibana: A Diocese de Parnaíba é uma circunscrição eclesiástica da Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil, criada no dia 16 de Dezembro de 1944 pela bula (Ad Dominici gregis bonum do Papa Pio XII). Sediada em Parnaíba, no estado do Piauí, é presidida pelo Bispo Dom Juarez Sousa da Silva e tem como componentes os padres pertencentes a Diocese.
- Às Instituições do município: Prefeitura Municipal de Luís Correia, Escolas Municipais e Estaduais.
- À comunidade católica local: A comunidade católica é compreendida, fundamentalmente, como um grupo de pessoas que se organiza socialmente para elaborar e sustentar suas crenças e sentimentos religiosos por meio de uma prática comum de oração, ritos religiosos e ações adversas. Além dos devotos e promesseiros, que não estão envolvidos diretamente na organização das atividades da Paroquia da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição em Luís Correia, também faz parte da comunidade católica local: Terços: Terço da Divina Providência, Terço dos Homens e Terço da Misericórdia; Pastorais: Dízimo, Apostolado da Oração, Criança, Familiar e Catequese; Movimentos: Sacerdotal Mariano, Mãe Rainha e Barracão (alimentação); Grupos: Filhos de Maria, COMIPA, Acólitos, Ministros da Santa Comunhão,

Sementes de São Francisco e ECC e Ministério de Música.

1.4 Produtos e Serviços

Inicialmente o trabalho propôs um inventário sobre a Celebração de Bom Jesus dos Navegantes, que ocorre em Luís Correia-PI, por meio do qual foram preenchidas as fichas do Manual de Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) referentes à identificação do sítio, a identificação da localidade, ficha de identificação das celebrações e ainda, o questionário de identificação das celebrações, no sentido de compreender respectivamente o entrelaçar histórico do surgimento da devoção à Bom Jesus dos Navegantes com as transformações culturais e histórico-sociais do município. Bem como, construir a narrativa histórica da celebração com base no encontro do objeto religioso/ imagem que foi encontrada no mar pelos pescadores.

A partir do inventário, foi produzido o documentário etnográfico *A fé que abraça a barca*, por meio do qual demonstramos toda a experiência fílmica sensível vivenciada, a maneira como se desenvolve a celebração, a forma como as pessoas interagem nesse espaço "sagrado", a fim de dar a comunidade mais razões para que, valorizarem e compreendam a importância da celebração como construção da identidade local.

Para tanto, é importante dizer que os serviços que esta pesquisa promoveu a comunidade foram os momentos de conversa e interação promovidos, através das reuniões e das rodas de conversas que ocorreram antes e durante da celebração.

Por meio de um processo dialógico, abordamos as questões referentes ao patrimônio imaterial, e ainda, os conceitos de memória, identidade e pertencimento.

2 ESTUDO DO CONTEXTO

A Celebração de Bom Jesus dos Navegantes é reconhecida pela comunidade católica de Luís Correia como manifestação cultural ancestral, na qual traz em sua narrativa de fé e devoção as memórias individuais e coletivas das pessoas deste lugar. Assim, a história desta tradição, também se entrelaça com os processos de desenvolvimento ocorridos em Luís Correia.

Diante disso, consideramos pertinente apresentarmos inicialmente as idiosincrasias e singularidades ambientais, sociais, culturais e históricas de Luís Correia, a fim de compreendermos as interrelações entre esta comunidade de pescadores, com o meio ambiente e suas experiências religiosas. Para em seguida, adentrarmos na história da devoção a Bom Jesus dos Navegantes, discorrendo sobre suas particularidades, permanências e rupturas e, ainda, como se deu a trajetória para a construção do inventário, os caminhos, as escolhas e as descobertas.

2.1 População e Localização

O município de Luís Correia, cujo gentílico é “luís-correiense”, está localizado a 365 km² de distância da capital do Piauí, Teresina (Figura 1).

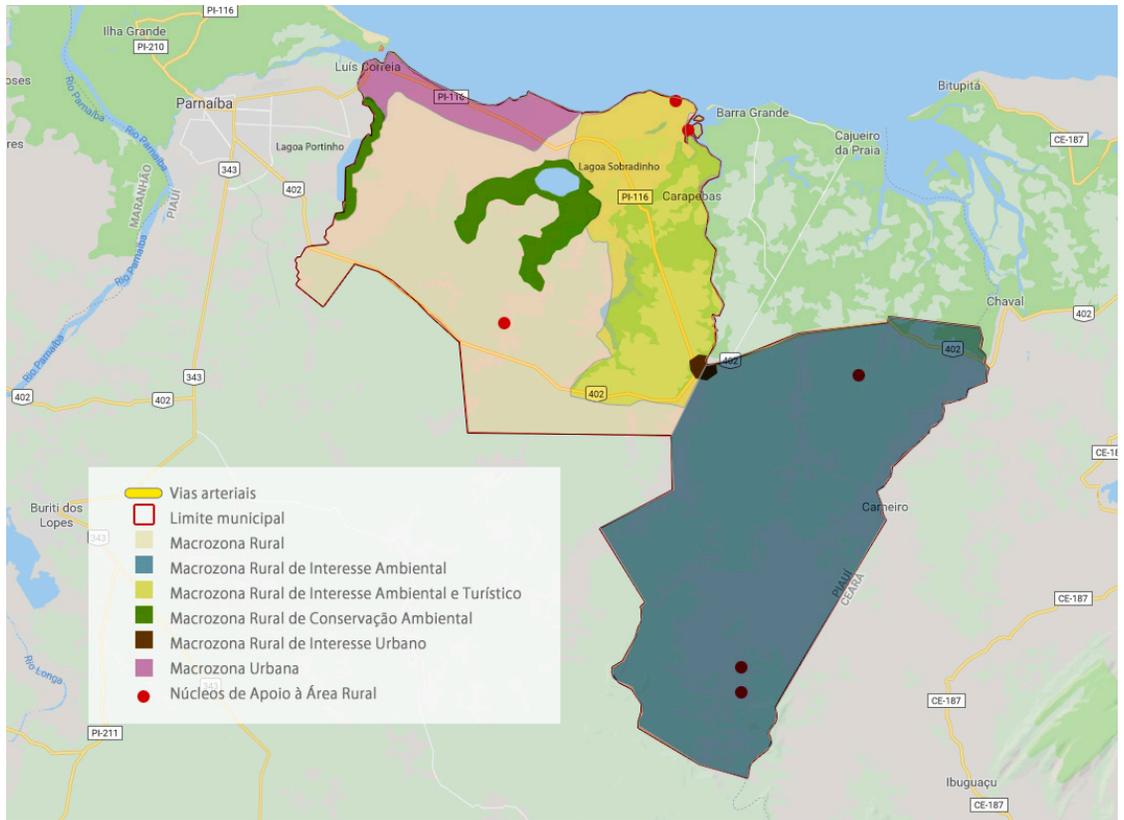
Figura 1. Localização da cidade de Luís Correia-PI.



Fonte: www.mapa.pi.gov.br (Adaptado por Fábio Lopes)

A população do município é de 28.406 habitantes. Possui uma área irregular de 1.070,926 km², com população declarada católica de 24.891 pessoas, o que dá 87,62% do total. O município está situado na microrregião do Litoral Piauiense, tendo como limites; ao norte o oceano Atlântico, ao sul município de Cocal, a leste Cajueiro da Praia e o estado do Ceará, e a oeste Parnaíba e Bom Princípio do Piauí (Figura 2).

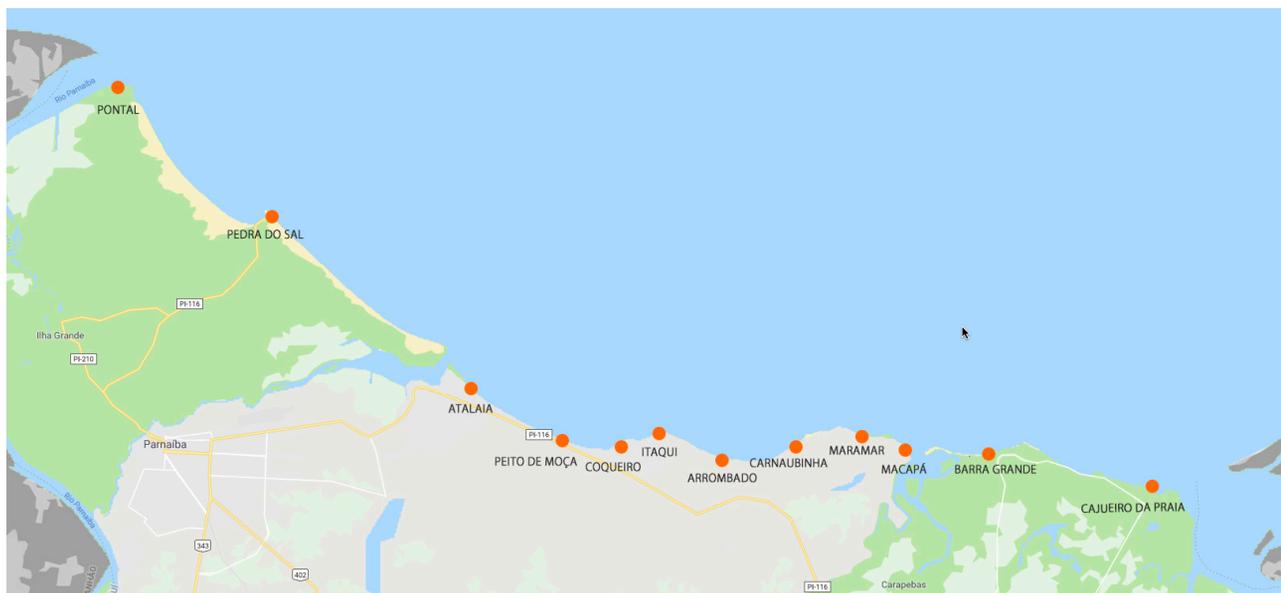
Figura 2. Mapa do Macrozoneamento Urbano do município de Luís Correia.



Fonte: Plano Diretor da Cidade de Luís Correia/PI (Adaptado por Fábio Lopes)

Encontra-se entre os municípios de Cajueiro da Praia e Parnaíba, sendo a maior cidade do polo em extensão territorial, abriga 26 povoados, com 1.071 km², além de possuir a maior extensão litorânea do Piauí, com aproximadamente 46 km. Dispõe da maior quantidade de praias, dentre as quais podemos destacar: Praia de Atalaia, Praia das Dunas, Praia Caminho do Sol, Praia Peito de Moça, Praia do Coqueiro, Praia de Itaqui, Praia do Arrombado, Praia de Carnaubinha, Praia de Macapá e Praia do Barro Preto (Figura 3). Sendo, algumas delas dotadas de infraestrutura para atender à demanda de turistas que procuram principalmente atividades de lazer vinculadas ao segmento de sol e praia, destacando-se a Praia de Atalaia e a Praia do Coqueiro.

Figura 3. Litoral do Piauí.



Fonte: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBIO (Adaptado por Fábio Lopes)

2.2 Paisagem Natural e Meio Ambiente

O município de Luís Correia, antiga vila de Amarração, compreende parte da região do Polo da Costa do Delta, juntamente com os municípios Cajueiro da Praia, Parnaíba e Ilha Grande; integra a Área de Proteção Ambiental (APA) do Delta do Parnaíba, uma das três Unidades de Conservação⁸ Federal da categoria sustentável protegidas pelo Polo.

Além disso, compreende uma área de grande valor intrínseco da diversidade biológica e dos valores ecológico, genético, social, econômico, científico e cultural da zona costeira piauiense. Abrigando comunidades com uma cultura ancestral, modos de saber fazer associados à pesca artesanal, o que revela uma marca de identidade relacionada às relações simbióticas entre o ser humano, território e patrimônio ancestral.

De acordo o Relatório de Avaliação Ambiental Estratégica,

8 Unidade de Conservação (UC) é a denominação dada pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC) (Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000) às áreas naturais passíveis de proteção por suas características especiais. Disponível em: <www.oeco.org.br/dicionario-ambiental/27099-o-que-sao-unidades-de-conservacao/>

realizado em 2010, pelo Programa Nacional de Desenvolvimento do Turismo (PRODETUR) do Estado do Piauí, o Estado possui duas grandes áreas: o Polo da Costa do Delta⁹ e o Polo da Costa das Origens. O Polo Costa do Delta está localizado na região litorânea do Piauí e apresenta características peculiares que compõem o principal produto turístico do estado. A região do polo contempla os quatro municípios localizados na faixa litorânea do estado: Cajueiro da Praia, Luís Correia, Parnaíba e Ilha Grande. Tal região tem uma diversidade biológica e também paisagística relevante para o estado e o país, sendo que o maior destaque em termos de singularidade encontra-se no Delta do Rio Parnaíba, reconhecido como o único das Américas em mar aberto.

Além disso, várias praias pouco habitadas, áreas de mangue, floresta de transição e espécies, algumas em risco de extinção, caracterizam a importância ambiental do polo. O que o torna importante não somente para a atividade turística, mas também no sentido da conservação da diversidade ambiental e paisagística do país.

O Delta é formado por extensas planícies fluviomarinhas, cortadas por uma rede de canais que deságuam no mar, formando um arquipélago composto por 78 ilhas e ilhotas. Essas ilhas e ilhotas são ladeadas por dunas e lagoas, formando um sistema complexo onde convivem espécies de mangue com porte de floresta tropical, igarapés de vegetação fechada e uma rica fauna (Figura 4). Além disso, o Polo da Costa do Delta possui diversas praias de interesse turístico por sua beleza cênica, muitas ainda em estado natural, ou pouco antropizadas, com dunas fixas e móveis. Completando o cenário há lagoas de grande beleza e atração, sendo as mais conhecidas a Lagoa do Portinho, de Sobradinho e do Peba¹⁰.

⁹ Abordaremos somente o Polo da Costa do Delta, por compreendermos que é o foco desse trabalho.

¹⁰ Disponível: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/DPROD/AVALIACAO_AMBIENTAL/PI/AAE_PI.pdf

Figura 4. Polo Costa do Delta



Fonte: www.180graus.com

Sabemos que é indiscutível a riqueza e a beleza que correspondem ao Polo, porém, estudos observaram que na APA, nas regiões onde foram implantados os Parques Eólicos – mais especificamente na comunidade da Pedra do Sal – são sérios os danos provocados ao meio ambiente, tais como o impacto visual e ruídos produzidos pelas turbinas eólicas, que muito prejudicam a saúde humana. Castro (2005, p.17) menciona que “os postes que suportam as linhas de transporte de energia, e que existem um pouco por toda parte, são, pelo menos, igualmente intrusivos”.

Em Luís Correia, também podemos avistar as torres eólicas que destoam em relação à paisagem cultural¹¹ do lugar (Figura 5). Mas,

¹¹ Entendemos aqui que as paisagens naturais são as expressões dos elementos da natureza que não se modificaram ou que foram pouco alterados pelo ser humano, como o espaço de uma floresta virgem ou o topo de uma montanha. Em algumas definições, esse conceito também abrange regiões naturais consideradas inóspitas, ou seja, que não apresentam condições para a manutenção da vida do homem, como uma área de um deserto. As paisagens culturais – também chamadas de paisagens antrópicas – são as expressões das atividades humanas. Elas constroem-se a partir da utilização e transformação dos elementos da natureza pelas atividades realizadas pelo homem. Portanto, todas as edificações artificialmente construídas, bem como as intervenções não naturais sobre o espaço constituem paisagens culturais, como o

Figura 5: Torres Eólicas vistas do Porto – Luís Correia – PI.



Fonte: Alexandra de Moraes Cerqueira, 2017

além dos impactos visuais e sonoros, também se reconhecem os impactos ambientais gerados sobre a fauna e flora, tanto durante a fase de construção como na fase de operação. Existem, ainda, os impactos recorrentes que são a supressão da vegetação, remoção de terra e compactação do terreno por máquinas (BARBOSA; SOARES, 2010).

Afirmam ainda Barbosa e Soares (2010) que os impactos sobre a fauna alada e terrestre podem ser de forma direta e direta, como danos sobre as aves; risco de colisão com os aerogeradores; colisão com as linhas de transporte de energia; alteração no processo reprodutor; de perturbação na migração; perda de habitat de reprodução e alimentação [...]. E, ainda, a grande ameaça à população de morcegos que tem como principal causa

espaço de uma cidade ou um campo de produção agrícola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/paisagem-cultural-paisagem-natural.htm>.

de morte a queda repentina de pressão próxima das estruturas dos aerogeradores.

Sobre a fauna terrestre, reconhecem-se impactos como alterações em seus habitats, uma vez que são atingidos durante a fase de implementação das Usinas Eólicas, com o aumento da movimentação e ruído na fase de implementação, que tende a afugentar os animais para outras localidades e provocar atropelamentos ou outros tipos de acidentes nas rodovias. Citam, também, como principais impactos sobre o meio físico a degradação da área afetada e alteração do nível hidrostático do lençol freático (BARBOSA; SOARES, 2010).

Compreendemos, assim, que Luís Correia é um território rico em diversidade biológica e cultural, pois possui bens culturais que se destacam tanto por sua paisagem natural, quanto cultural e, assim como tantas outras comunidades tradicionais, praias ou ribeirinhas, sua população tem dificuldades para reconhecer ou identificar o que lhes compete como patrimônio. Por esse motivo, fez-se necessário o inventário da celebração, a fim de coletarmos informações e dados inerentes, dessa manifestação cultural, mas que também, compõem as referências sociais e culturais deste território.

2.3 Dados Socioeconômicos

Comparado aos outros municípios que compreendem o Polo Costa do Delta, localizado na região litorânea do Piauí, o município de Luís Correia tem as principais atividades econômicas voltadas ao setor primário e de serviços, com destaque para a produção agrícola e extração da cera de carnaúba, apresentando um PIB total de 26.900 reais, inerente a toda a produção anual de bens e serviços ocorrida dentro do município. A ampla extensão territorial do município proporciona uma grande diversidade de ambiente entre praias, dunas móveis e fixas, lagoas e uma

extensa vegetação de transição. Porém, a pouca estruturação e o crescimento urbano não ordenado prejudicam tais ambientes.

De acordo com a avaliação realizada em 2009, pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), em linhas gerais, o nível de escolaridade da população na região é baixo, restringindo-se a uma pequena parcela das pessoas que possuem acesso à educação e que, na sua maioria, conclui apenas o Ensino Fundamental. Além disso, a carência na educação básica, bem como de cursos profissionalizantes acarretam na contratação de profissionais provenientes de outros estados para exercerem funções especializadas vinculadas a determinados setores, tais como hotéis, restaurantes, passeios turísticos, etc. Outro aspecto relevante, para a qualificação profissional, refere-se à renda média do trabalhador, o que reflete diretamente no poder de compra e, portanto, na qualidade de vida do profissional. A qualidade de vida e a perspectiva de crescimento profissional são fatores relevantes para a qualificação do setor de serviços.

Tal questão é de extrema importância, já que a falta de investimentos na capacitação profissional da população local – de forma que acessem os benefícios do aumento do turismo – acaba por gerar um ciclo perturbador de pobreza, no qual a população local torna-se excluída do processo econômico promovido pela atividade turística por não estar capacitada, acessando somente o subemprego. Tal exclusão, além de ser econômica também é cultural, já que juntamente com a impossibilidade do emprego muitas vezes perdem seu território, seus meios de produção e seus modos de fazer.

2.4 Formação histórica: de Amarração a Luís Correia

De acordo com a Carta Régia de 1697, do Rei de Portugal, enviada ao Governador de Pernambuco, Caetano de Melo e Castro, o limite do Piauí com o Ceará, no litoral, era pelo Rio

Timonha, em toda sua extensão, desde sua nascente, na Serra da Ibiapaba, até a foz em Cajueiro da Praia. Portanto, Amarração já pertencia ao Piauí.

A região tinha como defensores naturais os índios Tremembés. Com sua extinção pelos colonizadores, os pescadores cearenses ali foram se instalando. A vila recebeu este nome, porque era o local onde os pescadores amarravam os seus barcos. Por volta de 1820, esta colônia de pescadores, era principalmente de cearenses, começou a receber a visita de padres vindos da Vila de Granja, Ceará, que vinham em missões religiosas, especialmente batismos e casamentos. Com as secas que aconteciam na vizinha Província, o lugar foi recebendo imigrantes e passou a ter transações comerciais com a vila cearense.

Mais tarde, durante a guerra dos Balaios, por sua estratégica posição geográfica, tornou-se local de desembarque das tropas que combatiam os revoltosos, servindo de comunicação com as províncias limítrofes e Capital do Império¹².

Aproveitando-se dos laços familiares comerciais criados, a Assembleia Provincial do Ceará, mediante Lei n° 1,177, de 29 de agosto de 1865, criou, em Amarração, uma Freguesia pertencente à Vila de Granja. Em 1868, foi iniciada a construção da Igreja Nossa Senhora da Conceição.

Por meio da Lei n° 1.360, de novembro de 1870, o governo do Ceará transfere a sede da Freguesia de Santo Antônio de Ibuçu, para a capela de Nossa Senhora da Conceição, essa só foi concluída em 1879 e passa a ser Matriz, graças ao reforço dos cearenses que fugiam da seca de 1877. O Dr. Raymundo Theodorico de Castro Silva, então Presidente da Província do Piauí - Império de 1883, em seus registros da 2ª Sessão Ordinária da 25ª Legislatura da Assembleia Provincial, discorre sobre Amarração:

12 Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/piaui/luiscorreia.pdf>

Esta villa está situada no litoral, em uma ponta formada pelo rio Iguarassu que se dilata para Oeste pelo grande Igarapê chamado Iguarassu que lhe fica a S. e pelo canal do funil que se estende para N. E., em terreno arenoso, em parte alagado pela maré. A villa consta pouco mais ou menos de cem casas cobertas de telha e outras tantas de palha, dispostas em arruamento regular, tem uma igreja matriz de sofrível aparência, construída em 1878 pelos imigrantes do Ceará, um porto fiscal da Alfandega, um trapiche para carga e descarga dos navios, cemitério, duas cadeiras públicas de instrução primária e duas particulares. A villa da Amarração pela sua boa posição topográfica, sendo o único ponto de embarque e desembarque de todos os gêneros de comercio da Província, frequentado o seu porto por muitas embarcações de vela e à vapor, de longo curso e cabotagem, que descarregam suas mercadorias e voltam carregados de gêneros do paiz, avultando o comercio de gado vacum para Cajêna e Pará, tudo isso tem concorrido pra o progressivo desenvolvimento que tem tido o lugar, prometendo-lhe ainda um futuro muito prospero e vantajoso. [...] A povoação da amarração remonta-se aos anos de 1820, quando alguns pescadores alli se fixaram; mais tarde, no período da guerra dos Balaios, tornou-se o ponto de desembarque das tropas que vinham bater revoltosos n'esta província, e ao mesmo tempo de comunicação com as províncias limítrofes da Corte do Império, por intermédio dos navios de guerra que ali ancoravam. [...] (SILVA, 1883, p. 239-242).

Por meio da Lei Estadual nº 1.596, de 05 de agosto de 1874, cria-se o distrito, elevando à categoria de vila, com a denominação de Amarração, constituído do distrito sede e instalado em 23 de junho de 1879. Dessa maneira, por se julgarem donos do que de fato não lhes pertencia, os cearenses oficializaram a ocupação indevida. Só após muitas lutas, no ano seguinte, Dom Pedro II

assinou o Decreto nº 3.012, de 22 de outubro de 1880 autorizando uma troca, nas seguintes condições:

Art. 1º. É anexado à Província do Ceará o território da comarca do Príncipe Imperial, da Província do Piauí, servindo de linha divisória das duas províncias a Serra Grande ou da Ibiapaba, sem outra interrupção além da do rio Puty, no ponto do Boqueirão, e pertencendo à Província do Piauí todas as vertentes occidentaes da mesma serra, nessa parte e à do Ceará aos orientaes”. Art. 2º. Fica pertencendo à Província do Piauí a freguezia da Amarração com os limites que estabeleceu a lei provincial do Ceará nº 1.360 de 5 de novembro de 1870, a saber: da barra do rio Timonio, rio S. João da Praia acima; até a barra do riacho, que segue para Santa Roza e d’ahi em rumo direito a Serra de Santa Rita, até o Pico da Serra Cocal, terreno do Piauí”. Art. 3º. A linha divisória ecclesiástica será idêntica civil que fica estabelecida, sendo o Governo autorizado para solicitar da Santa Sé as necessárias bulas. (SILVA, 1883, p. 239-242).

Inconformado, o Ceará usurpou, também, Independência (região de Crateús), o que tornou essa transação motivo de litígio entre o Ceará e o Piauí até hoje. Amarração foi o primeiro Município do Piauí a libertar escravos, por iniciativa do Comendador Joaquim Rodrigues da Costa que, em 1886, liberou os 14 que possuía.

A Vila desenvolveu-se rapidamente. O porto marítimo recebia pequenos vapores do Maranhão, Pará, Ceará e Pernambuco e navios de longo curso da Guiana Francesa para a Inglaterra. As companhias de navegação construíram sólidos e espaçosos armazéns. Em 1888, parte da localidade foi destruída por grandes marés, agravada pelas dunas, obrigando os habitantes a deixarem suas casas e o próprio lugar.

Posteriormente, em 13 de maio de 1922, foi inaugurada a estação da Estrada de Ferro Central do Piauí (Figura 6) e em 12 de agosto do mesmo ano, o Presidente Epitácio Pessoa autorizava a construção do porto. A linha da Estrada de Ferro Central do Piauí ligava o Porto de Luís Correia à estação Cocal. Até 1937, teve um lento prosseguimento até alcançar Piri-piri nesse mesmo ano¹³. Atualmente a Estação Ferroviária de Luís Correia, encontra-se abandonada (Figura 7).

[...] a pitoresca villa, cujo nome serve de epígrafe a estas linhas, distante desta cidade apenas 16 kilometros, está destinada a um grande futuro. Durante longos anos, pesou sobre ella, esmagadoramente, a mão rude da mais feroz perseguição da natureza. A semelhança dum pequeno sahara, as areias movediças impelidas pelo vento impetuoso e forte soterravam os prédios erguendo sobre eles immensas pyramides de areia ou de ouro, que emprestavam àquela pobre terra, uma belleza sinistra e aterradora. Em 1911, porém, o eminente e boníssimo Piauhyense, o então deputado federal, Dr. Joaquim de Lima Pires Ferreira, volveu ás vistas para a infeliz Amarração e obteve do Governo federal uma commissão de melhoramento para seu porto que valiosíssimos serviços tem pretado àquella villa, distinguindo-se e salientando-se a paralisação das dunas, levando a efeito durante um trabalho tenaz e perseverante de doze annos. Com a construção do Porto, que está sendo providenciada, Amarração, como a Phenix da fábula, ressurgirá de suas próprias cinzas. Um futuro grandioso aguarda a sympatica villa, já possuidora de um clima adorável e suavemente bafeijada pela amena brisa do mar (ALMANACK DA PARNAHYBA, 1924, p. 09).

13 Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/ma-pi/luizcorrea.htm>

Assim, pelo decreto estadual nº 1279, de 26 de junho de 1931, foi extinto o município de Amarração, sendo seu território anexado ao município de Parnaíba, como simples distrito. E

Figura 6: Aterro do Dendê, próximo a Luís Correia. Vê-se abaixo um auto de linha, aparentemente. Se a data da foto (1921) estiver correta, tratava-se ainda do trecho férreo em construção.



Fonte: Acervo Pessoal, Eliane Machado.

Figura 7: Estação Ferroviária de Luís Correia.



Fonte: Alessandra de Moraes Cerqueira, 2017

pela lei estadual nº 6, de 04 de setembro de 1935, teve o nome mudado para Luís Correia, em homenagem ao então ilustre filho da Terra, Luís de Moraes Correia, jornalista e literato. Com essa denominação, foi elevado à categoria de município, pelo decreto estadual nº 167, de 26 de junho de 1938, foi constituído do distrito sede e instalado em 1º de janeiro de 1939.

A Celebração à Bom Jesus dos Navegantes foi se transformando e se resignificando ao longo do tempo. Assim, como muitas celebrações interioranas, a festa celebrada em honra a Bom Jesus não só atraía os fiéis e devotos ao Santo, mas todos aqueles que queriam participar das grandes festas que ocorriam após as Santas Missas. Com a construção da ponte de ferro e a chegada do trem, durante sessenta anos, de 1922 a 1982, muitas pessoas vindas de municípios vizinhos, como Paranaíba, iam prestigiar o Festejo de Bom Jesus. Assim, a celebração agradava não somente aqueles que buscavam conforto espiritual, mas também aqueles que se interessavam pelas festas, pelas comidas e bebidas. Como assevera Machado (2002, p.344), “a festa é um dos momentos de realizar o encontro com as raízes fundantes, de estabelecer parceiros, de (re) construir uma humanização perdida”. Nesse sentido, Passos afirma que,

As festas religiosas têm um cunho social com música, canto, fogos de artifício. Expressão de alegria e de vida. Prevalecem os sentidos, o sentimento, o desejo, a expressão dos corpos. Assim a religião e expressão de arte se confundem. Evocam ao invés de impor, simbolizam ao invés de sinalizar. Não se baseiam, a priori, em conhecimentos. Predomina o motivo comunitário, a participação de todos, o que reforça o espírito comunitário. (PASSOS, 2002, p.185).

Atualmente, a Celebração a Bom Jesus dos Navegantes está mais voltada para a comunidade católica que participa das

atividades e das celebrações que ocorrem na igreja. Sendo assim, aqueles que participam, seja como organizadores ou como devotos, participam com o intuito de agradecer a Bom Jesus dos Navegantes, a fim de rogarem proteção.

2.5 Catolicismo em Luís Correia- Piauí

A chegada de membros do clero católico ao território brasileiro foi simultânea ao processo de conquista das terras do Brasil, já que o reino português tinha estreitas relações com a Igreja Católica Apostólica Romana. A presença da Igreja Católica começou a se intensificar a partir de 1549 com a chegada dos jesuítas da Companhia de Jesus, que formaram vilas e cidades.

Romarias ou peregrinações a locais considerados sagrados são manifestações tradicionais em muitas religiões. No catolicismo, elas remontam aos primeiros tempos de expansão da fé, tendo sido mantidas e até revigoradas em muitos países. No Brasil, elas foram introduzidas no período colonial, como expressão do chamado "catolicismo popular", submetidas, desde o início do século XX, a um controle mais rígido por parte da Igreja oficial (OLIVEIRA, 1985, p.360).

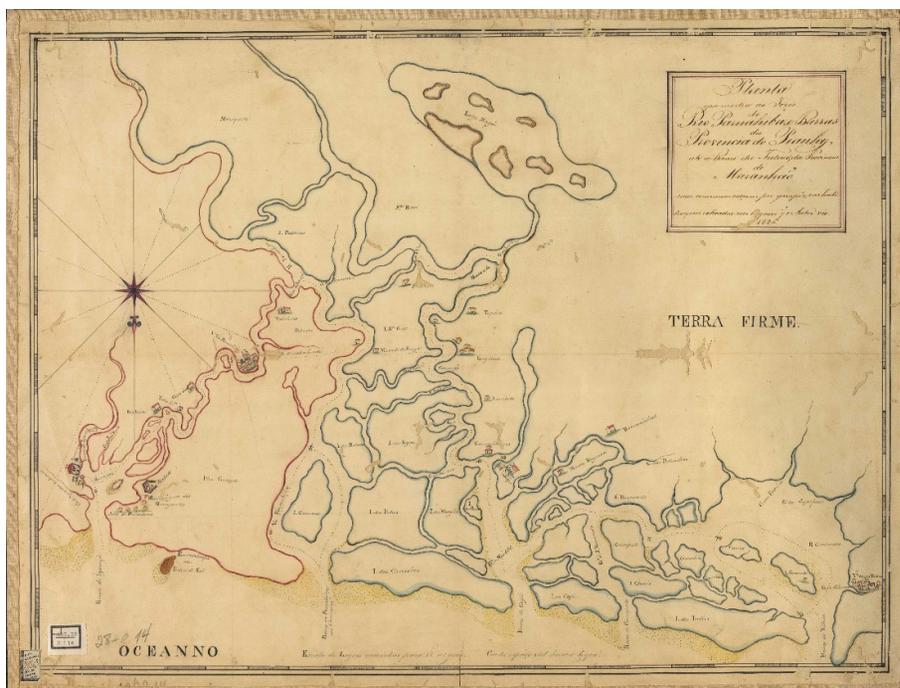
As relações entre Igreja Católica e o Estado foram estreitas no Brasil tanto na colônia quanto no Império, pois, além de garantir a disciplina social dentro de certos limites, a igreja também executava tarefas administrativas que hoje são atribuições do Estado, como o registro de nascimentos, mortes e casamentos (PINTO, 2018). Tais relações foram costuradas ao longo dos séculos XV e XVI entre Roma e a Coroa Portuguesa instituindo um acordo conhecido como Padroado, por meio do

qual o papado delegava ao governo português poderes para gerir a organização e o financiamento do catolicismo na metrópole portuguesa e suas colônias do ultramar. Nesse contexto, o rei era o padroeiro, um representante direto da Santa Sé no território de seu domínio. O padroado perdurou na colônia portuguesa da América durante toda a época colonial sendo herdado pelo Império do Brasil a partir de 1822, já que muitas das práticas da metrópole permaneceram após a independência do Brasil. As ações relacionadas ao padroado iriam desaparecer apenas após a proclamação da República em 1889, já que uma das formas de se desprender da monarquia seria a desatamento desse laço entre igreja e Estado.

Como resultado desse atrelamento entre Igreja e Estado, tivemos a criação de algumas paróquias, sendo a primeira a Freguesia de Nossa senhora da Vitória, da Vila da Mocha (Oeiras) datada de 1697, seguida pela Freguesia de Santo Antônio do Surubim (Campo Maior), de 1771. A Freguesia de Piracuruca foi a terceira criada no solo piauiense desmembrada da Freguesia do Surubim, sob a invocação de Nossa Senhora do Monte do Carmo, foi a última criada pelas autoridades religiosas de Pernambuco no Piauí, sendo concedida pelo Bispado de Olinda, sua criação em 1723.

Com a extinção dos índios Tremembés no litoral, como vimos anteriormente, os pescadores cearenses se instalaram em Amarração. E, por volta de 1820, esta colônia de pescadores começou a receber a visita de padres vindos da Vila de Granja, Ceará, que vinham em missões religiosas, especialmente batismos e casamentos, as chamadas desobrigas (Figura 8).

Figura 8: Planta que mostra as fozes do Rio Parnaíba, então Província do Piauí, datado de 1826.



Fonte: Plataforma Mundos dos Trabalhos Piauí.

No mapa acima, datado de 1826, há a seguinte descrição: “Planta que mostra as Fozes do Rio Parnahiba, e Barras da Província do Piauhy, até a Barra da Tutoia, da Província do Maranhão. Suas comunicações por garapés, e as habitações colocadas nos lugares que o autor viu”. Vê-se, portanto, que já em 1826 havia a capela, hoje Igreja Nossa Senhora da Conceição. Depois, aproveitando-se dos laços familiares comerciais criados, a Assembleia Provincial do Ceará, através da Lei nº 1,177, de 29 de agosto de 1865, criou, em Amarração, uma Freguesia pertencente à Vila de Granja. Em 1868, foi iniciada a construção da Igreja Nossa Senhora da Conceição.

Com a Lei nº 1.360, de novembro de 1870, o governo do Ceará transferiu a sede da Freguesia de Santo Antônio de Ibuacu, para a capela de Nossa Senhora da Conceição (Figura 9), essa então, só foi concluída em 1879 e passa a ser Matriz.

Figura 9: Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição – Luís Correia –Piauí.



Fonte: Alessandra de Moraes Cerqueira, 2017.

A Igreja Matriz de Luís Correia tem como padroeira Nossa Senhora da Imaculada Conceição, também padroeira de Portugal. Para os portugueses, a Solenidade da Imaculada Conceição liga dois importantes acontecimentos decisivos na História da Independência de Portugal: a Revolução de 1383-1385 e a Restauração em 1640¹⁴ Desse modo, assim como em Portugal, no dia 08 de dezembro, todos os católicos de Luís Correia prestigiam a Nossa Senhora da Imaculada Conceição.

2.6 História e Religiosidade: A Devoção a Bom Jesus dos Navegantes

Diferente da maioria das cidades piauienses, Luís-Correia possui uma padroeira – Nossa Senhora da Conceição – e co-padroeiros – Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro, cujas festas se igualam em importância às comemorações da santa padroeira

¹⁴ Esta espiritualidade imaculista foi igualmente assumida por todos os intelectuais, que na prestigiada Universidade de Coimbra defenderam o dogma da Imaculada Conceição sob a forma de um juramento solene. De tal modo a Imaculada Conceição caracteriza a espiritualidade dos portugueses, que durante séculos no dia 8 de dezembro celebram o “Dia da Mãe”. O papa João Paulo II incluiu no seu inesquecível roteiro da Visita Pastoral de 1982 dois Santuários que unem o Norte e o Sul de Portugal: Vila Viçosa no Alentejo e o Sameiro no Minho.

mor. A Celebração em honra a Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro ocorrem simultaneamente, do dia 19 a 29 de junho. Para os residentes locais e devotos, São Pedro representa os pescadores, que são moradores desta região desde sua existência. A celebração em louvor à Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro remetem a passagem bíblica em que Jesus faz o chamado a Pedro e aos primeiros discípulos. De acordo com o texto bíblico, no evangelho de Lucas (2008),

¹ Estando Jesus um dia à margem do lago de Genesaré, o povo se comprimia em redor dele para ouvir a Palavra de Deus. ² Vendo duas barcas estacionadas à beira do lago -, pois os pescadores haviam descido delas para consertar as redes -, ³ subiu a uma das barcas que era de Simão e pediu-lhe que a afastasse um pouco da terra: e sentado, ensinava da barca o povo. ⁴ Quando acabou de falar, disse a Simão: "Faze-te ao largo, e lançaí as vossas redes para pescar". ⁵ Simão respondeu-lhe: "Mestre, trabalhamos a noite inteira e nada apanhamos; mas por causa de tua palavra, lançarei a rede". ⁶ Feito isso, apanharam peixes em tanta quantidade, que a rede se lhes rompia. ⁷ Acenaram aos companheiros, que estavam na outra barca, para que viessem ajudar. Eles vieram e encheram ambas as barcas, de modo que quase iam ao fundo.⁸ Vendo isso, Simão Pedro caiu aos pés de Jesus e exclamou: Retira-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador". ⁹ É que tanto ele como seus companheiros estavam assombrados por causa da pesca que haviam feito. ¹⁰ O mesmo aconteceu a Tiago e João, filhos de Zebedeu, que eram seus companheiros. Então, Jesus disse a Simão: "Não temas; doravante serás pescador de homens". ¹¹ E, atracando as barcas à terra, deixaram tudo e o seguiram (A BÍBLIA, 2008).

Segundo relatos orais, a devoção a Bom Jesus dos Navegantes remonta ao século XX, quando pescadores da pequena Vila de Amarração encontraram na outra margem de sua baía, na ilha de Bom Jesus, no dia 29 de junho (dia em que se celebra a São Pedro, protetor dos pescadores), uma imagem de Cristo feita de madeira (Figura 10); levaram-na ao então pároco da vila, Padre João Clementino Melo Lula - Padre Lula, como era conhecido, atuou em Luís Correia em 1914 e, juntamente com outros moradores, deram nome à imagem batizando-a de Bom Jesus dos Navegantes. Desde então, a comunidade passou a venerar com grande devoção o Santo que, segundo relatos de testemunhas, estava operando milagres e realizando a felicidade de todos ao conceder graças; assim sua fama se espalhou por localidades mais distantes e a Paróquia começou a receber visitantes de toda região que desejam demonstrar sua crença e fé em honra a Bom Jesus dos Navegantes, criando então novenas e um hino.

Figura 10: Imagem de Bom Jesus dos Navegantes na Igreja Matriz de Luís Correia.



Hino de Bom Jesus dos Navegantes

Refrão:

Bom Jesus dos Navegantes, levai-me ao céu aonde estás, para que perpetuamente, ame a Deus a quem amar.

1- Entre luz, risos e flores, sinceramente contritos, festejamos como crente. O Protetor dos aflitos.

2- Separai o amor das mágoas, assim nosso bom pastor, levai-nos desta a outra vida, pelos caminhos do Senhor.

3- Aos tristes desconhecidos, aos descrentes inconstantes, mostrai-lhes um porto amigo, Bom Jesus dos Navegantes (Autor desconhecido).

O hino de Bom Jesus dos Navegantes traz em sua letra além do pedido de ajuda nas horas difíceis, uma convocação a Bom Jesus como guia das almas para a outra vida, o paraíso, num lugar de refrigério.

Para os católicos, a imagem de um Santo é marcada por significados profundos, representando um ícone ou lembrança de uma pessoa que foi Santa, que viveu na vontade de Deus. No catolicismo, os santos são, portanto, intermediários entre o fiel e a Santíssima Trindade (Jesus, Espírito Santo e Deus). Na crença católica, quando um devoto reza diante das imagens de santos, não estão adorando, mas sim, fazendo um pedido para aquele santo ou santa que a imagem representa, para que o auxilie e interceda por ele, diante de Deus, a fim de que, alcançar graças ou milagres. Segundo os relatos do Padre Henrique Hegemann, que foi pároco em Luís Correia por 17 anos,

Cada imagem deve contar uma história. Se uma imagem não conta uma história é uma imagem perdida, [...], com essa imagem do Bom Jesus a gente pode contar a história do evangelho,

quando Jesus andou com os apóstolos pelo mar, uma ventania grande chegou, as ondas aumentaram e Jesus dormiu. Os apóstolos ficaram com medo e gritaram: Mestre! Mestre! Não te importas que estamos morrendo? Jesus se levantou, como o evangelho falou, parou o vento, e acalmou as ondas. Esses são os gestos da imagem do Bom Jesus (Padre Henrique em entrevista concedida para o documentário a Fé que Abraça a Barca, 2018).

Podemos assim dizer que, para os católicos, a simbologia da imagem representa não só a santidade de alguém que viveu inteiramente de acordo com os preceitos de Cristo, mas, também, representa a conexão entre o espiritual e o humano, a divindade e o mundano. Os santos seriam, portanto, os intermediários entre Deus, a prece e a graça.

O documento mais antigo que encontramos, referente à Celebração, data de 26 de junho de 1928, quando no jornal "A Praça" da Associação Comercial de Varejistas de Parnaíba divulgou a seguinte notícia:

Procissão Marítima - Por iniciativa do Senhor Comendador Eurico Correia de Melo, com o apoio da autoridade eclesiástica vai realizar em Amarração pela primeira vez a procissão marítima do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, em que tomarão parte inúmeras embarcações, nessa expressiva homenagem ao protetor dos pescadores. A procissão terá lugar depois d'amanhã a tarde, ordenando o reverendo padre Roberto Lopes, que vira agora vigário da Freguesia. [...]. Para que possam os parnahybanos comparecerem na festividade religiosa de quinta-feira próxima, em Amarração [...] (A PRAÇA, 1928, grifo nosso).

A notícia não nos dá somente a data primeira da procissão marítima, que permanece até os dias atuais, mas, também, nos dá maiores indícios de que a devoção a Bom Jesus dos Navegantes antecede 1920, confirmando sua origem em 1914, quando a imagem foi “pescada”. Iniciou-se, primeiramente, um processo de reconhecimento da comunidade, onde promessas passaram a ser feitas, graças foram alcançadas e milagres acontecendo, até que a fé e devoção garantissem, conseqüentemente, o reconhecimento eclesiástico da devoção a Bom Jesus dos Navegantes. Indubitavelmente, a expressividade da fé em Bom Jesus dos Navegantes garantiu que a devoção se perpetuasse, fazendo com que não só o clero, mas autoridades, como o Comendador Eurico Correia de Melo, citado na publicação, sentissem a necessidade de disseminar e popularizar essa manifestação da fé.

Outro fato importante se refere à ilha onde a imagem de Bom Jesus foi encontrada: reza a lenda que, após a “pesca milagrosa”, o lugar foi batizado com o nome de Ilha de Bom Jesus. Na planta cartográfica feita em 1826 (Figura 11), é possível visualizar fozes dos rios, suas comunicações e algumas habitações; vemos também que a Ilha, conhecida como Ilha de Bom Jesus, está descrita como, Sítio de Pescadores. O desenho do Sítio de Pescadores na planta cartográfica reafirma a data de origem da louvação a Bom Jesus.

Utilizamos esses dois fatos supracitados (a publicação no jornal e a nomenclatura utilizada para a ilha) como suportes documentais para reafirmar o que diz a lenda sobre a origem da Celebração, já que, ao iniciarmos nossa pesquisa, grande parte da comunidade católica de Luís Correia e, conseqüentemente os devotos de Bom Jesus, acreditavam que o Festejo teria se iniciado por volta do século XVIII.

Os registros mais antigos, encontrados na Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, foram os livros de tomo nº01 e nº 02. No

Figura 11: Planta que mostra o sítio dos pescadores, atual ilha de Bom Jesus, datado de 1826.



Fonte: Plataforma Mundos dos Trabalhos Piauí.

entanto, no livro tombo de nº 01, fora registrado que a Paróquia possuía três livros de tombo e o primeiro registro da celebração de Bom Jesus dos Navegantes data de 1973. Essa lacuna histórica poderia nos dizer, de forma muito expressiva, sobre a devoção em honra a Bom Jesus dos Navegantes, pois, como já foi exposto, a primeira procissão marítima ocorreu dia 29 de junho de 1928.

Consta ainda nos registros do livro nº 01 que, em 1973, a renda do Festejo destinou-se à construção do novo templo. E que, nos anos de 1974 e 1975, não houve registro da celebração, porém, especifica-se que, de 1976 a 1982, o festejo ocorreu do dia 20 a 29 de junho. Também em 1983, o encerramento da celebração ocorreu no dia 29 de junho e a procissão saiu da Matriz às 16 horas e, após a procissão, houve Santa Missa celebrada por Frei Ozanir Martins Silva, durante esta missa, também houve a crisma de 70 jovens.

Outro episódio que gostaríamos de ressaltar refere-se à simultaneidade das Celebrações de Bom Jesus dos Navegantes

e São Pedro. A princípio, já sabíamos que Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro são co-padroeiros do município de Luís Correia, e que as festas devocionais a esses santos ocorrem de forma concomitante. O que desconhecíamos era o fato dessas celebrações serem ou não simultâneas desde que se originaram. E, se houvesse a negativa sobre essa sincronicidade, acreditamos ser relevante saber se o primeiro co-padroeiro de Luís Correia é Bom Jesus dos Navegantes ou São Pedro.

Na mesma publicação de 1928, vemos que, ao ser divulgada a primeira procissão marítima de Bom Jesus dos Navegantes, não se menciona São Pedro. Contudo, essa informação não era suficiente já que, até mesmo nos livros de tombo da Paróquia, não há registros específicos a esse respeito. As pesquisas, então, nos levaram ao ano de 1985 onde consta no livro nº01 o seguinte convite:

A sociedade dos filhos de São Vicente de Paulo membros vivos da comunidade de Luís Correia – Paróquia de N. S. da Conceição, responsável pelo 1º Festejo de São Pedro – Padroeiro dos Pescadores – nesta Paróquia, tem a grata satisfação de convidar V.S.^a e Digna Família para tomar parte nas solenidades religiosas e sociais conforme programa abaixo. De já agradece: os vicentinos (LIVRO DE TOMBO Nº 01, p. 91, grifo nosso).

A primeira celebração a São Pedro ocorreu em junho de 1985 e, segundo a programação, realizou-se durante o novenário, a missa solene de reinauguração da igreja que estava em reforma e, também, houve procissão marítima no dia 29 – dia em que se comemora São Pedro como protetor dos pescadores. Por esse motivo, no ano de 1985, o Festejo de Bom Jesus dos Navegantes ocorreu em julho e houve apenas a procissão terrestre. Assim,

podemos observar que, primeiramente, veio a devoção a Bom Jesus dos Navegantes.

Ainda sobre o ano de 1985, os documentos enfatizam que, durante a Celebração, além da participação da comunidade, também houve grande participação dos turistas. Tendo sido a abertura no dia 16 de julho, com a via-sacra e o encerramento foi no dia 26 de julho com procissão. Durante a missa solene, comemorou-se o aniversário de independência política do município – festa que teve como participação as autoridades estaduais do Piauí.

É possível perceber, a partir dos registros, que após a criação dos Festejos em comemoração a São Pedro, por alguns anos, os paroquianos sentiram uma certa dificuldade em firmar as datas das celebrações, tanto de Bom Jesus dos Navegantes quanto de São Pedro. É o que vemos nos registros de 1986, 1989 e 1990.

1986 - (junho) - Festa de São Pedro com procissão marítima e participação dos pescadores. Reunião com os movimentos da Igreja para combinar e elaborar programação da Festa de Bom Jesus dos Navegantes e primeira visita oficial do Sr. Bispo Diocesano, Dom Joaquim Rufino do Rego. (julho) -Festejo de Bom Jesus dos Navegantes - Iniciando dia 17 as 18:00hs, com levantamento do mastro e procissão. A referida festa não constou de qualquer movimento com fins lucrativos, como seja: leilão, barracas, bingos, etc. Durante o novenário refletiu-se sobre os seguintes temas: As bem-aventuranças, Jesus nos conforta nas aflições; Jesus revela a bondade de Deus; Jesus sacia a fome do povo; Jesus reconhece a nossa fé; Jesus acalma as tempestades de nossa vida comunitária; Jesus envia os cristãos para a missão. 1989 - Houve dois festejos nos meses de junho e julho. Sr. Pedro e Sr. Bom Jesus dos Navegantes. O 1º realizado em 20/06 e o 2º 23/07. 1990 - De 20 a 29 de junho celebramos as Festas do Sr. Bom Jesus dos Navegantes e Sr.

São Pedro (juntos), houve procissão por água e por terra, com uma participação muito boa, alegre e festiva (LIVRO DE TOMBO Nº 1, p.101 e 114).

A partir de 2002, com exceção dos anos que não foram registradas as atividades da paróquia, houve permanentemente a unificação das festas em honra aos dois co-padroeiros de Luís Correia: Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro. E, assim, ambos permanecem juntos na Barca (Figura 12) e do dia 19 ao dia 29 de junho, saem em procissões pelas ruas e pelo mar de Luís Correia, reavivando uma tradição e representando os pescadores, a fé e o milagre.

Figura 12: Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro – Cortejo da Procissão Marítima.



Fonte: Acervo Pessoal- Cassia Moura, 2016.

Essa trajetória histórica referente à data em que ocorre a Celebração de Bom Jesus dos Navegantes em Luís Correia traz consigo uma das singularidades presentes desta manifestação ancestral. Já que, diferente de alguns estados brasileiros, como por exemplo, em Penedo-Alagoas, Salvador-Bahia e Touros-Rio Grande do Norte, a festa de Bom Jesus ocorre em janeiro. Como vimos, esta escolha pela data, em Luís Correia, se deve tanto por 29 de junho ser representado como o dia em que se festeja a São Pedro, protetor dos pescadores, como por ter sido neste dia que os pescadores teriam encontrado a imagem de Bom Jesus, conforme defende a lenda.

Também nos registros do livro nº02, no ano de 2009, tem-se a seguinte informação sobre a Celebração e a imagem de Bom Jesus,

No mês de junho é celebrado o Festejo de Bom Jesus dos Navegantes – o Padroeiro dos pescadores- A festa teve início pela manhã com alvorada e uma carreata pelas ruas da cidade. O tema desse ano foi: Bom Jesus dos Navegantes, nos proteja da reação da natureza. Durante as novenas, muitos fiéis participaram. Dia 29 pela manhã foi celebrada a missa solene e a procissão terrestre pelas ruas da nossa cidade. A imagem de Bom Jesus foi restaurada pelo Frei Nilton da Paróquia de São Sebastião (LIVRO DE TOMBO Nº 2, p. 22).

Percebemos aqui que o tema do Festejo “Bom Jesus dos Navegantes, nos proteja da reação da natureza” trouxe a preocupação que vivenciava muitos piauienses, já que, em 2009, entre os meses de abril e maio, houve uma anomalia de chuvas no norte e nordeste do Brasil. No Piauí, dentre as inundações e enchentes, a maior tragédia foi o deslocamento da ombreira esquerda do canal do sangradouro ao lado da Barragem de

Algodões, localizada no município de Cocal.

Ainda segundo os registros, a imagem de Bom Jesus dos Navegantes foi restaurada. A esse respeito, Frei Nilton, pertencente à Ordem dos Capuchinos e que, atualmente, reside em Fortaleza-Ceará, relatou que “[...] na época a imagem de Bom Jesus havia recebido uma pintura, e as cores não convinham com a imagem. Além disso, a imagem estava com fissuras e denegrida. Por isso, decidiu-se que era necessária uma restauração” (Frei Nilton, em entrevista concedida para o Inventário da Celebração de Bom Jesus dos Navegantes, 2018).

Os registros não descrevem quando e quantas vezes a imagem passou pelo processo de restauro, sabemos que a imagem é de madeira e que, por suas características, pode ser do século XVIII; no entanto, não obtivemos essa confirmação. Acreditamos que um teste feito por um especialista em restauro e conservação, possivelmente, revele o período correspondente à imagem de Bom Jesus dos Navegantes.

Outro traço singular da Celebração de Bom Jesus dos Navegantes, em Luís Correia, são os ex-votos, representados pelos remos, que ficam expostos internamente na igreja Nossa Senhora da Conceição (Figura 13).

O uso dos símbolos como característica religiosa permite desvendar a forma como determinada sociedade encara suas dissonâncias sociais, bem como sua prática religiosa. Os ex-votos são como símbolos contemplativos que se caracterizam por manter a relação entre o crente e a divindade, ou seja, assim como na linguagem falada é necessário que se construam símbolos que representem a ideia de maneira concreta e contemplativa.

O ex-voto seria, então, documento-testemunho da religiosidade local e também contribuição artística da sociedade para a reprodução de sua manifestação cultural. Essa cultura votiva é marcante em todas as regiões de cunho cristão. América, Alemanha, Portugal, Itália e Grécia representam alguns países

Figura 13: Parede dos Remos, ex-votos, agradecimento ao Santo protetor (promessas). Interior da Igreja Matriz de Luís Correia.



Fonte: Acervo Pessoal, Alexandra de Moraes Cerqueira, 2017.

em que a vertente votiva se manifesta. No Brasil, a arte votiva se mostra presente desde a colonização, já que tenta representar as diversas crenças e formas de manutenção da relação crença e divindade.

Assim, a arte votiva pode ser representada de diversas maneiras, sejam em formas de partes do corpo, canções, rezas, cartas, pictografias e, no caso de Luís Correia, os remos, estabelecendo duas configurações de narração do fato: a primeira, imaginativa; e a segunda verbal, já que ambas se mostram como signos da benção alcançada mediante promessa feita ao santo ou divindade. Para José Claudio Oliveira, o que prevalece na questão dos ex-votos é a espontaneidade de cada um, e aqui a questão das mensagens e informações que o indivíduo coloca em uma sala de milagres, testemunhando os benefícios que teve através da promessa (OLIVEIRA, 2013).

As salas de milagres são os locais em que os ex-votos são deixados. É nessas salas que a fé e a promessa entram em consonância e a promessa é, então, realmente paga ao santo protetor.

Na sala, as pessoas já perceberam que a mídia ex-voto irá "intermediar" o seu acontecimento com o padroeiro, que levará a Deus o seu recado. E, ao mesmo tempo, esse crente, que inicia todo o processo, perceberá que, naquele espaço dos milagres, centenas de observadores testemunharão a sua história, o ocorrido, o milagre (OLIVEIRA, 2013, p.03).

Em Luís Correia, os ex-votos são representados pelos remos desde 1996, e ficam expostos na igreja, sem uma sala específica, desde quando Padre Henrique, como é conhecido, foi pároco da comunidade. Em suas palavras,

[...] se nós já temos um Bom Jesus dos Navegantes nós devemos valorizar ele. Fazer promessa, isso é uma coisa impactante para os brasileiros, de modo especial para os piauienses, cearenses, os nordestinos. Se a gente passa em Canindé tem caixas cheias de, nem sei como se chama, braços, pernas... Que eles pagam com isso as promessas. Eu pensei, isso nós poderíamos fazer aqui também. Porque cada um de nós já recebeu uma graça do Bom Jesus dos Navegantes que, para o vento e acalma as ondas do mar, do oceano da vida. [...] são os remos que a gente usa nas canoas [...], e tem um artesão em Parnaíba o mestre Reis, ele talhou eles, mas também, desenhistas e pintores aqui em Luís Correia eles fazem a pintura. (Padre Henrique, em entrevista concedida para o documentário a Fé que Abraça a Barca, 2017).

A comunidade católica e devota de Bom Jesus dos Navegantes compreendeu, assim, a importância espiritual dessa representação simbólica e, desde então, todos os que rogam a Bom Jesus, fazendo promessas e alcançando bênçãos, oferecem os remos, talhados com seus nomes e colocando-os na igreja, como uma forma de dizerem e demonstrarem que estão “pagando” pelo que prometeram. Isso os permite manter a conexão com a santidade, reavivando seus atos de fé e fortificando um elo espiritual, entre o pedido, a promessa, o santo, a graça e o remo.

Para os residentes e devotos, a crença em Bom Jesus dos Navegantes significa confiar em uma força capaz de interceder por eles, protegendo-os e livrando-os dos males físicos e espirituais – principalmente para os pescadores e seus familiares que enfrentam as forças das marés, na maioria das vezes de madrugada, em busca de alimento e renda. Segundo a comunidade católica de Luís Correia, vários são os relatos de

milagres e graças alcançadas em nome do Santo.

Conseguimos alguns depoimentos de devotas que fizeram promessas a Bom Jesus dos Navegantes e foram agraciadas, como a devota Natália Abreu dos Santos, residente em Luís Correia desde que nasceu. Natália é pescadora e vem de uma família de pescadores, em que todos são devotos de Bom Jesus desde que seu bisavô virou a canoa em alto mar e sua bisavó rogou a Bom Jesus pela proteção de seu esposo. Após ser atendida, a família colocou um remo na igreja para agradecer e, a partir desse momento, todos se tornaram fiéis a Bom Jesus dos Navegantes. Sobre esta promessa e os remos, Natália nos fala:

A gente começou na devoção do Bom Jesus dos Navegantes quando meu bisavô foi pro mar e lá o barco virou. Ele já estava morrendo afogado quando o rapaz achou ele. Ai dali começou a devoção a Bom Jesus. Porque ali minha vó disse, que era pai da minha vó, ela disse: Se foi ele que protegeu você ele vai me dar luz e vai trazer você, vivo pra casa. E ali o rapaz achou ele, já desmaiado, levaram pro hospital, fizeram aquela coisa todinha na beira da praia. Aí começou a devoção por causa daquilo dali, porque minha vó acreditou que foi ele que... aí pronto, ai de lá pra cá a gente todos somos. [...]. Temos, dois (remos) que foi meu bisavô que deu e o meu avô que deu. Que é no nome de Sebastião. (Natália Abreu dos Santos, em entrevista concedida para o documentário a Fé que Abraça a Barca, 2017).

Da mesma forma, Claudiana Pereira de Sousa - Diana como é conhecida - também é devota de Bom Jesus dos Navegantes desde que nasceu, assim como seus familiares. Diana participa da organização da celebração e, assim como muitos fiéis, já alcançou graças ao fazer promessa a Bom Jesus dos Navegantes. Em entrevista, ela nos relatou que,

[...] no ano de 2006, estava chegando o festejo de Bom Jesus e apareceu um edema na minha perna, popularmente todo mundo chama de tumor, e aí ele cresceu muito e ficou a ponto de eu caminhar e gritar de dor depois. [...], e foi bem na época do Festejo de Bom Jesus, eu queria estar na praça, participar, vir, mas, eu não conseguia, [...]. Então, eu não consegui, neste ano de 2006 participar do festejo do Festejo de Bom Jesus. Mas, aí eu ficava em casa e rezava do mesmo jeito. Aí eu fazia minhas orações e pedia pra Bom Jesus a cura desse tumor e ele cresceu a tal ponto que as carnes aqui da minha perna estavam ficando necrosadas. Quando eu fui no médico ele até se assustou e rapidamente já foi me levando para a sala de pequenas cirurgias pra poder tirar, porque ele disse que já estava muito grande... Tem um remo aqui na igreja matriz com esse meu agradecimento depois de muitas orações que eu fiz. Mas, o remo foi a simbologia de dizer assim: está aqui eu vim, fiz e cumpri o que eu te prometi. Então, essa foi a minha promessa pra Bom Jesus e graças a Deus ele me atendeu (Claudiana Pereira de Sousa, em entrevista concedida para o documentário *A Fé que Abraça a Barca*, 2017, grifo nosso).

Essa consonância de valores e símbolos está enraizada na figura da comunidade a qual o ser social envolto de suas promessas e imagens se põe presente. A testemunha da promessa e a semiótica do ex-voto propõem a manifestação social massificada na cultura local. É dessa maneira que o local/território deixará transmitida a relação fé e realidade.

Uma característica emblemática nas festividades devocionais aos santos e santas são as orações. Direcionada particular e especificamente a cada santidade, a oração é um momento íntimo de devoção pessoal. Nos festejos de santos padroeiros, a oração é feita por toda a comunidade reunida e costuma acontecer

nos momentos finais das Santas Missas. Em Luís Correia, não é diferente. Porém, assim como tantas outras transformações que ocorreram no decorrer da história da Celebração, também a oração de Bom Jesus dos Navegantes foi modificada com o passar dos anos, como nos mostra o livro de tombo nº 01, onde em 1992 encontramos a seguinte oração:

Senhor, Nosso Bom Jesus dos Navegantes, que acolheste o Barco de Simão Pedro para fazer dele a Imagem da Vossa Igreja, conduzindo-nos todos à unidade da fé e do amor fraterno. Vós que comandastes os ventos e às ondas do mar, concedei-nos, como aos Apóstolos um dia, uma pesca milagrosa e abundante, uma navegação segura e um retorno feliz. Vós que caminhastes sobre as águas do mar, protege-nos com vosso poder soberano e acalma todas as forças adversas da natureza que ameaçam a nossa vida e acolhei-nos em fim no porto da eterna felicidade, onde possamos agora e sempre vós louvar e bendizer. Vós que viveis com o Pai na Unidade do Espírito Santo. Amém!
(LIVRO DE TOMBO Nº 1, p. 121).

Os registros não dizem se houve outras orações antes dessa, ou ainda, quando houve a mudança para a atual oração, transcrita a seguir:

Ó querido Bom Jesus, tu foste enviado pelo Pai Eterno para trazer-nos a salvação. Nós te adoramos porque és nosso Deus e nosso irmão. Pedimos-te por todos nós que navegamos no mar da vida para que nosso barco nos conduza no porto seguro da salvação eterna. Protege nossos pescadores. Defenda-os de todos os perigos da alma e do corpo. Ajude-os para que tragam para a terra o sustento de sua família. Bom Jesus dos Navegantes, te pedimos também

por todas as famílias de nossa comunidade para que, cada lar seja um lugar onde os filhos possam ouvir o chamado de Deus. Pedimos-te que nos alcance todas essas graças através de tua e nossa Mãe, Maria Santíssima (Oração de Bom Jesus dos Navegantes, Paróquia Nossa Senhora da Conceição).

Toda essa trajetória histórica da Celebração de Bom Jesus dos Navegantes não só reafirma e legitima esta festa como uma manifestação religiosa ancestral para os piauienses, como também vem nos dizer quão importante são os registros escritos e audiovisuais para a transmissão e perpetuação das tradições. Dar possibilidades para que as pessoas reconheçam, valorizem e protejam seus bens culturais é, antes de tudo, reescrever e reconstruir a linearidade histórica dos lugares de memórias individuais e/ou coletivas que compõem o acervo cultural de um determinado território.

2.7 Itinerário da fé: a trajetória para construção do Inventário

[...] uma comunidade baseia sua legitimidade e sua identidade na recordação histórica [...] se organiza em torno de um acontecimento fundador, os fatos anteriores ou posteriores sendo assimilados a este ou esquecidos; quando são memorizados, é por analogia, repetição e confirmação do acontecimento fundador (JOUTARD, 1993, p. 526-527).

É preciso calma e muita diplomacia para adentrarmos no espaço do outro e conseqüentemente nos tornamos dignos de confiança. Ponderamos a fala, adormecemos placidamente os outros sentidos e involuntariamente provocamos o olhar

e os ouvidos para que estes, eufóricos, processem o que está a suceder. Enquanto vivenciava a pesquisa, compreendi que, até que se estabeleça uma ínfima relação de proximidade, a “comunidade foco” é mais curiosa do que o pesquisador. Cada movimento é observado, cada posicionamento sugere uma “suposta avaliação”, a cada enquadramento, olhos curiosos e desconfiados nos acompanham. Há também um murmurinho. Em tom de segredo perguntam-se por quê? Quem é? Para quê? Nesse momento, é perceptível que suas indagações se confundem com nossas inquietações.

Durante alguns dias, por mais imperceptíveis que tentássemos ser, sentíamos-nos “populares”. A cada passo, eramos seguidos por um holofote imaginário direcionado para nossas cabeças. Até que num dado momento, éramos mais um. Não um qualquer, sem importância, um mero espectador. Não! Tornamo-nos mais um dos que fazia parte de um todo, completo, fascinado, emocionado e agraciado.

Diariamente, conforme as pessoas iam chegando, também iam preparando seus espíritos para a celebração. Algumas pessoas rezavam com seus terços, outras congregam entre si, mas a grande maioria queria tocar a barca. Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro permanecem juntos no andor. Este, em formato de uma pequena barca, é ornamentado com flores e foi batizado com o nome Amarração, primeiro nome do município de Luís Correia.

No âmbito dessas festas de santos¹⁵ padroeiros, Brandão (1978) entende-as como uma expressão de sentido de uma comunidade, “é o reconhecimento de um nós local”. ¹⁶A festa é o acontecimento primordial de um lugar em que se dá a

15 ROSENDHAL (1996) define os santos como sendo [...] representações fundamentais do catolicismo popular, seres pessoais e espirituais. Estando no céu, podem intervir junto a Deus em favor dos homens, graças aos méritos adquiridos na vida. Os Santos [...] se fazem presentes na terra por meio de sua imagem [...] estão ao alcance de qualquer fiel sem a intervenção de especialistas eclesiais (RHOSSENDHAL, p.72, 1996).

16 BRANDÃO, 1989, p. 08).

Figura 14: Reunião para organizar a Celebração.



Fonte: Acervo Pessoal, Alexandra de Moraes Cerqueira, 2017.

manutenção das tradições vivas, um culto coletivo ao “santo”, “[...] uma espécie de representante [...] objeto de homenagem e referência durante os dias de Festa” (BRANDÃO, 1978, p. 49) por meio de rituais públicos.

A Celebração de Bom Jesus dos Navegantes ocorre anualmente em junho. Porém, meses antes a comunidade já se prepara para a festa. Inicialmente, o Pároco se reúne com o Conselho Paroquial e representantes da comunidade, para organizarem a celebração. São discutidos o tema do ano, a programação da celebração e a arte que será usada para fazer o folder (referente a programação) e as camisas (Figura 14). Decidem-se também na reunião o bairro e a família responsável pela ornamentação do mastro.

[...], o festejo ele começa com a procissão do mastro. A procissão do mastro, é sempre

escolhido um bairro e dentro daquele bairro, as famílias do bairro ficam responsáveis em ornamentar o mastro. Que o mastro é o que vai segurar a bandeira do festejo. Então, chega o dia 19, o bairro que foi escolhido, as famílias vem em procissão e na chegada da praça da matriz é feito o hasteamento. Colocado oficialmente o mastro e ele vai ficar durante todo o festejo, fica ornamentando a praça e fica simbolizando que está acontecendo o festejo (Claudiana Pereira de Sousa, em entrevista concedida para o documentário a Fé que Abraça a Barca, 2017).

Também a procissão do mastro foi uma ideia sugerida pelo Padre Henrique, segundo ele,

[...] A Festa do Bom Jesus, eu percebi logo, é uma festa tão linda dessa nossa região. Porque os nossos pescadores todo dia, eles arriscam a vida pra ganhar o pão, ou melhor, o peixe de cada dia e a gente deve valorizar a profissão de pescador, a gente deve rezar pelos pescadores e suas famílias. E assim, nós começamos a cultivar a procissão marítima, os costumes durante o festejo, o hasteamento, o levantamento do mastro, a bandeira, as procissões e, hoje é uma festa da população cristã, católica, aqui na nossa região (Padre Henrique em entrevista concedida para o documentário a Fé que Abraça a Barca, 2017).

Levantado antes das festas de cortejo, o mastro votivo é elemento simbólico de grande importância nas comemorações coletivas e caracteriza o centro energético da festa. É o sentido concreto da verticalidade, unindo Terra e Céu, vivos e mortos, corpo e alma¹⁷ (Figura 15). Assim, a família responsável

17 Disponível em: <http://www.unicamp.br/folclore/folc7/mastro-folk.html>

Figura 15: Saída do mastro da casa responsável.



Fonte: Acervo Pessoal, Alexandra de Moraes Cerqueira, 2017.

Figura 16: Procissão do Mastro.



Fonte: Acervo Pessoal, Alexandra de Moraes Cerqueira, 2017.

pela ornamentação do mastro reúne-se com outros membros da comunidade e juntos, já com espírito festivo e com grande alegria, decoram o mastro para a procissão de abertura.

Dias depois, a comunidade se reúne e juntos saem em procissão até a igreja. Os homens do Terço dos Homens são os responsáveis por levarem o mastro (Figura 16). Durante o percurso, cantam-se hinos e rezam. Ao chegarem à Praça da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, onde ocorre a

Figura 17: Hasteamento da Bandeira.



Fonte: Acervo Pessoal, Alexandra de Moraes Cerqueira, 2017.

Figura 18: Os homens levam a barca até a praça da Matriz, onde ocorrerá a Santa Missa..



Fonte: Acervo Pessoa, Alexandra de Moraes Cerqueira.

Celebração, ergue-se o mastro e hasteiam a bandeira em honra a Bom Jesus dos Navegantes (Figura 17).

Após o hasteamento da bandeira, Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro são levados até a frente da Assembleia (Figura 18) e, então, inicia-se a Santa Missa de abertura (Figura 19). É perceptível a alegria entre os devotos. Percebemos que o momento não propicia somente a euforia pelo reencontro, mas também é o momento de renovarem a fé e sentirem-se mais próximos da “proteção divina”.

Passos (2002) assinala os sentidos da festa na vida. A festa é, para o autor, uma ligação entre o divino e a coletividade,

Figura 19: Missa de Abertura.



Fonte: Acervo Pessoa, Alexandra de Moraes Cerqueira.

um objeto de múltiplos olhares na busca do entendimento da experiência humana porque emociona, faz pensar, rememora tradições, evoca o trabalho, anuncia conflitos e promove a união:

No cenário da festa, vozes e imagens se integram. Há uma conjunção solidária do presente com o passado. [...]. Pôr em cena gestos, versos, sabedorias e memórias, é uma forma de evocar o próprio mistério do viver. A intimidade do ser [...]. As festas marcam o tempo. O eco das vozes arrasta pessoas, temas, lugares. Memória e esquecimento, perdão vão sendo recortados na moldura da festa. Diligência de busca e procura. "Relembraimentos" da vida. De vidas. Entre a dureza do presente e o sonho de um futuro melhor, as festas ajudam a entender os arranjos do sentir, do viver e do agir (PASSOS, 2002, p. 09-10).

No contexto da elaboração festiva concernente ao catolicismo popular, Passos (2002) toma a festa enquanto manifestação cultural e religiosa que evoca a memória católica. Durante a Celebração, ocorrem missas pela manhã, confissões à noite antes da missa e ao término das missas e alguns dias acontece o leilão.

[...], nosso festejo aqui ele é campal, ele acontece todas as noites na praça da matriz, todas as noites tem as famílias e as pastorais responsáveis por organizar aquela noite, E é um momento de encontro de todo mundo, tem as orações iniciais, tem a santa missa, depois da santa missa sempre tem a parte social, que é onde se encontram as pessoas pra ver ou apresentações, também tem a parte das comidas e ai é uma reunião que todo mundo já sabe, tá acontecendo o festejo, tem que vir pra praça da matriz! (Claudiana Pereira de Sousa,

em entrevista concedida para o documentário
a Fé que Abraça a Barca, 2017).

Quando nos referimos à cultura, estamos nos referindo a tudo aquilo que é produzido pelo homem e que é capaz de expandir-se, enraizando-se e transformando determinada comunidade. O homem como ser sociável é capaz de enfatizar valores, enigmas, leis, hábitos, tradições, artes, crenças, etc. e isso faz com que o ser molde seus comportamentos e adquira valor próprio e comunitário. Além disso, o homem procura enraizar-se em símbolos que lhe confortem e sejam escapes de suas discrepâncias de vida. A partir daí a fé se mostra presente ao lado do laço cultural, arranjados por contextos sociais e,

Entrelaçados de signos interpretáveis (o que eu chamaria de símbolos, ignorando as utilizações provinciais), a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos, casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos, ela é um contexto algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível, isto é, descritos com densidade (GEERTZ, 2008, p. 10).

O homem enraizado na fé religiosa vê através dos símbolos, como santos, ex-votos, mastros, fitas e telas, significados divinos capazes de realizar milagres e constroem dentro si, sentimentos de comunicação com esses. Para Geertz,

Os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o ethos de um povo – o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos – e sua visão de mundo – o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas ideias mais

abrangentes sobre ordem (GEERTZ, 2008, p. 66-67).

Todos os dias os alimentos que serão vendidos após a missa são doados e preparados na própria igreja. Para esse fim, é formado um grupo, composto por membros dos vários grupos pertencentes a paróquia e também por pessoas da comunidade. Diariamente, a partir da 15h, eles se reúnem no “Barracão”, localizado ao lado da Igreja, e preparam as comidas que serão vendidas.

Além disso, diariamente, às 18h, antes de todas as Santas Missas, reza-se o terço. Os grupos (Terço da Divina Providência, Terço dos Homens e Terço da Misericórdia) revezam durante os dias do novenário. Às 19h, após o terço, inicia-se a Santa Missa que é presidida tanto pelo pároco da paróquia, quanto por padres convidados da diocese. A música fica a cargo dos corais pertencentes à paróquia, estes também revezam durante o novenário. Após a missa ocorre o leilão e também tem música ao vivo para animar a comunidade. Durante a celebração, ocorrem três momentos especiais, além da procissão do mastro: a Missa Sertaneja, a Procissão Marítima e a Procissão Terrestre.

2.7.1 Missa Sertaneja

A Missa Sertaneja é uma festividade, a parte da Celebração. Consideramos assim, pois todos os cantos litúrgicos são adaptados para o estilo sertanejo. Neste dia, cria-se um cenário sertanejo, composto por utensílios caipiras.

Na noite sertaneja, as pessoas vêm vestidas com trajes mais sertanejos, uma blusa xadrez, uma bota, um chapéu, o chapéu tem que ter e aí, durante essa missa ela é toda cantada com

aquele tom sertanejo, desde o canto inicial até o canto final é tocado com sanfona, é uma missa mais preparada, mais ensaiada, é muito bonito. E a gente procura também simbolizar nessa noite, no caso da ornamentação, a gente faz uma mini- exposição, não é uma grade exposição, com coisas que você só vê numa casa sertaneja. Então, a gente procura ver uma cadeira, um baú, uma coisa que você entre naquele ambiente e você se sinta numa casa sertaneja (Claudiana Pereira de Sousa, em entrevista concedida para o documentário *A Fé que Abraça a Barca*, 2017).

Toda a comunidade, pároco e paroquianos se vestem com roupa caipira. As músicas também são adaptadas para o ritmo sertanejo e a comunidade faz uma homenagem a Nossa Senhora Aparecida (Figura 20).

Figura 20: Missa Sertaneja.



Fonte: Acervo Pessoal, Alexandra de Moraes Cerqueira.

2.7.2 Procissão Marítima

O horário da Procissão é marcado, de acordo com a maré. Em 2017, a Procissão ocorreu às 08h. Dois dias antes da Procissão, uma equipe formada por membros da paróquia ornamenta a barca e o Porto do Senhor Gilvan – Há 20 anos a Procissão Marítima sai desse local (Figura 21). Uma hora antes, a comunidade se reúne na Igreja para fazerem o cortejo até o local de onde sairá a Procissão (Figura 22).

Figura 21: Porto Gilvan Pescados.



Fonte: Acervo Pessoal, Cássia Moura, 2016.

Figura 22: Cortejo até o local da Procissão Marítima.



Fonte: Acervo Pessoal, Cássia Moura, 2016.

Quando o cortejo chega ao Porto, há um misto de devoção e euforia. Todos querem ir na embarcação que leva a Barca de Bom Jesus e São Pedro. Outra equipe da comunidade divide os devotos nas embarcações. As pessoas muito idosas e crianças não são permitidas nas embarcações, por motivos de segurança. A Capitania dos Portos de Parnaíba confere as embarcações e acompanha a Procissão. A Barca dos Santos é posicionada na proa da embarcação que vai a frente. O padre, então, dá a bênção e logo após inicia a Procissão Marítima.

[...] durante o festejo é a procissão mais aguardada [...]. Todos os donos de barco são convidados, espontaneamente eles cedem os barcos deles, os barcos são enfeitados com bandeirinhas, e os romeiros que são as pessoas que vão participar da procissão, eles chegam mais cedo no porto, colocam os nomes numa lista pra ir na embarcação. Cada barco tem um total de limite de pessoas, cada pessoa vai naquele barco e quando todos já estão no barco... o santo também tem um barco especial que vai só Bom Jesus, que vai com o padre, uma comitiva, vai um grupo de canto animando. E saem em procissão até o Porto de Luís Correia, no Porto de Luís Correia aí é feito o retorno e volta para o porto inicial de onde saiu a procissão (Claudiana Pereira de Sousa, em entrevista concedida para o documentário a Fé que Abraça a Barca, 2017).

A procissão é elemento obrigatório de todo o ritual de culto a um santo padroeiro: “[...] a força simbólica do santo que é festejado está precisamente, no fato de que ele surge como aglutinador de forças ou situações que em tempos normais seriam conflitantes, ou no mínimo diferenciadas” (ALVES, 1980, p. 46). Desse modo, o percurso de uma procissão torna-se um

espaço social que permite a conexão com a dimensão sagrada bem como consagra relações de grupo socioeconomicamente distintos como o poder eclesiástico, o poder público, o poder político, o poder militar e o povo. É no momento da procissão que se identificam, metaforicamente, através da promessa, do sacrifício e das orações, os aspectos conectivos e cognitivos com o social e o sacral (CORRÊA, 2013).

Durante a Procissão, as pessoas cantam e rezam (Figura 23). No barco onde estão os santos, algumas pessoas parecem pagar promessas. Seguem durante todo o trajeto, segurando a imagem e rezando o terço.

Nesse dia, é o dia que as comunidades da zona rural, também vem, eles montam as suas caravanas, eles alugam ônibus e vem para o encerramento do Festejo e pra participar da procissão de barco. É um momento muito bonito da nossa comunidade e é muito tradicional, todo mundo sonha em vir pra procissão de barco (Claudiana Pereira de Sousa, em entrevista concedida para o documentário a Fé que Abraça a Barca, 2017).

Figura 23: Devoto em Prece.



Fonte: Acervo Pessoal, Cassia Moura, 2016.

Encontro na manifestação do povo, que participa conosco da procissão, uma grande vibração espiritual, isso como padre, enche também o coração do padre, por ver o povo rezando, por ver o povo ali e os pescadores, também, que deixam o mar naquele tempo e trazem os seus barcos para participarem da procissão. Isso me deixa muito feliz, porque percebo, que mesmo as pessoas que não vêm a missa, todos os domingos, como os pescadores por ficarem no mar, eles deixam aquele tempo reservado para estarem conosco e expressarem o que sentem por Deus naquela procissão de Bom Jesus dos Navegantes (Padre Marcelino, em entrevista concedida para o documentário a Fé que Abraça a Barca, 2018).

Durante o trajeto, os elementos reunidos (mar, sol, vento e oração) propiciam a entrega devocional. É o momento de agradecer, mas também é o momento em que os pescadores pedem proteção; as famílias pedem fartura e todos querem voltar para suas casas, renovados e abençoados (Figura 24). Quando a Procissão retorna, todos em cortejo, retornam à igreja e é celebrada a Missa.

Figura 24: Procissão Marítima.



Fonte: Chico Rasta, 2017.

2.7.3 Procissão Terrestre

Assim como o horário da procissão marítima depende da maré, a procissão terrestre depende do horário da procissão marítima. Deste modo, se a procissão marítima ocorrer pela parte da tarde, em seguida já se realiza a procissão terrestre. Em 2017, como a procissão marítima aconteceu às 8h da manhã, a procissão terrestre ocorreu às 17h. No horário programado, todos se reúnem em frente à Igreja Matriz e então começa a Procissão Terrestre (Figuras 25 e 26). Impressiona a organização, todos em fila, seguindo a barca de Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro, rezam e cantam. Durante todo trajeto a banda de música da prefeitura toca o hino de Bom Jesus. Ao retornarem para a Igreja, é celebrada a Santa Missa de Encerramento pelo Bispo da Diocese. Comoção, fé e gratidão finalizam mais um ano da Celebração de Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro.

Figura 25: Vista Panorâmica da Paróquia antes da Procissão Terrestre 2017.



Fonte: Chico Rasta.

Figura 26: Procissão Terrestre.



Fonte: Acervo Pessoal, Alexandra de Moraes Cerqueira, 2017.

3 REVISÃO DE LITERATURA

No aporte teórico, visando aprofundar o conhecimento sobre as concepções norteadoras do trabalho, serão abordados os conceitos de inventário, INRC (Inventário Nacional de Referências Culturais), celebrações, religiosidade, memória e identidade.

3.1 Inventário para o Patrimônio Imaterial – O INRC como instrumento de salvaguarda

Na atualidade, não só o conceito de inventário – como instrumento de preservação do patrimônio cultural –, é bem definido, como as políticas de aplicabilidade desse suporte técnico em função também do patrimônio, principalmente os referentes aos bens culturais intangíveis, são ferramentas poderosas e minuciosamente desenvolvidas para produzir conhecimento sobre os domínios da vida social aos quais são atribuídos sentido e valores e que, portanto, constituem marcos e referências de identidade para determinados grupos sociais. Porém, os inventários como instrumentos técnicos, legais e metodológicos só adentraram no cenário das políticas preservacionistas do Brasil entre os anos 70 e 80.

A noção de patrimônio cultural imaterial vem dar grande visibilidade ao problema da incorporação de amplo e diverso conjunto de processos culturais – seus agentes, suas criações, seus públicos, seus problemas e necessidades peculiares – nas políticas públicas relacionadas à cultura e nas referências de memória e de identidade que o país produz para si mesmo, em

diálogo com as demais nações. Trata-se de um instrumento de reconhecimento da diversidade cultural que vive no território brasileiro e que traz consigo o relevante tema da inclusão cultural e dos efeitos sociais dessa inclusão.

Para tanto, a fim de satisfazer às exigências legais postas na Constituição de 1988, diversas ações foram executadas durante a década de 1990, culminando com a criação do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI) e na Instituição do Registro de Bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, através do Decreto nº 3551, de 04 de agosto de 2000 – complementado pela Resolução nº 1, de 03 de agosto de 2006 (DOU 23/3/2007), tornando-se, assim o principal marco legal de atuação relativa ao Patrimônio Cultural Imaterial.

Dentre essas ações, é possível citar: o estabelecimento do “Programa Nacional de Apoio à Cultura” (Pronac) em 1991, implementado pela Lei Rouanet (Lei 8.313/1991), com a finalidade de estimular a produção, a distribuição e o acesso aos produtos culturais; a realização do Seminário “Patrimônio Imaterial: Estratégias e Formas de Proteção” em 1997, em que se discutiram os instrumentos jurídicos e administrativos da preservação dos bens culturais de natureza imaterial, do qual resultou a “Carta de Fortaleza” que recomendou ao Iphan a realização do inventário desses bens em âmbito nacional; a integração das informações então produzidas ao Sistema Nacional de Informações Culturais e a criação, pelo Ministério da Cultura, de um grupo de trabalho para desenvolver os estudos necessários para propor a edição de um instrumento legal dispendo sobre a criação do instituto jurídico denominado registro.

Em atendimento a essas recomendações, em 1998, foi criada uma Comissão composta por membros do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural e o Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial (GTPI). Ao final de suas atividades, o GTPI apresentou a proposta técnica do Decreto nº 3551, de 04 de agosto de 2000.

Entre 2000 e 2004, o Iphan elaborou e testou a metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) e realizou duas experiências de registro: o registro do Ofício das Paneleiras de Goiabeiras e o da Arte Kusiwa, dos índios Wajãpi do Amapá, que também foi declarada Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade, em 2003. Nesse mesmo período, o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI) foi implantado, inaugurando o fomento às experiências de inventário com o Projeto Celebrações e Saberes da Cultura Popular, executado pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP), incorporado ao Iphan em 2004.

Uma política de salvaguarda mais estruturada e sistemática foi, enfim, implementada pelo IPHAN a partir da criação do Departamento do Patrimônio Imaterial (DPI) em 2004. Apoiando-se em diretrizes básicas, essa política foi organizada segundo uma série de medidas voltadas para a produção de inventários e registros, além de medidas de apoio e fomento que visam a garantir o status e o suporte econômico das atividades e práticas vinculadas ao patrimônio imaterial. E em 2006, a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, celebrada pela UNESCO em Paris, no dia 17 de outubro de 2003, foi ratificada pelo governo brasileiro por meio do Decreto nº 5.753/2006. Com base nessa legislação, instaura-se o conjunto de políticas públicas de cultura que configuram o contexto contemporâneo do Patrimônio Cultural Imaterial. Diante disso, é claro perceber que o constructo de sentido, significado e existência prática, tanto da noção de Patrimônio Cultural Imaterial quanto do Inventário, são indissociáveis do ponto de vista cultural e histórico.

3.1.1 O Centro Nacional de Referência Cultural – Caminhos para o INRC¹⁸

Embora rejeitado, o projeto de Mario de Andrade, no que se referia à totalidade do patrimônio cultural brasileiro, será retomado, em partes, por Aloísio Magalhães, na criação do Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC), por volta dos anos 1970. Partindo da proposta de proceder ao “referenciamento da dinâmica cultural brasileira”, vários inventários foram realizados com o propósito de catalisar a ideia de um “patrimônio cultural não consagrado”, consubstanciado na reelaboração da noção de cultura popular (MAGALHÃES, 1985; FONSECA, 1997).

A atuação na criação de símbolos de identificação com o Brasil (ou com a indústria brasileira) rendeu a Magalhães o contato e até o relacionamento estreito com sujeitos políticos, como o Ministro da Indústria e do Comércio, Severo Gomes, e o secretário de Cultura do Distrito Federal Vladimir Murtinho. Segundo Fonseca, as conversas entre os três teriam suscitado o debate sobre a fisionomia do produto brasileiro. Ana Luiza Silveira Lopes fala sobre um episódio narrado por Joaquim Reidg, um colega de trabalho de Aloísio:

[...] antes de Aloísio Magalhães assumir publicamente sua atividade na política cultural, ele foi convocado pelo Ministro da Indústria e do comércio e seu amigo pessoal, severo Gomes, para uma consultoria sobre o produto brasileiro de exportação. Teria sido nessa reunião que, ao se deparar com o problema da definição de um produto brasileiro (ou a falta dela), Aloísio Magalhães teria colocado a questão de que para definir, conhecer e criar o produto brasileiro seria preciso antes conhecer a cultura brasileira (LOPES, 2003, apud: ANASTASSAKIS, 2007, p. 30).

18 INRC Inventário Nacional de Referências Culturais.

Magalhães partia da ideia de que o “produto brasileiro” não era conhecido, nem tampouco valorizado pelos próprios brasileiros. Este “produto” a que Magalhães se referia eram os “bens culturais”, a exemplo da prática do artesanato. Prática esta sobre a qual o CNRC trabalhou na perspectiva de dinamizar a produção e estimular a identificação da comunidade com a prática ameaçada de se acabar, de forma a preservar esses saberes e fazeres.

Os projetos se davam especificamente em comunidades, algumas delas isoladas, desconhecidas ou esquecidas, ou seja, não eram povos representantes de um passado único ou glorioso no país. A ideia do Centro não era valorizar um passado próspero, nem, tampouco, “cristalizá-lo” a partir da cultura material. Para os técnicos do CNRC, a questão da dinamização e valorização das culturas tradicionais dessas comunidades era também possibilidades de dinamização da economia da região.

É interessante ressaltar o quão atual é para nós esta mentalidade da dinâmica cultural e do estímulo comunitário, já que de acordo com as novas perspectivas da museologia social, o empoderamento das comunidades para com os bens culturais que as representa e identifica, mediante participação de seus atores sociais e os seus contributos de experiência, são preponderantemente fatores cruciais para a transformação sociocultural desses atores e conseqüentemente de suas comunidades. Pois, não só lhes permite a identificação e o reconhecimento de seus traços culturais, mas garante-lhes também a manutenção e a preservação dos mesmos.

A expressão “Referência Cultural” (hoje bastante presente no Iphan) trazia uma forma flexível de ver a cultura. Era um conceito mais próximo da nova antropologia que entendia que a cultura estava em constante mudança, portanto, impossível de ser cristalizada.

3.1.2 O Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC

Das experiências anteriores do inventário de referências culturais, protagonizadas pela Fundação Nacional Pró-Memória e pelo Departamento de Identificação e Documentação (DID), constituiu-se o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC). Os conceitos que embasaram a elaboração do inventário e as orientações em relação ao uso da metodologia foram organizados no INRC Manual de Aplicação, disponibilizado pelo Iphan às unidades regionais e às equipes técnicas encarregadas da execução dos inventários¹⁹.

O manual é composto por textos e modelos de formulários que devem ser aplicados durante o processo de inventariação. Os textos explicitam e discutem as principais características do INRC, ao mesmo tempo em que orientam o processo de trabalho com o material (fichas de campo, fichas de identificação, questionários, anexos).

Para compreender a dimensão do INRC, é fundamental, primeiro, analisar a concepção de inventário que o sustenta. Em seguida, o INRC será analisado em relação às orientações sobre o processo de trabalho e a aplicação da metodologia propriamente dita. Conforme apresentado no manual de aplicação, o INRC foi desenvolvido a partir dos seguintes pressupostos:

Primeiro, que o Inventário Nacional de Referências Culturais [...] tem por objetivo identificar, documentar e registrar sistematicamente os bens culturais expressivos da diversidade cultural brasileira. Segundo, que o delineamento dos objetos específicos

¹⁹ A metodologia do INRC foi testada no ano 2000, por meio do inventário de referências culturais do Museu Aberto do Descobrimento (MADE), sob a coordenação do antropólogo Antônio Augusto Arantes Neto. Arantes foi convidado para auxiliar na implementação do Departamento de Patrimônio Imaterial (DPI), do qual também foi diretor. Assumiu a presidência do Iphan, em 2004, e manteve-se no cargo até 2006. Para uma trajetória do antropólogo, ver entrevista concedida à Revista Ponto Urbe, 2008, n. 3.

desse levantamento deve fundamentar-se nas categorias de bens culturais destacadas pelo Grupo de Trabalho do Patrimônio Imaterial (GTPI) [...], que são as seguintes: 1. Saberes e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades; 2. Celebrações, festas e folguedos que marcam espiritualmente a vivência do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e da vida cotidiana; 3. Linguagens musicais, iconográficas e performáticas; 4. Espaços em que se produzem as práticas culturais (INRC Manual de Aplicação, 2000, p. 23).

A metodologia desenvolvida tem por objetivo sistematizar o conhecimento produzido sobre certos bens culturais. A concepção do INRC envolve, em princípio, a definição etimológica de inventário que significa “encontrar”, “tornar conhecido” (INRC, 2001). A discussão metodológica, portanto, está centralizada nas etapas relacionadas às ações de buscar, identificar e documentar bens culturais.

A ideia de “sistema” aplicada à de inventário é fundamental, pois a partir dela se estruturam instrumentos que, reunidos, formam um conjunto que informa sobre o universo investigado, e a partir do qual se podem obter os resultados desejados. Outra noção considerada na construção do INRC é a de exaustividade, que qualifica o trabalho de inventário. O caráter exaustivo conferido ao inventário pressupõe que ele deve servir para esgotar certo universo de pesquisa. Portanto, um inventário se torna exaustivo quando se cria o conjunto de possibilidades sobre o qual incidirá metodologia, e sistemática, na medida em que organiza o conjunto de informações obtidas, de acordo com critérios de inclusão e exclusão dos elementos que deverão constituir-lo (LIMA, 2013).

Na realização do INRC, dois fatores são essenciais: a delimitação da área a ser inventariada e a construção do objeto de

pesquisa. Essas definições baseiam-se nas noções de referência e bem cultural, já problematizadas anteriormente. Entretanto, é importante observar aqui o uso delas quando aplicadas ao INRC.

As noções de referência e bem cultural subsidiam, por sua vez, as categorias de bens culturais que estruturarão o inventário. Elas foram definidas em função dos estudos desenvolvidos pelo Grupo de Trabalho do Patrimônio Imaterial (GTPI) para a criação do registro da cultura imaterial, e servem para circunscrever os objetos da ação de inventário. Os bens culturais podem ser classificados de acordo com as seguintes categorias: celebrações, formas de expressão, ofícios e modos de fazer, edificações e lugares. Para a concepção do INRC, é fundamental destacar a categoria lugar, pois seu conceito se relaciona, também, com as questões envolvidas na delimitação da área a ser inventariada.

De acordo com a definição proposta pelo manual, o “lugar” deve ser considerado pelos sentidos que lhe são atribuídos pela atividade humana. São espaços apropriados e reconhecidos pela população por práticas e atividades diferenciadas, associadas ao cotidiano local: trabalho, lazer, religião etc. Fisicamente, eles podem ser identificados e delimitados pelos marcos e trajetos desenvolvidos pela população nas atividades que lhe são próprias. Porém, para que o processo de constituição do lugar seja bem compreendido, o levantamento também deve considerar aspectos como os modos de apropriação prática e simbólica do espaço, o contexto histórico em que está compreendido, a construção estratégica de marcos e monumentos edificados (INRC, 2000). Podem ser considerados na categoria lugar, por exemplo, praças, mercados, feiras, bairros.

Assim como o conceito de lugar, a delimitação da área de inventário não deve se restringir apenas aos limites físicos, sejam eles geográficos ou administrativos.

Os sistemas culturais e, portanto, as referências de um grupo social, têm, por assim dizer, uma geografia própria, que dependerá da natureza das relações sociais existentes num determinado espaço físico: a segmentação ou a estratificação social corresponderá a clivagens e diferenças culturais, com graus variados de permeabilidade, que deverão ser levadas em consideração na delimitação da área de inventário (INRC, 2000, p. 32).

Isto significa que os critérios de delimitação da área inventariada variam em função das referências dos grupos sociais envolvidos pela ação. Portanto, aos critérios estabelecidos previamente para demarcação da área, deve-se combinar a perspectiva dos grupos locais.

Desenvolvidas as principais referências teóricas do INRC, o processo de trabalho apresentado pelo manual trata do uso da metodologia, ou seja, da prática de inventário. A metodologia prevê três etapas, que se desenvolvem em níveis de complexidade crescente: levantamento preliminar, identificação, documentação.

Em relação às etapas de inventário, o levantamento preliminar consiste na delimitação do sítio de inventário, e na reunião e sistematização das informações disponíveis sobre ele. Inclui pesquisa em fontes secundárias (pesquisa bibliográfica), documentos, viagem ao campo para entrevistas com moradores locais, contato com instituições, e verificação das condições práticas de trabalho (hospedagem, deslocamento etc.).

Para o inventário da Celebração de Bom Jesus dos Navegantes, o levantamento preliminar consistiu na coleta de fontes e informações referentes ao Piauí, como um todo, para entendermos, assim, seu processo histórico, enfocando seus aspectos religiosos, sua paisagem cultural e natural, e os aspectos concernentes às características sociais e culturais como um todo.

A sistematização desse levantamento nos permitiu visualizar o bem a ser inventariado em seu conjunto, apreendendo seus sentidos e compreendendo o contexto social em que ocorre; fazendo a primeira varredura da área considerada, com o objetivo de selecionar de antemão alguns itens que puderam ser objeto de eventual identificação; planejando as condições práticas do trabalho de campo.

A identificação envolve entrevistas com pessoas residentes nas localidades, utilizando questionários e gravações, e, de acordo com o INRC, não depende da observação direta da atividade identificada, ou seja, ela pode se desenvolver separadamente dos calendários culturais locais. Porém, como utilizamos o Manual de Aplicação do INRC como norte para fazermos o Inventário da Celebração de Bom Jesus dos Navegantes e, utilizamos a metodologia da pesquisa-ação, envolvemos a comunidade no processo de preenchimento das fichas.

A terceira e última etapa do INRC é a documentação. Nesta etapa, realizamos a pesquisa etnográfica e artística, da qual resultou o documentário A Fé que Abraça a Barca.

Por sua abrangência e significado, pode-se afirmar que o Inventário Nacional de Referências Culturais constitui o instrumento mais completo de que dispõe hoje o Estado e a sociedade brasileira, para identificação e documentação dos bens culturais que constituem o seu patrimônio, abrindo, portanto, novas possibilidades para sua preservação ²⁰.

3.2 Celebrações e Religiosidade

As festas são concebidas nesta pesquisa como manifestações culturais que exprimem visões de mundo, fenômenos sociais imbuídos de sentidos, sentido e sentimentos (BRANDÃO, 1978).

²⁰ Célia Maria Corsino, então Diretora do DID em 2000, discorrendo na apresentação do Manual do INRC. Podemos considerar que passados dezesseis anos, essa afirmação é ainda é atual.

Entendemos, pois que toda celebração é ato singular de dada sociedade sendo a maneira simbólica pela qual se representa e pela qual se põe descoberto o contexto na qual está inserida.

As celebrações sagradas dão instrumentação para identificar nesses eventos uma vivência do religioso incorporado ao cultural, possibilitando, muitas vezes, a recuperação da própria identidade (MARTINS & LEITE, 2006). As festas no Brasil têm um curso colonial vinculado ao catolicismo barroco, como é o caso das festas portuguesas e outras festas, como destaca a historiadora Mary Del Priore, no livro *Festas e utopias no Brasil colonial*:

Uma origem europeia comum embalou as festas coloniais. A periodicidade da população agrícola induziu o home em determinadas épocas de sementeira e colheita a congregar a comunidade para celebra, agradecer ou pedir proteção. A repetição dos ciclos agrícolas, identificados com a reunião de grupos sociais, acabou por dar à festa uma função comemorativa. As festas nasceram das formas de culto externo, tributado geralmente a uma divindade protetora das plantações, realizadas em determinados tempos e locais. Mas com o advento do cristianismo, tais solenidades receberam nova roupagem: a Igreja determinou dias que fossem dedicados ao culto divino, considerando-os dias de festa, os quais formavam em seu conjunto um ano eclesiástico. Essas festas são distribuídas em dois grupos distintos: as festas do Senhor (Paixão de Cristo e demais episódios de sua vida) e os dias comemorativos dos santos apóstolos, pontífices, virgens, mártires, Virgem Maria e padroeiros (DEL PRIORE, 2000, p.13).

De caráter sagrado ou profano, são acontecimentos tradicionais, que deslocam grandes multidões de fiéis ou pessoas que buscam ajuda espiritual, lazer e enriquecimento cultural. É a

festa do povo, da comunidade, na rua, carregada com lembranças de alegria e esperança. São atores que carregam a história de uma geração, um povo e uma nação.

A festa tem simultaneamente uma função social, pois permite aos atores e espectadores introjetar os valores e as normas da vida, como também partilhar sentimentos coletivos e conhecimentos comunitários²¹. A festa é uma troca de convivências, que constrói modelos de humanidades.

De acordo com Pierre Sanchis, “[...] a festa é, sem dúvida, a única ocasião em que a comunidade experimenta um autodomínio, um voltar a si própria para se articular livremente e assumir o seu ser e comportamento colectivos” (SANCHIS, 1992, p. 318). Possuem o importante papel de promoverem o encontro e, conseqüentemente, a exaltação social e, conseqüentemente, económica, cultural e espacial da vida quotidiana.

A esse respeito, Júnior (1999) salienta que “[...] os cultos sagrados impõem um ritmo à vida cotidiana e aos tempos festivos, obedecendo à um calendário comandado pelos santos, seguindo de perto as estações e as festas agrícolas” (JÚNIOR, 1999, p.41). Por mais que as festas de origem portuguesa tenham se resignificado, as mesmas são “[...] uma das mais antigas manifestações da vida social no Brasil. Elas diferem umas das outras conforme a época e a sociedade, mas, invariavelmente, representam os valores, reforçam as estruturas sociais e ajudam a construir a identidade de um grupo [...]” (FERREIRA, 2009, p. 11).

Ainda predomina o catolicismo como religião em destaque no país, assim, festas celebrações, ao longo dos anos, permanecem com adorações aos seus padroeiros e santos, fazendo parte do dia a dia das pessoas e carregadas de lembranças. Como Le Goff e Nora (1993) indicam, as “comemorações” têm um lugar na memória coletiva e na História, pois somos “feitos de

21 DEL PRIORE (2000, p. 10-11).

lembranças”:

História que fermenta a partir do estudo dos lugares da memória coletiva. Lugares topográficos, como os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais como os cemitérios ou arquiteturas; lugares simbólicos como comemorações, as peregrinações, os aniversários ou emblemas; lugares funcionais como manuais, as autobiografias ou as associações: estes memoriais têm a sua história (LE GOFF, 2003, p. 467).

A contextualização da festa, da Celebração a Bom Jesus dos Navegantes também está na memória coletiva (HALBWACHS, 1990) e lugares de memória (NORA, 1984). Conduzidos por narrativas de devotos, idosos católicos e praticantes que participavam e ainda participam das celebrações na cidade de Luís Correia. Essa discussão remete à memória coletiva como referência para a formação da identidade social local. Essa identidade coletiva, presente nas festas é uma manifestação.

Como propõe Del Priore (1994), a festa é ainda uma manifestação de identidade coletiva, uma celebração, uma expressão ritualística de uma mentalidade, de uma cultura que reflete seus ideais e utopias. Festejar é também um ato de efervescência coletiva, porque instaura e constitui outro mundo, outra forma de experienciar a vida social, marcada tanto pelo lúdico como pela exaltação dos sentidos e das emoções.²² Na festa, conservam-se tradições porque há repetição de certos valores e comportamentos remanescentes. Já que implica certa continuidade em relação ao passado como discute Hobsbawn (1984).²³

22 PEREZ (2002, p. 10-11.)

23 HOBSBAWM (1984, p. 09)

Os ritos são elementos da natureza humana e tem como característica principal “[...] a sua plasticidade, a sua capacidade de ser polissêmico, de acomodar-se à mudança social, [...] é universal na medida em que toda a sociedade tem uma grande necessidade de simbolização” (SEGALEN, 2005, p. 09-10)

O rito ou ritual é um conjunto de atos formalizados, expressivos, portadores de uma dimensão simbólica. O rito se caracteriza por uma configuração espaço-temporal específica, por seu curso a uma série de objetos, por sistemas únicos de comportamentos e linguagens específicos e por signos emblemáticos, cujo sentido codificado constitui um dos bens comuns de um grupo (SEGALEN, 2005, p. 30).

Tal definição incide na dimensão coletiva – o ritual é fonte de sentido para quem compartilha. No tocante a experiência religiosa, o rito revela alguma necessidade humana a partir de aspectos da vida individual e social. Mauss (2001) enfatiza os ritos como práticas de simbolização que se traduzem pelo ato de crer em um efeito. É o caso da prece (oração), um fenômeno eminentemente religioso que se configura como um rito oral que tem como principal objetivo a ação sobre o sagrado para a modificação dos seres que o regem.

Assim, mesmo a prece sendo um ato mental (base cognitiva), seu sentido é pensamento e ação, pois na expressão de sentimentos e ideias religiosas, desempenha função de força, é “[...] uma petição brutal, um cântico rezado, um ato de fé, confissão, louvor, súplica, um hosana” (MAUSS, 2001, p. 229). Assim, a prece põe em movimento “poderes religiosos” em benefício de si próprio ou de outrem. Nesse aspecto, a celebração é entendida enquanto ato prescritivo e se faz, também, em circunstâncias

determinadas e isso é o que notoriamente garante sua eficácia, mesmo quando toda ela,

[...] se torna pura adoração, quando todo o poder parece reservado a um deus, como na oração católica, judia ou islamita, ainda é eficaz, pois é ela que incita o deus agir em tal ou tal direção. [...] há oração todas as vezes que estivermos na presença de um texto que mencione expressamente um poder religioso [...] Na falta desta [...] se o lugar, as circunstâncias, o a gente do rito tiverem um caráter religioso, isto é, se for realizado num lugar sagrado, no decurso de uma cerimônia religiosa ou uma personalidade religiosa (MAUSS, 2001, p. 270).

A celebração é um meio de organização social, a concretização da necessidade de convívio grupal para troca de sentimentos e/ou experiências. É o momento de dinâmica sociocultural em que uma coletividade reafirma, de modo lúdico, as relações culturais e a cultura que lhes são próprias.²⁴ A celebração é recurso ao sagrado (força) como necessidade subjetiva de sentimento e respeito a algo transcendente, fora a razão humana, fonte de força e de toda a eficácia existencial:

O sagrado pertence como uma propriedade estável ou efêmera a certas coisas (os instrumentos do culto), a certos seres (o rei, o padre), a certos espaços (o templo, a igreja, os lugares régios), a certos tempos (o domingo, o dia de Páscoa, o natal, etc.). Nada há que não possa tornar-se sua sede e revestir assim os olhos do indivíduo ou de uma coletividade um prestígio sem igual. [...]. Por muito evoluída ou por muito grosseira que a concebamos, a

24 (THINES, G; HEMPEREUEER, p. 09, 1984)

religião implica o reconhecimento desta força com o qual o homem deve contar. (CAILLOIS, 1988, p. 20-22).

Portanto, é indubitável a importância das celebrações enquanto manifestações culturais que, sob os ritos ou rituais, simbolizam as relações humanas, seus valores e práticas existenciais. Sendo um fenômeno social, as festas litúrgicas configuram-se como patrimônio que se consolida pela sua celebração coletiva, reafirmando a religiosidade como um sistema de crenças, práticas, símbolos e estruturas sociais, por meio dos quais as pessoas, nas diferentes épocas e culturas vivam uma relação com um mundo específico: o mundo sagrado.

3.3 Memória e Identidade

Como afirma Jacques Le Goff (2003), “o conceito de memória é crucial”. Essa afirmação destaca a importância da memória nos debates modernos. A memória tem sua importância para as discussões atuais acerca do problema da identidade, na medida em que a memória é um dos elementos constituintes e fundadores da identidade.

Para Maurice Halbwachs, a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva e as lembranças são constituídas no espaço relacional grupal que podem ser também reconstruídas ou simuladas de acordo com a percepção de outros indivíduos e da representação da memória histórica, mas nunca a memória individual está isolada (HALBAWACHS, 2004).

Como escreveu Pollak (1992), a memória é seletiva e é um fenômeno construído. Ou ainda, “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade [...] a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos

políticos diversos” (POLLAK, 1992, p. 205). Segundo Le Goff (2003, p. 471), “devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”. Pollak (1989) cita Halbwachs sobre a memória seletiva, um processo de “negociação” para conciliar memória coletiva e memórias individuais:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações, etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irreduzíveis (POLLAK, 1989, p.5).

Entender como uma memória de um determinado grupo pode ser coletiva é importante para que os indivíduos se sintam produtores de sua própria história. “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, (...)” (LE GOFF, 2003, p. 435). A festa a Bom Jesus dos Navegantes como um “lugar da memória” reforça o sentimento de pertencimento as tradições herdadas pelos antigos realizadores e transmitidas sobremaneira por via oral.

Não podemos deixar no esquecimento a importância do indivíduo que carrega as lembranças de acordo com as suas circunstâncias, com evidências do seu presente e passado, ou

seja, a memória individual. É necessário também que a memória coletiva resista, sobreviva, para assim acontecer um diálogo entre o passado e o presente. Revelando-se a importância do grupo para a sociedade na qual está inserido e a concepção da festa como lugar de memória, renascente e ritualizada, inseridos no processo de identificação dos indivíduos e do grupo, evidenciam as interações entre as festas do passado e os atuais festejos.

Com isso, percebemos que a Celebração de Bom Jesus dos Navegantes, historicamente, é portadora de uma identidade que lhe vai sendo atribuída pelas intenções e costumes daqueles que a organizam. Segundo as proposições e considerações de Thompson (1998),

Os costumes realizam algo – não são formulações abstratas dos significados nem a busca de significados, embora possam transmitir um significado. Os costumes estão claramente associados e arraigados às realidades materiais e sociais da vida e do trabalho, embora não deveriam simplesmente dessas realidades, nem as reexpressem. Os costumes podem fornecer o contexto em que as pessoas talvez façam o que seria mais difícil de fazer de modo direto [...], eles podem preservar a necessidade da ação coletiva, do ajuste coletivo de interesses, da expressão coletiva de sentimentos e emoções dentro do terreno e domínio dos que deles coparticipam, servindo como uma fronteira para excluir os forasteiros (op. cit., p.22).

Desse modo, é socialmente construída a memória que se manifesta através dos costumes que foram construídos através de interações entre os indivíduos ao longo do tempo e em diversos contextos, tempos históricos e nas narrativas orais.

A memória é uma base cognitiva que resguarda certas

informações para concatenação de atos, comportamentos e mentalidades. É a soma de “funções psíquicas” em que o homem imprime, atualiza e representa o seu passado (LE GOFF, 1982).

Ato de construção permanente, a memória pressupõe um contexto social real tomado como referência idiossincrática. Tem como função dar suporte de duração ao fluxo do tempo contínuo imbuído a experiência de vida em significado (CANDAU, 2011; HALBWACHS, 2006). Assim, a memória é o ato pelo qual se constroem elaborações mentais de cunho individual, porém, compartilhadas à vivência de um plano coletivo haja vista que a dimensão pessoal da existência está voltada, desde o nascimento, às redes de “solidariedades múltiplas” porque se torna sempre como base referencial o outro, os outros, tal como nos descreve Halbwachs (2006).

Nossas lembranças [...] nos são lembradas por outros. [...]. Isso, acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem. [...]. Outras pessoas tiveram essas lembranças em comum comigo. Mais do que isso, elas me ajudam a recordá-las e, para melhor me recordar, eu me volto pra elas, por um instante, adoto seu ponto de vista, entro em seu grupo, do qual continuo a fazer parte, pois experimento ainda sua influência e encontro em mim muitas ideias e maneiras de pensar a que não me teria levado sozinho, pelas quais permaneço em contato com elas (HALBWACHS, 2006, p. 30-31).

Nesse sentido, podemos entender que a memória é uma espécie de manutenção da identidade, e esta é o resultado daquela. Entendemos assim que ambas se retroalimentam.

Quando adentramos nesse espaço da coletividade, e reativamos também nossa memória individual, a partir do encontro coletivo, nos permitimos reativar as lembranças dos momentos pretéritos vivenciados. Se a lembrança se refere a uma determinada celebração religiosa, por exemplo, por meio de um insight coletivo, rememoramos outros encontros referentes a essa mesma celebração. Dessa forma, promovemos a manutenção dessa manifestação cultural que, se perpetuada, corresponderá à identidade local de determinada comunidade.

É o que vemos, portanto, na Celebração em honra a Bom Jesus dos Navegantes, pois se mantém viva no constructo cultural, histórico e social dos luís-correienses, se mantém viva na memória individual e coletiva das pessoas e, por isso, compõe a identidade local de Luís Correia.

Em constante re-elaboração do passado, é a “identidade em ação” que, ao promover lembranças em detrimento do esquecimento, dá-se tomada de consciência advinda de uma demanda do presente já que o “[...] apelo ao passado é um constante desafio lançado ao futuro, consistindo em ponderar hoje sobre o que foi feito e o que poderia ter sido feito” (CANDAU, 2011, p. 66). Assim, memória e identidade são elementos indissociáveis que se retroalimentam para produzir uma trajetória, uma história de vida, pois que,

[...] se a memória é geradora de identidade, no sentido de que participa de sua construção, essa identidade, por outro lado molda predisposições que vão levar os indivíduos a incorporar certos aspectos particulares do passado a fazer escolhas memoriais (CANDAU, 2011, p.19).

A tradição é, portanto, uma via de estratégia que reforça o

pertencimento em comum, pois é meio de transmissão elaborada de saber, uma forma de mobilização da memória que não implica somente em legar, mas também receber conteúdos sob vivência quer seja por meio de rituais, quer seja por costumes, quer seja por meio de regras estabelecidas dentre outras formas. A tradição se legitima por reprodução de sentidos no conferir ao passado uma lógica moldada à realidade presente para o grupo que a detém haja vista partir de um plano imaginário (CANDAU, 2011).

4 METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos, as ações e as práticas deste trabalho têm como referência o inventário voltado para o patrimônio imaterial, no qual foca o INRC como instrumento de salvaguarda. Aliando ainda, a aplicabilidade da pesquisa-ação aos métodos da pesquisa etnográfica, da história oral e do documentário, o que inclui imersão na comunidade, coleta de dados, entrevistas temáticas, registros em áudio, vídeo e fotografias.

A pesquisa-ação exige uma estrutura de relação entre os pesquisadores e pessoas envolvidas no estudo da realidade do tipo participativo/coletivo. A participação dos pesquisadores é explicitada dentro do processo do “conhecer” com os “cuidados” necessários para que haja reciprocidade/complementariedade por parte das pessoas e grupos implicados que têm algo a “dizer e a fazer”. Não se trata de um simples levantamento de dados. Nesta perspectiva, diz Thiollent: “[...] é necessário definir com precisão, qual ação, quais agentes, seus objetivos e obstáculos, qual exigência de conhecimento a ser produzido em função dos problemas encontrados na ação ou entre os atores da situação” (THIOLLENT, 1985, p. 16).

Para alcançar o objetivo proposto na pesquisa-ação, no sentido de estabelecer uma relação entre o conhecimento e

ação, entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada e destes com a realidade, Michel Thiollent (1985) diz ser necessário uma ampla e explícita interação entre os pesquisadores e envolvidos na pesquisa e que esta não se limita a uma forma de ação (risco de ativismo), mas pretende aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou nível de consciência das pessoas e grupos que participarem do processo, bem como contribuir para a discussão ou fazer avançar o debate acerca das questões abordadas. Assim, a pesquisa-ação é necessariamente baseada na autorreflexão e criação coletiva, no diálogo, escuta ativa e potencialização, num processo que se modifica e se retroalimenta continuamente.

Aliando a pesquisa-ação ao método etnográfico, emergimos gradualmente na comunidade, primeiramente, participando de outras celebrações promovidas pela Paróquia Nossa Senhora da Conceição, em Luís Correia. Fizemos reuniões com os integrantes do Conselho Paroquial e também representantes da comunidade, visitamos também alguns lugares em Luís Correia, considerados importantes para essa pesquisa, a saber: O Porto do Senhor Gilvan - local de onde sai a procissão marítima -, o Estaleiro, a Ponte de Ferro, a Estação de Trem, a Prefeitura, o Sindicatos de Pesca, a Associação de Pesca e a Colônia de Pescadores. Quanto à pesquisa etnográfica tomaremos como base a definição da antropóloga Urpi Montoya Uriarte,

[...] a rigor, fazer etnografia não consiste apenas em "ir a campo", ou "ceder a palavra aos nativos" ou "ter um espírito etnográfico". Fazer etnografia supõe uma vocação de desenraizamento, uma formação para ver o mundo de maneira descentrada, uma preparação teórica para entender o "campo" que queremos pesquisar, um "se jogar de cabeça" no mundo que pretendemos desvendar, um tempo prolongado dialogando

com as pessoas que pretendemos entender, um “levar a sério” a sua palavra, um encontrar uma ordem nas coisas e, depois um colocar em ordem mediante uma escrita realista, polifônica e intersubjetiva (URIARTE, 2012, p.03)

Entendemos que os métodos utilizados para esta pesquisa nos permitiram a aproximação com a comunidade católica praticante e tradicional, de forma que podemos captar por entre suas falas, os olhares e os gestos, o que lhes é considerado como simbólico e o que lhes dá sentido, para que sensivelmente fossemos capazes de perceber como a intangibilidade da celebração reflete em suas vidas. E por assim dizer, interpretar, decodificar e dar voz a essas memórias, que individual e/ou coletivamente se inter-relacionam e compõem essa manifestação cultural religiosa.

Para Halbwachs (1992), a memória, embora pareça um fenômeno individual, deve ser entendida como um fenômeno social, construída coletivamente e submetida a variações constantes e transmitida ao longo das gerações. Desse modo, a memória se faz história no instante em que se configura na representação mental produzida pelo indivíduo em função das lembranças ditadas, relatadas e colhidas por meio de indicadores previamente estruturados, de estímulos internos e/ou externos despertados pelos órgãos sensoriais.

Nesse ponto, enfatizamos o uso da história oral, através da realização de entrevistas temáticas, como forma de estimular e ampliar a informação sobre a história, intempéries, permanências, transformações, organização e a atual realização da louvação a Bom Jesus dos Navegantes. De acordo com Alberti (2005),

[...] A entrevista de história oral – seu registro gravado e transcrito – documenta uma visão do passado. Isso pressupõe que essa visão e a

comparação entre diferentes visões tenham passado por meio do estudo aprofundado de experiências e visões particulares; de procurar compreender a sociedade através do indivíduo que nela viveu; de estabelecer relações entre o geral e o particular mediante análise comparativa de diferentes testemunhos, de tomar as formas como o passado é apreendido e interpretado por indivíduos e grupos como dado objetivo para compreender suas ações (ALBERTI, 2005, p. 26).

Utilizamos, pois, a história oral como fonte de pesquisa e ampliação do conhecimento a respeito da celebração, como forma não somente de estabelecer contato e permitir a aproximação com a comunidade, mas também e, principalmente, para recuperar aquilo que não nos foi possível encontrar em documentos de outra natureza, acontecimentos pouco esclarecidos e, ainda, experiências pessoais e coletivas em comunidade ou em contexto familiar.

Assim, história oral traz à tona narrativas que documentam. Nesta mesma perspectiva, Delgado (2006) nos mostra extensas possibilidades: campos e temas de pesquisa, recupera memórias locais e/ou comunitárias, são alternativas para a falta de documentação escrita, que assim possibilitam evidências de personagens anônimos ou não para o cruzamento de relatos e fontes.

[...] também diálogo e ou interação com a sociologia, antropologia e a psicanálise, como suportes para construção de roteiros de entrevistas e para a condução de depoimentos. Finalmente, recorre à memória como fonte principal. [...]. Ao se gravar [...] uma entrevista temática, o pesquisador está, de forma deliberada, inscrevendo-se no processo de registro do passado e de produção de

documentos sobre ele. (DELGADO, 2006, p.16/62).

Neste sentido, essa pesquisa aborda um percurso narrativo que deu vazão ao sentimento religioso nas práticas e ações da Festa a Bom Jesus dos Navegantes, como um valor simbólico da relação. Do mesmo modo, aborda também a construção das memórias dos moradores, devotos e atores dessas celebrações que percorrem gerações em Luís Correia. Esses atores coletivos produzem, a partir das festas a Bom Jesus dos Navegantes, a memória de antepassados, a valorização da identidade local no tempo presente. Deste modo, a história oral enquanto método de pesquisa tem proporcionado preservar a memória em torno das diversas manifestações culturais religiosas no país.

Além disso, à medida que nos engajávamos nas atividades dos grupos e pastorais, nas missas e outras festividades da paróquia, acompanhando os preparativos da celebração e compreendendo como se dá a participação do poder local, dos membros do Conselho Paroquial, da Igreja e da comunidade católica em geral, conseguimos realizar entrevistas curtas, de cunho exploratório, que contribuíram para tão bem entendermos a dinâmica da celebração, bem como preencher as Fichas do INRC e, ainda, nos deu suporte para elaborar o pré-roteiro do documentário.

Davallon (2007), ao trabalhar a relação existente entre a memória social e as produções culturais, analisa a “imagem contemporânea” como sendo uma forma de operar a memória. Dialogando com as ideias de Halbwachs, ele mostra que um acontecimento deixa de ser indiferente e torna-se memória ao conseguir sair do “domínio da insignificância” (DAVALLON, 2007, p. 25). É nesse sentido que podemos analisar a produção dos documentários como um operador da memória social.

Adotamos, assim, o documentário como um campo de percepção valorizada, já que ele é não só um modo de representar

o mundo, mas, acima de tudo, um modo de construção desse mundo. É tanto um local de disputa, de conflito e de esquecimento quanto de continuidade e de lembrança. Dessa forma, o gênero, por ser possuidor de elementos essenciais abertos ao surgimento do novo, mas calcado em referencial anteriormente estabelecido, coloca em funcionamento elementos necessários ao processo de permanência e mudança, constituindo-se em um “órgão de memória”, estabelecendo a dinâmica dessas narrativas calcada em esquecimento e resignificação. Os documentários seriam, então, o que Davallon (2007) denomina de operadores de memória social, tendo em vista que resultam de uma produção formal e se destinam à produção de efeito simbólico. Como objeto cultural, os documentários, ao mesmo tempo em que buscam representar a realidade, também permitem, àquele que os observa, uma possibilidade de produzir significação.

Compreendemos assim que, como objeto cultural, os documentários, ao mesmo tempo em que buscam representar a realidade, também buscam fazer “impressão sobre seu espectador”, ou seja, buscam também “conservar a força das relações sociais”. Por esse motivo, utilizamos o documentário

como forma de dar “cor” e sentido à nossa fala. E, também, utilizá-lo como instrumento de promoção e salvaguarda da Celebração de Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro de Luís Correia no Piauí.

5 MEMORIAL DESCRITIVO DOS PRODUTOS E SERVIÇOS

A pesquisa-ação, como método de conhecimento da realidade, tem utilizado várias matrizes teóricas. Sua principal característica é a intervenção e se presta tanto à ação educativa como conscientizadora com os envolvidos no processo de pesquisa.

Na pesquisa-ação acontece simultaneamente o “conhecer” e o “agir”, uma relação dialética sobre a realidade social desencadeada pelo processo de pesquisa. Esta pesquisa-ação que tanto falamos, calcada no que compete a Museologia Social nos permite equiparar os interesses comuns entre pesquisador e comunidade.

Diante do exposto, para a realização dessa pesquisa,

Figura 27: Missa Dominical.



Fonte: Acervo Pessoal, Alessandra de Moraes Cerqueira, 2016.

Figura 28: Batizado na Celebração da Padroeira Nossa Senhora da Conceição.



Fonte: Acervo Pessoal, Alessandra de Moraes Cerqueira, 2016.

inicialmente participamos das ações e das atividades realizadas pela Paróquia Nossa Senhora da Conceição, a fim de conhecer os membros da Paróquia e, também, a comunidade. Acompanhamos missas (Figura 27), a Celebração de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do município (Figura 28), visitamos o movimento Barracão (Figura 29), responsáveis pela comida da celebração e participamos de ensaios do ministério de música da Paróquia (Figura 30).

Figura 29: Movimento Barracão.



Fonte: Acervo Pessoal, Alessandra de Moraes Cerqueira, 2017.

Figura 30. Ensaio do Ministério de Música



Fonte: Acervo Pessoal, Alexandra de Moraes Cerqueira, 2017.

Quando, já inseridos na comunidade e menos perceptíveis do ponto de vista do pesquisador, adentramos no processo organizacional da Celebração de Bom Jesus dos Navegantes. Assim, é importante dizer que os serviços que esta pesquisa promoveu à comunidade foram os momentos de conversa e interação promovidos (Figura 31), por meio das reuniões e das rodas de conversas que ocorreram, antes e durante a celebração e, a partir dos quais, abordamos as questões referentes ao patrimônio imaterial, e ainda, aos conceitos de memória, identidade e pertencimento. Tudo isso por meio de um processo dialógico.

Nosso objetivo, além de apresentarmos o desenvolvimento da pesquisa e preenchermos juntos as fichas do inventário, foi abordar a importância desses conceitos, explicando-os e relacionando-os com a história da Celebração.

Percebemos, assim, que obtivemos de forma positiva a compreensão de todos que entenderam o quão significativas são as tradições, e conseqüentemente, as manifestações culturais para a manutenção da memória coletiva e para a construção da identidade de determinado lugar “[...] num contexto marcado pela exacerbação do individualismo, as tradições religiosas

Figura 31: Roda de Conversa, Conselho Paroquial.



Fonte: Acervo Pessoal, Alessandra de Moraes Cerqueira, 2017.

podem manter-se como formas coletivas de expressão de crenças e práticas” (MICHELOTO, 2008, p.24).

Também consideramos de suma importância realizar entrevistas temáticas sobre a Celebração, pois compreendemos que por meio delas teremos subsídios significativos no que diz respeito às transformações ocorridas na Celebração. Entendemos, assim, que amparados pela história oral poderemos compreender especificidades da celebração, que não poderão ser encontradas em registros textuais e visuais, haja vista

[...] a história oral [ser] um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões do mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo (ALBERTI, 2005, p. 24).

Utilizamos também como método a etnografia, já que temos como objetivo principal a comunidade católica de Luís Correia imersa em sua cultura e tradição. A esse respeito, Amaral e Neto (2011) nos dizem que

[...] o método etnográfico é baseado na pesquisa

de campo, o que implica numa personalização do método de acordo com o objeto de estudo; é indutivo, ao passo que existe a possibilidade de um acúmulo; é dialógico, pois o nativo tomado como objeto pode discutir as interpretações do pesquisador; e finalmente holístico, pois se busca um relato mais completo possível sobre o estudado (AMARAL; NETO, 2011, 496).

Nesse sentido, a partir do método etnográfico emergimos gradualmente na comunidade, à medida que nos engajávamos nas atividades dos grupos e pastorais, nas missas e outras festividades da paróquia, acompanhando os preparativos da festa e compreendendo como se dá a participação do poder local, dos membros do Conselho Paroquial, da Igreja e da comunidade católica em geral. Conseguimos recolher registros visuais e realizar entrevistas curtas, de cunho exploratório, as quais contribuíram para tão bem entendermos a dinâmica da celebração, bem como preencher as fichas do inventário e, ainda, obtivemos suporte para elaborar o pré-roteiro do documentário.

Sobre essa questão, Puccini (2009) menciona:

[...] Antes de recorrer a um discurso narrativo, o documentário recorre a uma exposição retórica, para sustentar um argumento que pode ou não se valer de estratégias narrativas em sua condução. Como consequência, o trabalho de roteirização para um filme documentário deixa de ser guiado exclusivamente pela escrita de cenas dramáticas, podendo incluir descrição, mais ou menos detalhada, de sequências de arquivo, situações de entrevistas, sequências de imagens de cobertura, animações gráficas, entre outras variáveis (PUCCINI, 2009, p. 24).

Entendemos assim que documentário etnográfico possui a potencialidade historicamente comprovada de variação de imagens, captação oral e construção da representação

da realidade de momentos específicos. Permitindo, assim, a salvaguarda de fatos, a partir do registro. Nesse sentido, o processo de roteirização do documentário etnográfico das Celebrações de Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro em Luís Correia-PI, fundamentado pela pesquisa-ação e realizado mediante composição do inventário participativo, aliado ainda à pesquisa etnográfica e à história oral, não contribuirá somente com a identificação, coleta e organização das informações referentes à Celebração de Bom Jesus dos Navegantes, mas possibilitará também, a descoberta e a documentação do repertório das referências culturais que constituem o patrimônio cultural, natural e religioso da comunidade.

Assim, essa pesquisa-ação propôs como produtos o Inventário e o Documentário Etnográfico intitulado A Fé que Abraça a Barca. No referido documentário, utilizamos toda a experiência fílmica sensível colhida durante a pesquisa etnográfica, principalmente o conteúdo referente aos dias em que ocorre a Celebração de Bom Jesus dos Navegantes.

De acordo com a pesquisa de campo, sentimos a necessidade de visitar marcos históricos e/ou que consideramos importantes da cidade de Luís Correia, a fim de compormos uma linearidade histórica construída na relação entre a história e o desenvolvimento de Luís Correia e a história e a transformação da Celebração.

Figura 32: Estaleiro do Patrick, 01.



Fonte: Acervo Pessoal, Alexandra de Moraes Cerqueira, 2016.

Figura 33: Estaleiro do Patrick, 02.



Fonte: Acervo Pessoal, Alexandra de Moraes Cerqueira, 2016.
Desse modo, escolhemos visitar o Porto (inacabado), o Porto do Gilvan Pescados (de onde sai a procissão marítima), a Estação Ferroviária e um dos Estaleiros de Luís Correia (Figuras 32 e 33).

Diante disso, nosso objetivo foi fomentar, através de registros textuais audiovisuais, o reconhecimento da Celebração de Bom Jesus dos Navegantes do município de Luís Correia no Piauí, como manifestação cultural ancestral, e como tal, bem cultural religioso piauiense. Assim, esperamos que esse reconhecimento, por meio do inventário, sirva como suporte teórico para

pesquisas que se relacionem à religiosidade ancestral piauiense, a fim de contribuir para sua promoção e salvaguarda.

6 PARCEIROS E COLABORADORES

Primeiramente, queremos ressaltar que a realização dessa pesquisa-ação não teria o valor simbólico que ela representa, sem a contribuição da comunidade católica de Luís Correia. Todos, desde os párocos aos membros dos grupos e ministérios se não estivessem colaborando e compartilhando suas memórias e/ ou indicando possibilidades de pesquisas, não teríamos concluído o inventário.

Este trabalho também contou com o apoio da Coordenação do Mestrado Profissional em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Piauí, com o apoio da Secretaria de Estado de Educação do Piauí (SEDUC), por conceder a licença, afastando-me das minhas atividades laborais, para que, assim, pudesse realizar minha pesquisa com mais propriedade e dedicação. Contamos também com o apoio da Diocese Parnaíba por disponibilizar documentos importantes referentes à pesquisa. E ainda, contamos com o apoio e a contribuição de amigos, profissionais na área da fotografia, documentário e comunicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A própria narrativa acerca da imagem de Bom Jesus compreende o início da louvação a Bom Jesus dos Navegantes. Os objetos, portanto, não existem apenas por sua materialidade, mas, sobretudo, pelos seus múltiplos significados ou pelas histórias que contam, em diversos contextos. Por tudo isso, o registro adequado da informação acerca dos objetos e dos documentos, ao que estão associados, constitui a forma mais eficaz de gerir uma coleção em qualquer instituição, garantindo, conseqüentemente, a sua salvaguarda. A esse registro, formado por um conjunto normalizado de procedimentos, práticas e conceitos, dá-se o nome de inventário.

Queremos, assim, dizer que, ao pensarmos em ferramentas que garantam a salvaguarda e a promoção de bens culturais, principalmente de ordem imaterial, o inventário e o documentário são instrumentos que se complementam. O inventário nos permite fazer o levantamento e a coleta de dados de forma exaustiva e minuciosa. E o documentário, por sua vez, transforma as informações em cores, formas, sons e imagens.

Este trabalho, que foi construído com e para a comunidade, nos colocou em comunhão com as necessidades de uma comunidade católica que mantém suas tradições, apesar das intempéries e modificações que surgiram com o passar dos anos. E assim, de forma colaborativa, desenvolvemos a pesquisa.

Obviamente, algumas lacunas não puderam ser preenchidas. Não se trata apenas de ver registros, conferir datas, compará-las ou ainda ouvir e captar imagens. A Celebração de Bom Jesus dos Navegantes, mais do que uma manifestação religiosa, perpassa pela história de Luís Correia. E, por isso, se entrelaça com a história das pessoas que vivem naquele lugar. As memórias sofrem lapsos, fatos nem sempre são descritos, documentos se perdem e, principalmente, às vezes não nos damos conta de que algo é digno de valor e reconhecimento até que nos digam.

Nesse sentido, o inventário construído com a comunidade de interesse e o documentário etnográfico produzido em profunda vivência com a comunidade faz com que estes atores se reconheçam na história do bem cultural, a Celebração de Bom Jesus dos Navegantes. É, então, um processo de descoberta e reencontro com suas origens, através da história de seus antepassados.

Assim, acreditamos que a pesquisa-ação, quando alicerçada pela Museologia Social, abre caminhos para o diálogo na sua mais ampla extensão. Essa museologia que está a serviço da comunidade pretende alcançar uma construção conjunta de experiências que se traduzam na valorização da cultura local, no exercício de uma patrimonialização plural e evolutiva, e na identificação e reutilização dos processos, sentidos e saberes que dão vida aos projetos realizados.

Todo o processo pela busca de histórias, escritos e memórias foi também um processo de descoberta sobre a prática museológica. Fizemos etnografia, exercemos a museologia social e, durante todo o itinerário percorrido, também fomos comunidade. Ao apresentamos conceitos como patrimônio imaterial, identidade e memória, vimos o quão significativo é o conhecimento.

Por isso, é preciso que as pessoas vejam o seu entorno com outro olhar; é preciso que se aflore o sentimento de pertencer;

e, sobretudo, é preciso educar para o patrimônio; criar pontes entre o passado e o presente, com o intuito de salvaguardar e promover a história de cada lugar, de cada território.

A Celebração de Bom Jesus dos Navegantes descreve a história de um território marcado pela devoção, a história de uma tradição religiosa ancestral tecida por uma comunidade de pescadores e fortalecida pela fé.

A intangibilidade é frágil e, por isso, o Inventário da Celebração de Bom Jesus dos Navegantes e o Documentário A Fé que Abraça a Barca – mais do que registros, e, conseqüentemente, instrumentos de proteção – são possibilidades de pensarmos na educação para o patrimônio em comunidades praieiras, ribeirinhas e interioranas. Pensar em formas de facilitar a linguagem patrimonial e maneiras de dar acesso às práticas de reconhecimento e valorização do patrimônio.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Manual de história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2005. 2ª ed.

ALVES, Luiz Alberto Sousa; JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. As Festas e as Tradições Religiosas. In: Revista de Educação da AEC. Ano 2006, n. 138 – p. 74-78.

AMARAL, Polyanny; NETO, Arlindo. Os Imponderáveis da Etnografia Religiosa: uma análise sobre o trabalho etnográfico no campo religioso. MNEME – Revista de Humanidades, v.12, n. 29, p.496, 2011.

ARANTES, Antônio Augusto. Patrimônio Imaterial e Referências Culturais. In: Revista Tempo Brasileiro, v. 1, n. 147, p.129-139, out./dez. 2001.

BERGER, Peter. O Rumor dos Anjos: sociedade moderna e a descoberta do sobrenatural. Petrópolis: Vozes, 1973.

BÍBLIA, A. T. Provérbios. In: BÍBLIA. Português. Sagrada Bíblia Católica: Novo Testamento. Tradução de José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008. Lucas, Lc 5,1-11.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 05 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais n. 1/92 a 31/2000 e pelas Emendas Constitucionais da Revisão n. 1 a 6/94. Brasília: Senado Federal, 2001.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O Divino, o Santo e a Senhora. Rio de Janeiro: Companhia de Defesa do Folclore Brasileiro, 1978.

CANDAU, Jöel. Memória e Identidade. Trad. Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CAILLOIS, Roger. O Homem e o Sagrado. Lisboa: Edições 70. Perspectivas do Homem. 1988.

CHAGAS, Mario; GOUVEIA, Inês. Museologia Social: reflexões e práticas – À guisa de apresentação. In: Cadernos do CEOM, v.27, n. 41. S/d.

CORRÊA, Isabella. Natureza e Sagrado na Memória da Festa de Bom Jesus dos Navegantes. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2013 (Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente).

DELGADO, Lucila de Almeida Neves. História oral: memória, tempo, identidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DELL PRIORE, Mary. Festas e Utopias no Brasil Colonial. São Paulo: Brasiliense, 2004.

FÉRNANDEZ, Luis Alonso. Introducción a la Nueva Museología. Madrid: Alianza Editorial, 1999.

FERREIRA, Lorene Dutra Moreira e. Festas Religiosas: uma manifestação cultural de Mariana. Ouro Preto: ETFOP, 2009.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Usos e Abusos da História oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008. 1 ed., 13º reimpr.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [IPHAN]. Educação Patrimonial: Inventários Participativos – manual de aplicação. Brasília: IPHAN, 2016. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/>

inventariodopatrimonio_15x21web.pdf>. Acesso em 07 de setembro de 2016.

_____. Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC: manual de aplicação. Brasília: IPHAN, 2000.

_____. Certidão [de registro de Kisuwa – linguagem e arte gráfica Wajãpi]. Brasília: IPHAN, [s.d.]. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=348>>. Acesso em: 31 maio de 2007.

_____. Certidão [de registro do ofício das paneleiras de Goiabeiras]. Brasília: IPHAN, [s.d.]. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=352>>. Acesso em: 31 de maio 2007.

_____. O Registro do Patrimônio Imaterial: dossiê final das atividades da Comissão do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial. Brasília: IPHAN, 2006a. 4.ed.

JÚNIOR, O. P. L. Festa e Religiosidade. In: Revista Vivência, UFRN/CCHLA. Vol. 13, n. 1, jan./jun., 1999. p. 31-38.

JURKEVICS, Vera. Festas Religiosas: a materialidade da fé. Curitiba: UFPR, 2005. n. 43, p. 73-86.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Trad. Ruy Oliveira. Lisboa: Edições 70, 1982.

MAGALHÃES, Aloísio. E Triunfo? A questão dos bens culturais no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/ Fundação Roberto Marinho, 1997.

MARTINS, Clerton; LEITE, Liliana. Cultura, religiosidade popular e romarias: expressões do patrimônio imaterial. In: Martins, Clerton. (Org.). Patrimônio cultural: da memória ao sentido do lugar. São Paulo: Roca, p. 105-119.

MAUSS, Marcel. *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Perspectivas, 2001. 2 ed.

MEIHY, José Carlos S.B. *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MICHELOTO, Antônio Ricardo. Realidade e Perspectivas das Tradições Religiosas no Pós-Modernismo. In: *Interações - Cultura e Comunidade*. CDHIS-UFU. Vol.3, n.3, 2008. p. 97-112.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: *Revista Projeto História*. São Paulo: Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC, n 10, 1993, p.07-28.

OLIVEIRA, Inácio Marinheiro de. *Diocese Parnaibana: 70 anos em Missão*, p. 107-108, 2016.

OLIVEIRA, José Cláudio Alves de. O ex-voto como mídia de folkcomunicação. In: *Ação midiática- Estudos em comunicação, sociedade e cultura*. Ed. 06, jul./dez. de 2013.

OLIVEIRA, José Cláudio Alves de. Por uma perspectiva da Folkcomunicação a partir das análises semiológicas sobre os ex-votos do Brasil. In: *Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Recife, PE - 2 a 6 de setembro de 2011*.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. *Religião e Dominação de Classe*. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 360.

Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura [UNESCO]. *Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial*. Paris: UNESCO, 2003.

PASSOS, Mauro (org.). *A Festa na Vida: significado e imagens*. Petrópolis: Vozes, 2002.

Programa Nacional de Desenvolvimento do Turismo [PRODETUR].
Relatório de Avaliação Ambiental Estratégica. Piauí, 2010.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: Estudos
Históricos. Rio de Janeiro, vol. 05, n. 10: 1992, p.200-212.

_____. Memória, Esquecimento, silêncio. In: Estudos Históricos.
Rio de Janeiro, vol. 02, n. 3: 1989, p.3-15.

PUCCINI, S. Roteiro de Documentário: da pré-produção à pós-
produção. Campinas: Papyrus, 2012. 3. ed.

RODRIGUES, André Figueiredo. Resenha do livro de István Jancsó
& Íris Kantor (Org.) – Festa: cultura e sociabilidade na América
portuguesa. História & Ensino, Londrina, v. 8, out. 2002.

SANCHIS, Pierre. Arraial: festa de um povo. As romarias
portuguesas. Lisboa: Dom Quixote, 1992. 2. ed.

SANT'ANNA, Márcia. O Registro do Patrimônio Imaterial: dossiê
final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho
Patrimônio Imaterial. Brasília: IPHAN, 2003. 2. ed.

SANTOS, Milton. Metamorfoses do Espaço Habitado: fundamentos
teóricos e metodológicos da geografia. Hucitec: São Paulo, 1988.

SEGALEN, Martine. Ritos y Rituales Contemporáneos. Trad. Alicia
Martorill Linares. Madrid: Alianza Editorial, 2005.

SILVA, Raymundo. Registros da 2ª Sessão Ordinária da 25ª
Legislatura da Assembleia Provincial da Província do Piauí -
Império, p. 239-242, 1883.

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez,
1985.

THOMPSON, Paul. A voz do passado. São Paulo: Paz e

Terra,1998.

Referências eletrônicas

AMARAL, Cleiton; CAMARGO, Coaraci; MACHADO, Eliane; OLIVEIRA, Roberto; VILA, Tarcisio. Almanak da Parnahyba, 1924; Guias Levi, 1932-1980; IBGE, 1956. Artigo on line. Acesso em: 05 de abril de 2018.

RIBEIRO, Kelly. O Desenvolvimento do Documentário Etnográfico. Artigo on line, 2013. Disponível em< <https://www.webartigos.com/artigos/o-desenvolvimento-do-documentario-etnografico/116582>> Acesso: 05 de abril de 2018.

SOUSA, Rainer. Identidade Cultural. Artigo on line, s/d. Disponível em < <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/sociologia/identidade-cultural.htm>. Acesso em: 03 de abril de 2018.

O Eco. O que são Unidades de Conservação. Dicionário Ambiental. Rio de Janeiro, abr. 2013. Disponível em: <<http://www.oeco.org.br/dicionario-ambiental/2799-o-que-sao-unidades-de-conservacao/>>. Acesso em: 14 de maio de 2017.

PINTO, Tales dos Santos. A Igreja Católica no Brasil. In: Brasil Escola. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/historiab/igreja-catolica-no-brasil.htm>>. Acesso em 05 de abril de 2018.

URIARTE, U. M. O que é fazer etnografia para os antropólogos. In: Ponto.Urbe (USP), v. 11, p. 1-15, 2012. Disponível em: <http://pontourbe.revues.org/300>. Acesso em: 07 dez. de 2017.

ANEXOS

ANEXO B

(Convite para a Celebração de Bom Jesus dos Navegantes - junho de 1995)

PARÓQUIA N.S. DA CONCEIÇÃO
FESTEJO DE BOM JESUS DOS NAVEGANTES E DE SÃO PEDRO
20 a 29 DE JUNHO DE 1.995 - LUIZ CORREIA

CONVITE

Convidamos todos os paroquianos de Luiz Correia e todos os devotos de Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro a participar com muita fé do novenário que acontecerá do dia 20 a 29 de Junho.

PROGRAMAÇÃO

- 1ª NOITE (20/06) TEMA: MISSÃO DA IGREJA - 1 Cor 12,12-28 Sl 122 Jo 10,1-11
Responsável: Pastoral da Liturgia, Bairro Centro, Prefeitura, Câmara e Posto de Saúde (PSESP)
- 2ª NOITE (21/06) TEMA: FÉ E COMPROMISSO - 2Cor 9,6-15 Sl 61 Jo 4,46-54 ou Jo 15,1-8
Responsável: Movimento Sacerdotal Mariano, Apostolado da Oração e IMPEP
- 3ª NOITE (22/06) TEMA: A PARTILHA NA COMUNIDADE - At 2,42-47 Sl 14 Jo 15,12-17
Responsável: Pastoral do ~~Serapente~~/Albatroz
- 4ª NOITE (23/06) TEMA: O AMOR DE CRISTO NOS CHAMA A CONVERSÃO - Rom 5,5-11 Sl 23 Lc 15,3-7
Responsável: Ministros da Eucaristia e Professores
- 5ª NOITE (24/06) TEMA: DIGNIDADE DA FAMÍLIA - Col 3,12-21 Sl 1 Mt 12,46-50
Responsável: Assis e Ana Lúcia - Gonzaga e Dulce Chido Felix e Luiza Assis e Lucinha.
- 6ª NOITE (25/06) TEMA: MISSÃO DO LEIGO - Zc 12,10-11; 13,1 Sl 62 Gl 3,26-29 Lc 9,18-24
Responsável: Pastoral Missionária, Bairro Sta Luzia e Fórum
- 7ª NOITE (26/06) TEMA: ERAS TU, SENHOR - Is 56,1-8 Sl 8 Mt 5,1-12
Responsável: Catequistas, Pastoral Vocacional, Bairro Beira Mar, Cidade de Deus e Sec. Fazenda (coletoria).
- 8ª NOITE (27/06) TEMA: A EUCARISTIA É O ALIMENTO DA COMUNIDADE - 1Cor 11,23-34 Sl 62 Jo 6,35-51
Responsável: Pastoral do Dízimo, Pastoral da Criança, Bairro Triângulo, Bairro Cearazinho e Bando do Brasil S/A
- 9ª NOITE (28/06) TEMA: O JOVEM CONSTRUINDO A COMUNIDADE DE CRISTO ISm 3,1-19 Sl 111 Lc 18,18-30
Responsável: Hotel Poty, Pastoral da Juventude e Vicentinos
- DIA DA FESTA (29/06)
15:00hs procissão por água e por terra com Bom Jesus e São Pedro
18:00hs Missa de encerramento At: 12,1-11 Sl 33 Mt 16,13-19
Responsável: Liturgia

De já agradece,

Frei Manoel Henrique e Conselho Paroquial

ANEXO C

(Folder da Celebração de Bom Jesus dos Navegantes -1996)

FESTEJO DO BOM JESUS DOS NAVEGANTES E SÃO PEDRO 20 . VI . 96 ---29 . VI . 96

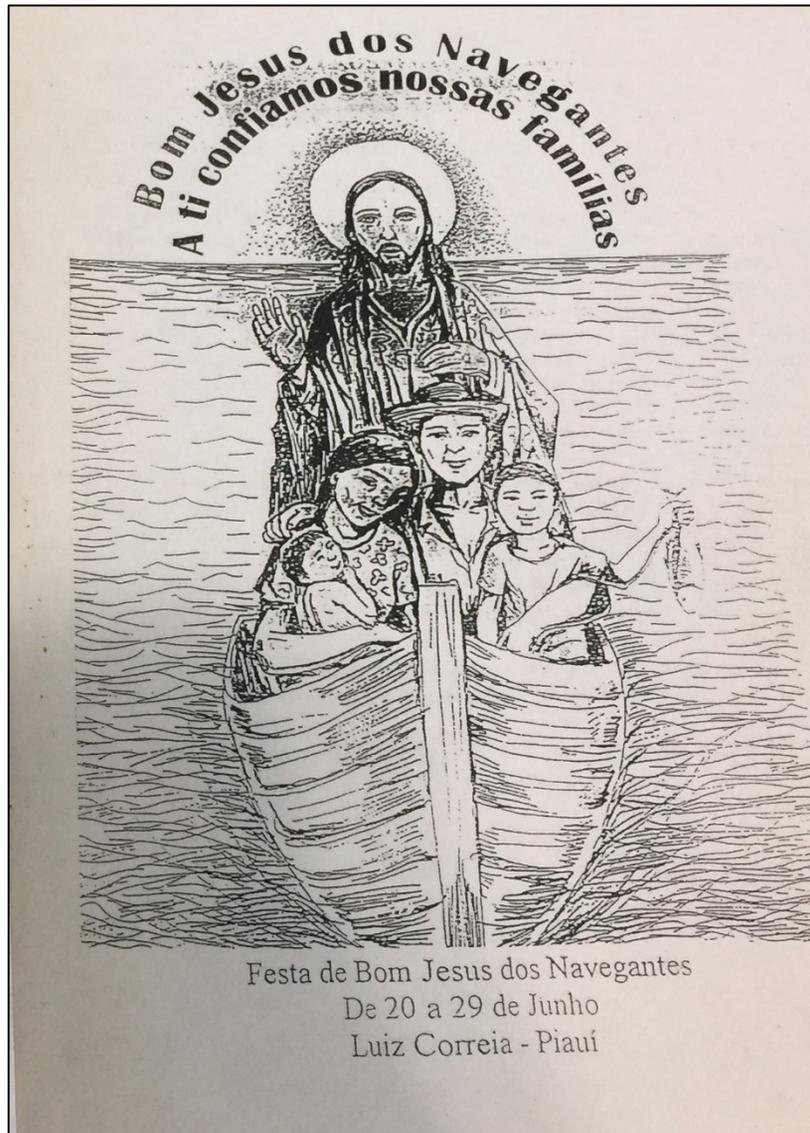
*" Sigam-me . eu farei de vocês pescadores de homens"
(Mt 4, 19)*



Paróquia N. Sra da Conceição - Luiz Correia - PI

ANEXO D

(Folder de divulgação da Celebração de Bom Jesus dos Navegantes -Sem ano Determinado)



ANEXO E

(Folder da Celebração de Bom Jesus dos Navegantes -junho-2017)



APÊNDICE

APÊNDICE A

(Inventário da Celebração de Bom Jesus dos Navegantes)

INVENTÁRIO DA CELEBRAÇÃO DE BOM JESUS DOS NAVEGANTES

FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO

1 LOCALIZAÇÃO

 <p>Mapa do Piauí _ 05/03/2018 Arquivo- GIF, Dimensões 413x501, Tamanho 37,2 KB Fonte – Portal Integração</p>	DENOMINAÇÃO DO SÍTIO	PIAÚÍ
	OUTRAS DENOMINAÇÕES	NÃO
	MUNICÍPIO(S) INVENTÁRIADO(S)	LUÍS CORREIA
	DISTRITO OU SUBDISTRITO	NÃO
	LOCALIDADE (S) INVENTARIADA (S)	LUÍS CORREIA

2 FOTOS

OBS: Para lista completa das fotos inventariadas, consultar o *Anexo 2: Registros audiovisuais*.

Anexo 02 – Registros Audiovisuais

3 REFERÊNCIAS CULTURAIS

SÍNTESE

Foi inventariada a Celebração de Bom Jesus dos Navegantes, realizada no município de Luís Correia-PI. Esse bem cultural se insere na categoria das *Celebrações*. A devoção a Bom Jesus dos Navegantes inicia-se aos 29 de junho sem ano determinado. Acredita-se que remonta ao século XIX, quando segundo relatos orais, os pescadores da pequena Vila de Amarração, atualmente Luís Correia, encontraram na outra margem de sua baía, uma imagem de Cristo feita de madeira; levaram-na ao então pároco da vila, que, juntamente com outros moradores, deram nome à imagem batizando-a de Bom Jesus dos Navegantes. O povo passou, desde então, a venerar com grande devoção a Bom Jesus dos Navegantes que segundo relatos de testemunhas da época estava operando milagres e realizando a felicidade de todos ao conceder graças; assim sua fama se espalhou por localidades mais distantes e a paróquia começou a receber visitante de toda região para mostrar sua crença e adorar Bom Jesus dos Navegantes, criando então novenas e um hino a ele. A celebração se inicia no dia 19 de junho com a procissão do mastro e hasteamento da bandeira, segue em dez dias de novena, com várias outras atividades organizadas e realizadas pela Paróquia, juntamente com a comunidade. O encerramento se dá no dia 29 de junho, em comemoração a São Pedro, padroeiro dos pescadores. Nesse dia, o ápice do festejo, ocorrem as procissões marítima e terrestre, finalizando com a missa campal e grande festa.

4 DESCRIÇÃO DO SÍTIO

OBS: Para lista completa das fontes inventariadas, consultar o Anexo 1: Bibliografia

4.1 LOCALIZAÇÃO

O Piauí é uma das 27 unidades federativas do Brasil, está localizado a noroeste da Região Nordeste, na subdivisão chamada Meio-Norte do Brasil; limita-se com os estados do Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia e Tocantins, além de ser banhado pelo oceano Atlântico. Dos estados do Nordeste, o Piauí é o que possui menor extensão litorânea, com apenas 66 quilômetros. No entanto, possui um trecho privilegiado, pois na fronteira com o Maranhão, situa-se o Delta do Rio Parnaíba, único em mar aberto do continente americano. A extensão territorial do Piauí é de 251.576,644 quilômetros quadrados, divididos em 224 municípios. É o terceiro maior estado do Nordeste, tornando-se inferior apenas aos estados da Bahia e Maranhão. Sua área corresponde a 2,9% do território brasileiro. Conforme contagem populacional realizada em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), totaliza 3.118.360 habitantes. A densidade demográfica é de aproximadamente 12,4 hab./km², o crescimento demográfico é de 0,9% ao ano. A maioria da população piauiense é residente de áreas urbanas: 65,8%; a população rural é de 34,2%. Etnicamente, a população estadual é composta por: Pardos 63%, Brancos 33%, Negros 3%. A religião predominante é o catolicismo (90%). Teresina, capital do Piauí, é a cidade mais populosa do estado – 814.230 habitantes. Diferentemente de todos os outros estados nordestinos, a capital do Piauí não está localizada no litoral, esse fato se deve ao processo de colonização no território piauiense, que foi estabelecido do interior para o litoral.

4.2 PAISAGEM NATURAL E MEIO AMBIENTE

O território piauiense limita-se a oeste com o Maranhão, a sudoeste com o Tocantins, ao sul com a Bahia, a oeste com Pernambuco e Ceará, além de ser banhado ao norte pelo Oceano Atlântico, possuindo um litoral de apenas 66 quilômetros, o menor do Nordeste. No entanto, o litoral do Piauí abriga uma grande biodiversidade e belas paisagens naturais, como o delta do Rio Parnaíba, ilhas, praias de areia fina e dunas. Um aspecto físico do Piauí muito marcante é o relevo, caracterizado por planícies litorâneas, planaltos e depressão. Nas regiões fronteiriças com Ceará, Pernambuco e Bahia existem chapadas. O clima varia de acordo com a região. O clima tropical predomina na maior parte do estado, com temperatura média em torno de 27 °C, umidade relativa do ar variando entre 60% e 84% e índices pluviométricos (chuvas) elevados. A porção sudoeste tem como clima atuante o semiárido, com temperaturas mais elevadas e menor quantidade de chuvas. Assim como o clima, a vegetação também é heterogênea. A caatinga ocupa a maior parte do território do Piauí, que também abriga mangues litorâneos e mata dos cocais na porção oeste. A rede hidrográfica é composta pelos rios Canindé, Gurgueia, Longá, Paranaíba, Piauí, Poti, Uruçuí Preto, entre outros. Além disso, o Piauí possui em sua geografia física aspectos diversificados que o diferenciam dos demais Estados da União. Sua localização faz com que disponha de particular variedade paisagística, de flora e fauna além de dois exemplos únicos que o destaca das demais regiões brasileiras: o seu patrimônio arqueológico e o Delta do Rio Parnaíba. Para a proteção do delta dos rios Parnaíba, Timonha e Ubatuba foi criada uma unidade de proteção, a Área de Proteção Ambiental (APA) do Delta, essa unidade foi criada para proteger os deltas desses rios, com sua fauna, flora e complexo dunar, proteger remanescentes de mata aluvial; proteger os recursos hídricos; melhorar a qualidade de vida das populações residentes, mediante orientação e disciplina das atividades econômicas locais; fomentar o turismo ecológico e a educação ambiental e preservar as culturas e as tradições locais. De acordo com a Avaliação Ambiental Estratégica realizada em 2010 pelos Programas Regionais de Desenvolvimento do Turismo (Prodetur), o Piauí possui duas grandes áreas: o Polo da Costa do Delta e o Polo da Costa das Origens. O Polo Costa do Delta está localizado na região litorânea do Piauí e apresenta características peculiares que compõem o principal produto turístico do estado. A região do polo contempla os quatro municípios localizados na faixa litorânea do estado: Cajueiro da Praia, Luís Correia, Parnaíba e Ilha Grande. Tal região tem uma diversidade biológica e também paisagística relevante para o estado e o país, sendo que o maior destaque em termos de singularidade encontra-se no Delta do Rio Parnaíba, reconhecido como o único das Américas em mar aberto. Além disso, várias praias pouco habitadas, áreas de mangue, floresta de transição e espécies, algumas em risco de extinção, caracterizam a importância ambiental do polo. O que o torna importante não somente para a atividade turística, mas também no sentido da conservação da diversidade ambiental e paisagística do país. O litoral do Piauí é formado pela transição/interação entre Cerrado, Caatinga e sistemas marinhos, o que produz uma paisagem complexa. Sendo assim, coexistem diversos ecossistemas de grande riqueza e complexidade, formados por extensas planícies flúvio-marinhas rodeadas por dunas e lagoas, manguezais, igarapés e uma fauna variada. No Polo Costa do Delta, encontram-se as Bacias Difusas do Litoral e as Bacias Difusas do Baixo Parnaíba. Seu relevo segue as características das formações do Planalto Central Oriental

da Bacia do Maranhão-Piauí, dos Baixos Planaltos do Médio-Baixo Parnaíba, dos Tabuleiros Pré-Litorâneos e da Planície Costeira, na qual se destaca o Delta do Rio Parnaíba, de grande interesse natural, geográfico, paisagístico e turístico. O Delta é formado por extensas planícies flúvio-marinhas, cortadas por uma rede de canais que deságuam no mar, formando um arquipélago composto por 78 ilhas e ilhotas. Essas ilhas e ilhotas são ladeadas por dunas e lagoas, formando um sistema complexo onde convivem espécies de mangue com porte de floresta tropical, igarapés de vegetação fechada e uma rica fauna. Além disso, o Polo possui diversas praias de interesse turístico por sua beleza cênica, muitas ainda em estado natural, ou pouco antropizadas, com dunas fixas e móveis. Completando o cenário, há lagoas de grande beleza e atração, sendo as mais conhecidas a Lagoa de Portinho, de Sobradinho e do Peba. **O Polo das Origens**, localizado na região sudeste do Piauí, apresenta características peculiares, com importância de primeira ordem tanto para o turismo nacional quanto internacional. Tal importância é atribuída principalmente ao fato de que o acervo arqueológico registrado na região (Serra da Capivara e Serra das Confusões) é considerado o maior das Américas, abrigando grande parte da história do homem americano. Além do acervo arqueológico, o Polo se diferencia pela singularidade paisagística, pois as formações rochosas e a significativa composição de seu ecossistema tornam o local um ambiente singular e convidativo para a visita. A região do Polo das Origens situa-se no domínio morfoclimático das diferentes caatingas (caatinga arbustiva, caatinga subarbustiva e caatinga arbórea), sendo um dos últimos conjuntos de fragmentos de importante conservação da diversidade biológica desse bioma, abrigando fauna e flora específicas e ainda pouco estudadas. No polo, a fauna também chama atenção para a conservação do lugar. A região possui espécies típicas da Caatinga, e também comuns a outros ambientes (como o cerrado e a floresta amazônica), porém há poucos estudos sobre a biodiversidade, taxa de endemismo e adaptações fisiológicas, dificultando o conhecimento da complexidade e importância deste ambiente. A Caatinga ocorre no leste e sudoeste do Piauí e é o único bioma exclusivamente brasileiro, refletindo a singularidade local, o que significa que grande parte do seu patrimônio biológico não pode ser encontrada em nenhum outro lugar, chamando atenção para sua necessidade de conservação e estudo.

4.3 MARCOS EDIFICADOS

De acordo com a Fundação Cultural do Piauí (FUNDAC, 2008), pode-se classificar o acervo cultural do Piauí em: **Sítios Arqueológicos**: São áreas que reúnem manifestações realizadas pelo homem pré-histórico, tais como pintura, gravura, incisões, peças funerárias, peças decorativas, etc. No Piauí, a importância e riqueza do patrimônio arqueológico existente em Piracuruca no Parque Nacional de Sete Cidades e no município de São Raimundo Nonato na Serra da Capivara, que já são conhecidos pela comunidade científica.

Arquitetura Religiosa: A produção da arquitetura religiosa no Piauí durante o séc. XVII é muito reduzida, porém bastante significativa. É quatro o número de igrejas piauienses com características de arquitetura jesuítica que foram produzidas durante o séc. XVIII. A Igreja Nossa Senhora da Vitória (Oeiras), a Igreja Nossa Senhora do Rosário (Oeiras), a Igreja Nossa Senhora do Carmo (Piracuruca) e a Igreja de Santo Antônio (Jerumenha), são exemplares desta arquitetura influenciada pelos irmãos da Companhia de Jesus. Apresentam planta em formato retangular, nave única, interiores bastante simples, frontispícios bem marcados, com uma certa simetria, paredes em pedra, piso original em tijoleira, etc. Devido ao valor histórico e arquitetônico, todos estes exemplares estão protegidos através de tombamentos: a nível federal (N. Sra. da Vitória e N.Sra. do Carmo) ou a nível estadual (N. Sra. do Rosário e Santo Antônio).

Edificações de Uso Comercial e Industrial: As edificações destinadas ao uso comercial no Piauí são muitas, porém as mais representativas são: O conjunto arquitetônico do Porto das Barcas, que é um precioso grupo de edificações do séc. XIX de imensurável valor histórico, como exemplares remanescentes de uma época áurea do desenvolvimento comercial do Piauí e também como núcleo de onde se propagou a urbanização da atual cidade de Parnaíba. E a Fábrica de Laticínios de Campinas do Piauí, que traz consigo toda uma simbologia, de grande beleza arquitetônica dentro dos padrões neoclássicos.

Arquitetura Civil Rural: As casas de fazenda são o que se pode chamar do tipo mais característico da produção arquitetônica piauiense, caracterizada pelos enormes telhados (necessários à proteção do sol), soluções construtivas e técnicas apropriadas ao meio e pela solução plástica simples e sóbria. São encontradas em praticamente todo território do Estado, podendo-se destacar algumas pela sua antiguidade e importância: Serra Negra – Aroazes-PI (séc. XVIII); Abelheiras – Campo Maior (séc. XIX); Ininga – Campo Maior (séc. XIX); São Domingos – José de Freitas (séc. XIX); Chapada – Piracuruca (séc. XIX); Dona Alemã – Capitão de Campos (séc. XIX); Olho D'Água dos Azevedos – Miguel Alves (séc. XIX); Olho D'Água dos Pires – Esperantina (séc. XIX).

Arquitetura Civil Urbana: São várias as cidades no Piauí que guardam um importante acervo da arquitetura civil urbana: Oeiras – A mais antiga, com áreas homogêneas de uma arquitetura da época da colonização do gado;

Campo Maior – Ressalta-se o conjunto arquitetônico no entorno da Praça Bona Primo; Pedro II – Ressalta-se o conjunto arquitetônico no entorno da Praça Domingos Mourão Filho e a existência de sítios arqueológicos; Piracuruca – Ressalta-se o conjunto arquitetônico no entorno da Praça Irmãos Dantas; Amarante, Parnaíba e Teresina – Com um casario representativo do século XIX, com o incremento da navegação. Casas mais ricas, de influência eclética.

Arquitetura Oficial: Compreende as Estações Ferroviárias; as Casas de Câmara e Cadeia (Cadeia de Campo Maior /abriga o Museu do Couro, Cadeia de Jerumenha/ encontra-se em precário estado de conservação, Casa de Câmara e Cadeia de Jaicós – encontra-se abandonada); e a Casa de Pólvora (Casa de Pólvora de Oeiras – Tombada a nível federal).

Patrimônio Natural: A questão do Patrimônio Natural tem sido trabalhada mais a nível de Secretaria Estadual do Meio Ambiente e IBAMA, contudo, é possível relacionar alguns pontos paisagísticos que necessita de imediatos projetos de cadastramento, macrozoneamento e planejamento turístico. São eles: Cachoeira do Urubu – Esperantina; O Gritador – Pedro II; Delta do Parnaíba – Parnaíba; Lagoa do Portinho – Luís Correia; Açude Caldeirão – Piripiri; Poços Jorrantes – Vale do Gurguéia; Pedra de Castelo – Castelo do Piauí; Margens do rio Maratoã – Barras.

5 FORMAÇÃO HISTÓRICA

OBS: Para lista completa dos documentos escritos inventariados, consultar o Anexo 1: Bibliografia

5.1 RESUMO

Estudos arqueológicos indicam que o território do atual Estado do Piauí é habitado há muitos milhares de anos. No século 16, o Piauí era habitado por nações indígenas como os tremembés e tabajaras, entre outras. A colonização portuguesa começou no século XVII, quando foram enviadas algumas expedições à região. Segundo Rocha Pitta, os sítios do Piauí tomaram o nome de um rio que "corre só havendo chuvas, e no verão fica cortado em vários poços".

A partir dos anos 1660, estabeleceram-se colonos vindos principalmente da Bahia e de Pernambuco, especialmente para a criação de gado. Os colonos envolveram-se em lutas contra grupos indígenas, pela disputa da terra. Os proprietários do Castelo Garcia d'Ávila tiveram grande influência na colonização do Piauí. Em 1674, o baiano Francisco Dias d'Ávila (neto de Garcia d'Ávila) e o português Domingos Affonso Mafrense chegaram ao Piauí, com outros colonos e índios escravizados. O capitão Mafrense viveu na Bahia e já tinha uma fazenda de gado em Pernambuco. Tornou-se um grande proprietário de terras no Piauí, desenvolvendo atividades de pecuária e agricultura. Com a sua morte, os jesuítas herdaram suas fazendas e continuaram a desenvolvê-las.

Pitta relata a abundância de pastos dessas terras, para todo gênero de gado, e que já existiam, na época (ca. 1724), quase 400 fazendas de gado de larga extensão.

Com a colonização, surgiram povoados. Um deles tinha o nome de Mocha, onde existia uma capela da Freguesia de Cabrobó, da Diocese de Olinda. Mocha (futura Oeiras) foi elevada à categoria de vila, por carta régia de 30-06-1712, e instalada em 26-12-1717. De acordo com Pitta, o Piauí já era uma capitania por volta de 1724, quando o autor escreveu sua *História da América Portuguesa* (alguns autores datam o estabelecimento dessa capitania em 1758). Ele cita que a Capitania possuía capitão-mor, ordenanças e uma vila (Mocha) fundada por Vicente Leite Ripado, ouvidor do Maranhão. Essa vila tinha a invocação de Nossa Senhora da Vitória e o título de Mocha. A capitania do Piauí estava subordinada ao Estado do Maranhão e Grão-Pará. Antes da fundação da Capitania, as terras do Piauí estavam subordinadas administrativamente a Pernambuco. Entretanto, o Piauí continuava subordinado juridicamente à Relação da Bahia e as igrejas, subordinadas à Diocese de Olinda (esta, por sua vez, sufragânea da Arquidiocese).

Em 19 de junho de 1761, a Vila de Mocha foi elevada à condição de cidade. Pelo ato de 13 de novembro, do mesmo ano, a cidade passou a se chamar Oeiras, em homenagem ao Conde, futuro Marquês de Pombal.

Em 1772, o Estado do Grão-Pará e Maranhão foi desmembrado em dois: o Estado do Grão Pará e Rio Negro, com capital em Belém, e o Estado do Maranhão e Piauí, com capital em São Luís. Essa separação foi efetivada em 9 de julho de 1774.

Em 10 de outubro 1811, a carta régia de D. João separou a Capitania do Piauí da administração do Maranhão.

Durante a Guerra da Independência do Brasil, houve conflitos também no Piauí. Em 19 de outubro de 1822, os parnaibanos, liderados por Simplício Dias da Silva, declararam o Piauí independente de Portugal, mas leal ao Príncipe Regente. O movimento foi sufocado pelo major João José da Cunha Fidié, o Governador das Armas do Piauí. As forças parnaibanas fugiram para o Ceará.

Em 24 de janeiro de 1823, com Fidié ausente, o brigadeiro Manoel de Sousa Martins, tomou o poder, em Oeiras, e anunciou a adesão do Piauí ao Imperador D. Pedro I. Em 13 de março de 1823, ocorreu a Batalha do Jenipapo, em que as tropas do major Fidié derrotaram as forças brasileiras, formadas principalmente por piauienses,

maranhenses e cearenses na vila de Campo Maior (Piauí), às margens do riacho Jenipapo. Estima-se em mais de 300 o número de mortos, com centenas de feridos de ambos os lados.

Na sequência, Fidié foi para Caxias, no Maranhão. A Cidade foi cercada pelos brasileiros, houve combates, ele se rendeu e foi preso pelos brasileiros. Nas primeiras décadas do Império do Brasil a Província foi agitada por movimentos, como a Confederação do Equador e a Balaiada. Em 16 de agosto de 1852, a capital do Piauí foi transferida para Teresina. Em 1889, com a República, o Piauí tornou-se um estado do Brasil.

Segundo a Historiadora Áurea da Paz Pinheiro, em seu livro celebrações (2009), a formação histórica do Piauí se caracteriza também pela forte presença dos missionários franciscanos e jesuítas. Como em todo o Brasil, a Igreja Católica acompanhava a conquista dos espaços coloniais portugueses pela evangelização e catequese dos índios e pelos serviços religiosos prestados aos colonos. No Piauí, a atuação da Igreja Católica nos séculos XVII e XVIII precedeu a constituição de vilas e cidades, pois antes da instalação oficial da Capitania de São José do Piauí, os missionários já pregavam aos índios e faziam as desobrigas, percorrendo o sertão e administrando os sacramentos, quando as fazendas eram fixadas. A própria administração do Piauí colonial, baseada na fundação das vilas, foi montada de acordo com a pré-existência de freguesias, em diferentes e distantes lugares do território piauiense, pois havia uma freguesia católica, passou a existir uma vila e, futuramente, uma cidade. Os exploradores eram homens religiosos (PINHEIRO, 2009).

5.2 CRONOLOGIA	
DATA	EVENTO
1160	Estabeleceram-se colonos vindos principalmente da Bahia e de Pernambuco, especialmente para a criação de gado.
1674	O baiano Francisco Dias d'Ávila (neto de Garcia d'Ávilla) e o português Domingos Affonso Mafrense chegaram ao Piauí, com outros colonos e índios escravizados.
1724	O Piauí já era uma capitania.
1761	A Vila de Mocha foi elevada à condição de cidade. Pelo ato de 13 de novembro, do mesmo ano, a cidade passou a se chamar <u>Oeiras</u> , em homenagem ao Conde, futuro Marquês de Pombal.
1774	O Estado do Grão-Pará e Maranhão foi desmembrado em dois: o Estado do Grão Pará e Rio Negro, com capital em Belém, e o Estado do Maranhão e Piauí, com capital em São Luís.
1811	A carta régia de D. João separou a Capitania do Piauí da administração do Maranhão.
1822	Os parnaibanos, liderados por Simplicio Dias da Silva, declararam o Piauí independente de Portugal, mas leal ao Príncipe Regente.
1823	Ocorreu a Batalha do Jenipapo.
1852	A capital do Piauí foi transferida para <u>Teresina</u>
1889	Com a República, o Piauí tornou-se um estado do Brasil.

6 PERFIL SOCIOECONÔMICO

OBS: Para lista completa dos documentos escritos inventariados, consultar o Anexo 1: Bibliografia

6.1 POPULAÇÃO

Em 1940, a população piauiense, representava 2,01% da população brasileira e em 2000, esse percentual foi de, apenas, 1,67%. Esse fato está acontecendo tanto pela redução da taxa de natalidade, no Piauí, quanto pela emigração de piauienses para outros estados brasileiros.

Da época da colonização do Piauí até nossos dias, a sociedade piauiense tem buscado, cada vez mais, as cidades como local de moradia. Após 1980, a população rural começou a diminuir, enquanto a população urbana continuou a crescer.

Assim, o censo demográfico de 1991 demonstrou que, pela primeira vez, o Piauí estava com a população urbana maior que a rural, fato que vem se acentuando a partir de 2014. Isso está acontecendo por causa de migrações sucessivas de pessoas que saem da zona rural em direção às cidades, na esperança de encontrarem melhores condições de vida. Esse fato acompanha uma tendência nacional, pois, desde 1970, o Brasil está com a população urbana maior que a rural. Na região Nordeste, essa situação aconteceu pela primeira vez em 1980.

A distribuição da população piauiense também se diferencia entre o sul e o norte do Estado. Em 2000, o norte do Piauí, era habitado por 66,62% de sua população, enquanto que no sul, residiam, apenas, 33,38% dos habitantes. Desse modo, a densidade demográfica no norte do Piauí era de 24,55 hab./km², enquanto que, no sul, essa densidade era de, apenas, 5,44 hab./km². As redes de transportes e comunicações, mais bem organizadas e de melhor qualidade no norte do Piauí, constituem um dos fatores dessa concentração populacional. Outro fator que pode ser apontado é a localização da cidade de Teresina, capital piauiense, nessa parte do Estado. Teresina concentra oferta de bens e serviços, desde os mais simples até os mais especializados, além de oferecer maiores oportunidades de emprego para a gente piauiense.

A densidade demográfica estadual, em 2000, era de 11,31 hab./km². Assim, as mesorregiões que compõem a região norte do Piauí possuem densidades demográficas bem maiores que a estadual. Já na região sul, verifica-se que a mesorregião Sudeste Piauiense, que é denominada pelo clima semiárido, possui densidade demográfica quase três vezes superior à da mesorregião Sudoeste Piauiense, que, em grande parte, possui clima sub úmido. Essa mesorregião, embora seja a de maior área do estado, é a de menor densidade demográfica do Piauí. Esse fato comprova que a seca não é a responsável maior pelos problemas que afligem o povo piauiense. Esses fatos demonstram que, apesar de estar todo povoado, o espaço piauiense apresenta áreas de maior concentração populacional e áreas de população mais rarefeita.

Conforme contagem populacional realizada no último censo, em 2010, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Piauí totaliza 3.118.360 habitantes, correspondendo a 1,64% da população brasileira. Em 2017 teve uma estimativa de 3.219.257 habitantes. A densidade demográfica estadual é de aproximadamente 12,4 habitantes por quilômetro quadrado; o crescimento demográfico é de 0,9% ao ano. A maioria da população piauiense é residente de áreas urbanas: 65,8%; a população rural é de 34,2%; Etnicamente, a população estadual é composta por: Pardos 63%, Brancos 33%. A religião predominante é o catolicismo (90%).

Teresina, capital do Piauí, é a cidade mais populosa do estado – 814.230 habitantes. Diferentemente de todos os outros estados nordestinos, a capital do Piauí não está localizada no litoral, esse fato se deve ao processo de colonização no território piauiense, que foi estabelecido do interior para o litoral. Outras cidades estaduais que possuem grande concentração populacional são: Parnaíba (145.705), Picos (73.414), Floriano (57.690), Campo Maior (45.177), Barras (44.850), União (42.654).

Em termos gerais, de acordo pesquisa realizada pelo Instituto Unibanco em 2015, o Piauí possui características socioeconômicas distintas da média do país. A população do Piauí é um pouco mais jovem do que a brasileira, a proporção de negros é consideravelmente maior (75,6% no Piauí e 53,6% no Brasil), e o percentual de pessoas que vive em área rural é mais elevado (32,5% e 14,9%, respectivamente). Em relação às condições de vida, o Piauí apresenta piores índices do que a média do país: a esperança de vida é 2,3 anos a menos (71,6 e 73,9 anos), a expectativa de anos de estudo é levemente mais baixa (apesar da pequena diferença de 0,3 é o estado com o índice mais baixo dentre os analisados) e há mais pessoas vivendo em condições de pobreza: 34,1% são pobres e 18,8% são extremamente pobres, enquanto no Brasil esses percentuais são de 15,2% e 6,6% respectivamente. Diversos jovens piauienses de 15 a 17 anos já possuem sérias responsabilidades: 1,5% são responsáveis pelo domicílio em que vivem; 20% já trabalham; 14,5% estão fora da escola e 7,8% das meninas possuem filhos.

6.2 QUALIDADE DE VIDA

Nas últimas décadas, o Brasil tem registrado redução significativa na participação da população com idades até 25 anos e aumento no número de idosos. O Piauí, contudo, revela uma tendência contrária, já que a população está cada vez mais jovem. Foi o que apontou a Sinopse do Censo Demográfico divulgada em 2011. A maior parcela da população, 301.868 mil, possuía idade entre 15 e 19 anos.

Em 2012 o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) divulgou um levantamento sobre o índice de vulnerabilidade dos brasileiros. Os dados identificavam os obstáculos que ainda impediam parte da população do Piauí de viver com qualidade. O Estado aparecia na segunda colocação do ranking entre os estados com maior índice de vulnerabilidade das famílias: 32,3%, o que indicava que os fatores considerados para o cálculo ainda eram precários. Ao mesmo tempo, integrava a lista das regiões do país que mais diminuiram sua vulnerabilidade, ou seja, qualidade de vida, no período compreendido entre 2003 a 2009.

De acordo com a análise, baseada em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), em 2009 a população estava 15,9% menos vulnerável a riscos sociais que em 2003. A pesquisa, intitulada "Vulnerabilidade das Famílias entre 2003 e 2009", considerou a variação de dimensões sociais e econômicas no período e constatou que a vulnerabilidade se concentra mais fortemente nas áreas rurais de Alagoas, Maranhão, Piauí, Ceará e Pernambuco.

A vulnerabilidade das famílias, conforme o estudo, é fenômeno que "se circunscreve de forma ampla e pode restringir acesso a oportunidades de maneiras diversas, seja pela qualidade inadequada da habitação em si

ou pela sua precária localização, seja pela falta de acesso à educação e ao conhecimento, seja pelos efeitos dessa falta de conhecimento na prevenção e profilaxia da saúde, por exemplo”.

Dessa forma, para calcular o índice, foram considerados os fatores de acesso a conhecimento e a trabalho, a escassez de recursos, desenvolvimento infanto-juvenil, vulnerabilidade e condições habitacionais dos piauienses. Quanto maior for o índice, pior o resultado. A média nacional reduziu de 26,5% em 2003 para 23,1% em 2009. Dos nove estados nordestinos, oito encabeçavam a lista. No Nordeste, além do Piauí, o índice de vulnerabilidade teve maior decréscimo no Maranhão (17,7%), seguido de Bahia (16,3%), Rio Grande do Norte (14,8%), Ceará (14,5%), Pernambuco (14,3%), Alagoas (12,8%) e Paraíba (12,3%). O tópico que apresentava a menor taxa no Estado é o acesso ao conhecimento, com 65,4%. O melhor número registrado foi o desenvolvimento infanto-juvenil, com somente 5,9% de vulnerabilidade.

No caso do Piauí, escassez de recursos e condições habitacionais também foram os pontos que apresentaram melhoria: somente 32,7% e 26,8%, respectivamente. No período, apresentaram elevação os indicadores associados à presença de idoso nas famílias e à ausência de cônjuge. "A população envelhece e a proporção de famílias chefiadas por apenas um adulto aumenta", informou o estudo. Outro dado da pesquisa é que houve aumento do número de membros da família em idade ativa e redução da presença de crianças e bebês no conjunto dos domicílios.

Já, em 2017 o Piauí ficou em 25º lugar, entre os 27 estados da federação, no ranking que avalia os estados com melhor qualidade de vida do país. A pesquisa foi feita pela Macroplan, com base no Índice dos Desafios da Gestão Estadual, que avalia 28 indicadores, agrupado em nove áreas: saúde, segurança, gestão pública, educação, juventude, infraestrutura, condições de vida e desenvolvimento social e econômico. O Piauí obteve nota 0,489, ficando à frente apenas dos estados de Alagoas e Maranhão.

6.3 TRABALHO E RENDA FAMILIAR

O censo demográfico de 2000, disponibilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostrou que o maior percentual dos chefes de família recebia salários de mais de meio até um salário mínimo. A partir dessa faixa salarial, o número de responsáveis por famílias tendia a diminuir, de forma que os que recebiam mais de 5 a 10 salários mínimos representavam, apenas, 4,91% dos chefes de família, enquanto os que estavam acima dessa faixa salarial somavam, somente, 3,28% dos responsáveis pelas famílias. Os dados salariais, demonstraram que a renda era mal distribuída pela sociedade piauiense e o quanto era pequeno o poder aquisitivo da maioria dos responsáveis pelas famílias. Outro fato que o censo demográfico de 2000 evidenciou foi que, a partir dos 10 anos de idade, já se encontrava piauienses tomando conta de família, embora o maior número dos responsáveis pelas famílias se situava nas faixas de 30 a 39 anos e 60 anos e mais.

A concentração do comércio e dos serviços de maior porte e melhor qualidade nas zonas urbanas concorria para que aí se localizasse a população de maior renda. Entretanto, esse fato se contrapunha ao de que, nas periferias, se encontrava muitas situações de miséria, ou seja, muitas famílias passavam fome, cujos chefes sobreviviam de biscates, sendo excluídos das conquistas sociais das cidades.

Além da desigualdade de renda, havia indicadores sociais reveladores de outras desigualdades, que comprovavam as condições de vida precária da maioria dos piauienses.

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) divulgada em 2016 pelo IBGE, a renda domiciliar per capita do piauiense referente a 2015 foi de R\$ 729 - maior apenas que em outros quatro Estados: Maranhão (R\$ 509), Alagoas (R\$ 598), Pará (R\$ 672) e Ceará (R\$ 680). O resultado é semelhante ao divulgado em 2014, quando o Piauí também ocupava a 23ª posição no ranking de renda per capita familiar, com o valor de R\$ 659. O aumento, portanto, foi de R\$ 70 ou 10,62%.

Já em 2017, o Piauí foi o Estado em que o valor do PIB per capita mais cresceu dentre todos as unidades da federação, aumentando mais que 5 vezes entre 2002 e 2015 (R\$ 2.440,70 para R\$ 12.218,51), uma alta de 400,61%. Maranhão (27º) e Piauí (26º) continuaram os menores neste aspecto em 2015. Ao longo da série, estes dois Estados alternaram posições, mas nunca deixaram de ter os menores resultados. Porém, em 2002, o PIB per capita de ambos era cerca de 30% do PIB per capita do Brasil e, em 2015, alcançaram o patamar de 40%. Assim, Maranhão e Piauí conseguiram reduzir a distância entre seus PIB per capita e o nacional. Sendo assim, a renda per capita melhorou. Em 2003, a renda per capita do piauiense era 31% da nacional. Em 2014 era 42,4%. Agora chega a 42,6%.

6.4 EDUCAÇÃO

A Secretaria de Estado de Educação do Piauí (SEDUC) possui quatro superintendências: Institucional, de Gestão, de Ensino e de Ensino Superior, sete diretorias e, também, 21 Gerências Regionais de Educação, das quais quatro para as escolas de Teresina e 17 descentralizadas pelo estado.

De acordo com pesquisa realizada pelo Instituto Unibanco, em 2015, segundo o Censo Escolar de 2015, a rede estadual de educação do Piauí é composta por 647 escolas. São 580 unidades (89,6%) localizadas em área urbana e 67 (10,4%) em área rural. As matrículas das escolas estaduais – reunindo todas as etapas e modalidades de ensino – somam um total de 221.995. São 212.146 matrículas em área urbana e 9.849 na área rural. Do total de escolas do estado, 492 compõem a rede de Ensino Médio regular estadual, estando 430 (87,4%) delas localizadas na área urbana e 62 (12,6%), na área rural. O total de matrículas em escolas com Ensino Médio regular totaliza 121.344, que estão distribuídas da seguinte forma: 113.810 matrículas em escolas urbanas e 7.534 matrículas em escolas situadas em área rural. Uma forma de avaliação da rede escolar é o cálculo do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, o Ideb, que considera o fluxo escolar e média de desempenho dos alunos em avaliações padronizadas. O Ideb do Piauí subiu de 2,3 para 3,2 entre os anos de 2005 e 2015, melhorando 0,2 em seu desempenho a cada nova prova – exceto de 2011 a 2013, em que a melhora foi de apenas 0,1. Ao longo do período, a nota do estado do Piauí se aproximou da média nacional: em 2005, a diferença era de 0,7 pontos, e em 2015, caiu para 0,3.

Ao confrontar o resultado do Ideb do Piauí com o da Região Nordeste, percebe-se que o desempenho do estado convergiu em relação ao desempenho da região. A média do Piauí era 0,4 menor que a do Nordeste em 2005 (2,3 e 2,7 respectivamente). Nos anos seguintes, essa diferença diminuiu para 0,3, mas voltou para 0,4, em 2009. A partir de 2011, observa-se uma aproximação maior das médias, ficando o Piauí com média apenas 0,1 inferior à Região Nordeste. Em 2013, não houve diferença entre ambos e, em 2015, estado e região encerram o período com o mesmo desempenho (3,2).

No Ideb, o estado do Piauí apresentou um desempenho menos favorável em relação à Região Nordeste e ao país. Esse cenário pode ser complementado com as informações do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB).

Já em relação ao ensino superior, segundo o mapa do ensino superior desenvolvido pela Assessoria Econômica do Sindicato das Mantenedoras do Ensino Superior no Brasil (Semesp), realizado em 2015, o Piauí concentra em suas 40 instituições de ensino superior, 1,5% das matrículas em cursos presenciais, sendo que a mesorregião Centro-Norte Piauiense foi responsável por quase 66 mil matrículas (70%). Em 2013, na rede privada houve um aumento de 12,5% nas matrículas, atingindo a marca de 53 mil, contra 47 mil do ano anterior. Na rede pública o índice teve uma queda de 3,2%, totalizando 40 mil matrículas em 2013 contra 42 mil no ano anterior. As matrículas em cursos a distância (EAD) no estado registraram, em 2013, um crescimento de 2,9% na rede privada, atingindo a marca de 4,8 mil matrículas, contra 4,6 mil do ano anterior. Na rede pública, ao contrário, a queda chegou a 18,6%, totalizando 6,8 mil matrículas, contra 8,3 mil em 2012, sendo que só a mesorregião Centro-Norte Piauiense apresentou quase 5 mil matrículas. O número de ingressantes (que iniciam o 1º ano) em cursos presenciais na rede privada, em 2013, aumentou 27% (15 mil alunos em 2012 para 18 mil em 2013). Na pública houve uma redução de 6,3% (11 mil em 2012 para 10 mil em 2013). Nos cursos a distância (EAD) a queda de ingressantes ficou em 56%. Na rede privada a redução chegou a 3,1% (2.159 alunos em 2012 para 2.093 em 2013). Na rede pública houve um decréscimo de 98% (2.773 alunos em 2012 para 57 em 2013). A porcentagem de evasão anual dos cursos presenciais no estado chegou a 17,7% na rede privada e 18,1% na pública, ficando as mesorregiões Norte Piauiense (22,6%), Centro-Norte Piauiense (18,1%) e Sudoeste Piauiense (17,8%) com índices de evasão acima do estado (17,7%). Nos cursos à distância (EAD), o índice de evasão anual chegou a 30,4% na rede privada e 12% na pública, ficando a mesorregião Centro-Norte Piauiense com índice de evasão de 33,9%, maior que o do estado (30,4%).

7 PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Anexo 02 – Registros Audiovisuais

8 LEGISLAÇÃO

INSTRUMENTOS DE PROTEÇÃO E PLANEJAMENTO AMBIENTAL E PATRIMONIAL

PATRIMÔNIO AMBIENTAL

LEIS ESTADUAIS

- Lei Nº 4.115, de 22 de junho de 1987 - Cria a Secretaria Estadual do Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia e Desenvolvimento Urbano e dá outras providências.
- Lei Nº 4.797, de 24 de outubro de 1995 - Cria a Secretaria de Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos do Estado do Piauí.
- Lei Nº 4.854, de 10 de julho de 1996 - Dispõe sobre a política de meio ambiente do Estado do Piauí e dá outras providências.
- Lei Nº 5.178 de 27 de dezembro de 2000 - Dispõe sobre a política florestal do Estado do Piauí e dá outras providências.
- Lei Nº 5.813, de 03 de março de 2008 - Cria o ICMS ecológico para beneficiar municípios que se destaquem na proteção ao meio ambiente e dá outras providências.
- Lei Nº 5.959 de 29 de dezembro de 2009 - Institui a Taxa de Controle e Fiscalização Ambiental do Estado do Piauí - TCFA/PI
- Lei Nº 6.140 de 06 de dezembro de 2011 - Institui a Política Estadual sobre Mudança do Clima e Combate à Pobreza - PEMCP e dá outras providências.
- Lei Nº 6.158 de 19 de janeiro de 2012 - Altera a Lei 4.115, de 22 de Junho de 1987, que criou a Secretaria Estadual do Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia e Desenvolvimento Urbano, que dispõe sobre o nome, os objetivos, atribuições, receita e a destinação do Fundo Estadual do Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia e Desenvolvimento Urbano, criado pela mesma Lei.

DECRETOS ESTADUAIS

- DECRETO Nº 7.393, de 22 de agosto de 1988 - Aprova o Regulamento do Fundo Estadual do Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia e Desenvolvimento Urbano, criado pela Lei Estadual nº 4.115, de 22 de junho de 1987.
- DECRETO Nº 8.925, de 04 de junho de 1993 - Aprova o regulamento do Conselho Estadual do Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano.
- REGULAMENTO DO CONSELHO ESTADUAL DO MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO URBANO DECRETO Nº 9.532, de 04 de julho de 1996 - Altera o Regulamento do Fundo Estadual do Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia e Desenvolvimento Urbano, de que trata o Decreto nº 7.393, de 22 de agosto de 1988 e dá outras providências.
- DECRETO Nº 11.110, de 25 de agosto de 2003 - Dispõe sobre a obrigatoriedade de apresentação de título de propriedade e do georreferenciamento do imóvel para a concessão do licenciamento de atividades agrícolas e agroindustriais de exploração florestal e uso alternativo do solo, e dos recursos naturais no Estado do Piauí:
- DECRETO Nº 11.126, de 11 de setembro de 2003 - Disciplina o uso e ocupação das terras que abrigam o bioma cerrado no Estado do Piauí, e dá outras providências.
- DECRETO Nº 12.612, de 04 de junho de 2007 - Cria o Grupo de Trabalho para a elaboração da Política Estadual de Mudanças Climáticas e Combate à Pobreza.
- DECRETO Nº 12.613 de 4 de junho de 2007 - Cria o Fórum Estadual de Mudanças Climáticas e Combate à pobreza, e dá outras providências
- DECRETO Nº 13.835 de 15 de setembro de 2009 - Altera o regulamento do Conselho Estadual do Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano - CONSEMA, aprovado pelo Decreto nº 8.925, de 04 de junho de 1993, e dá outras providências.
- DECRETO Nº 14.079, de 09 de março de 2010 - Dispõe sobre os preços públicos dos Serviços Públicos prestados pela Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos - SEMAR, e dá outras providências.
- DECRETO Nº 14.104 de 15 de março de 2010 - Homologa as instituições que irão compor o Conselho Estadual de Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano - CONSEMA, conforme especifica o art. 6º do seu Regulamento, para o biênio 2010- 2011.
- DECRETO Nº 14.348 de 13 de dezembro de 2010 - Dispõe sobre as diretrizes da concessão do Selo Ambiental para os municípios que atenderem aos critérios estabelecidos na Lei Ordinária Nº 5.813, de 03 de Dezembro de 2008 - Lei do ICMS Ecológico, por estarem desenvolvendo ações para a melhoria da qualidade de vida, através da promoção de políticas e ações de gestão ambiental.
- DECRETO Nº 14.460 de 26 de abril de 2011 - Institui o Comitê Gestor da Orla de Atalaia, e dá outras providências.

- DECRETO Nº 14.504 de 20 de junho de 2011 - Institui a Comissão Interinstitucional Coordenadora do Zoneamento Ecológico- Econômico do Estado do Piauí - CICZEEPI, e dá outras providências
- DECRETO Nº 14.842, de 04 de Junho de 2012 - Estabelece procedimentos para o Licenciamento Ambiental Simplificado das obras emergenciais necessárias ao enfrentamento da seca no Estado do Piauí, e dá outras Providências.
- DECRETO Nº 14.861, de 15 de Junho de 2012 - Dispõe sobre as diretrizes da concessão do Selo Ambiental para os municípios que atenderem aos critérios estabelecidos na Lei Ordinária nº 5.813 de 03 de dezembro de 2008 - Lei do ICMS Ecológico por estarem desenvolvendo ações para a melhoria da qualidade de vida, através da promoção de políticas e ações de gestão ambiental, e revoga o Decreto Nº 14.348 de 13 de dezembro de 2010.
- DECRETO Nº 14.921 de 14 de Agosto de 2012 - Estabelece procedimentos para o Licenciamento Ambiental Simplificado das obras emergenciais necessárias ao enfrentamento da seca no Estado do Piauí e dá outras providências.
- Nº 15.512 de 27 de janeiro de 2014 - Dispõe sobre a integração de execução das políticas de regularização fundiária de licenciamento ambiental de autorização de supressão de vegetação e de recursos hídricos e dá outras providências.
- DECRETO Nº 15.513 de 27 de janeiro de 2014 - Regulamenta o emprego do fogo em práticas agrícolas, pastoris e florestais e aprova o Plano Estadual de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais e Controle de Queimadas e dá providências correlatas.

RESOLUÇÕES

- REGIMENTO INTERNO do Fundo Estadual do Meio Ambiente, Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Urbano - FEMAM - Disciplina as atividades, as aplicações dos recursos constitutivos e os mecanismos de controle do Fundo. 206 RESOLUÇÃO CONSEMA Nº 001 de 05 de junho de 2003 - Aprova o Regimento Interno do Conselho Estadual do Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano – CONSEMA.
- RESOLUÇÃO CONSEMA Nº 002, de 31 de março de 2004 - Cria a Câmara Técnica de Gerenciamento do Fundo Estadual de Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia e Desenvolvimento Urbano, com a finalidade de atuar como Gerência Técnica do Fundo. 231
- RESOLUÇÃO CONSEMA Nº 003, de 31 de março de 2004 - Institui nome de fantasia para o Fundo Estadual do Meio Ambiente - FEMAM 232
- RESOLUÇÃO CONSEMA Nº 004, de 31 de março de 2004 - Institui a Medalha do Mérito Ambiental. 233
- RESOLUÇÃO CONSEMA Nº 005, de 08 de setembro de 2004 - Dispõe sobre o uso, conservação e preservação do solo agrícola no Estado do Piauí. 237
- RESOLUÇÃO CONSEMA Nº. 006, de 31 de maio de 2005 - Aprova o Plano Diretor do Parque Zoobotânico.
- RESOLUÇÃO CONSEMA Nº. 007, de 20 de outubro de 2005 - Institui critérios para cálculo dos valores da compensação ambiental, cobrada no licenciamento de empreendimentos e/ou atividades agrosilvopastoris, reconhecidos como causadores de significativo impacto ambiental. RESOLUÇÃO CONSEMA Nº 008, de 05 de junho de 2007 - Institui critérios para cálculo dos valores da compensação ambiental
- RESOLUÇÃO CONSEMA Nº 009, de 04 de junho de 2008 - Define as condições segundo as quais o município poderá exercer o seu dever de licenciamento dos empreendimentos/atividades causadores de impacto ambiental local.
- RESOLUÇÃO CONSEMA Nº 010 de 25 de novembro de 2009 - Estabelece critérios para classificação de empreendimentos e atividades modificadoras do meio ambiente passíveis de declaração de baixo impacto ou de licenciamento ambiental no nível estadual e determina procedimentos e estudos ambientais compatíveis com o potencial poluidor e dá outras providências.
- RESOLUÇÃO CONSEMA Nº. 011, de 25 de novembro de 2009 - Dispõe sobre os procedimentos de licenciamento ambiental e autorização de desmatamento para Projetos de Assentamento federais, estaduais e municipais de Reforma Agrária no Estado do Piauí, da Agricultura Familiar - PRONAF e dá outras providências.
- RESOLUÇÃO CONSEMA Nº 012, de 10 de agosto de 2010 - Acrescenta os parágrafos 5º, 6º, 7º, 8º e 9º ao Artigo 1º, da Resolução CONSEMA Nº 009, de 04 de junho de 2008.
- RESOLUÇÃO CONSEMA Nº 013, de 07 de outubro de 2010 - Dispõe sobre procedimentos técnicos para elaboração, apresentação, execução e avaliação técnica de Planos de Manejo Florestal Sustentável - PMFS da vegetação da Caatinga e suas formações sucessoras, e dá outras providências.
- RESOLUÇÃO CONSEMA Nº. 014 de 15 de Dezembro de 2010 - Habilita Município de Floriano para realização do Licenciamento Ambiental das Atividades de Impacto Local.

- RESOLUÇÃO CONSEMA Nº. 015 de 15 de Dezembro de 2010 - Habilita o Município de Água Branca para realização do Licenciamento Ambiental das Atividades de Impacto Local.
- RESOLUÇÃO CONSEMA Nº. 016 de 15 de dezembro de 2011 - Habilita o Município de Campo Maior para realização do Licenciamento Ambiental das Atividades de Impacto Local.
- CONSEMA Nº. 017 de 11 de abril de 2012 - Habilita o município de Amarante para realização do Licenciamento Ambiental das Atividades de Impacto Local.
- RESOLUÇÃO CONSEMA Nº. 018 de 11 de Abril de 2012 - Habilita o município de Valença para realização do Licenciamento Ambiental das Atividades de Impacto Local.
- RESOLUÇÃO CONSEMA Nº. 019 de 30 de Outubro de 2013 - Habilita o município de José de Freitas para realização do Licenciamento Ambiental das Atividades de Impacto Local.
- RESOLUÇÃO CONSEMA Nº. 020 de 30 de Outubro de 2013 - Habilita o município de Picos para realização do Licenciamento Ambiental das Atividades de Impacto Local.
- RESOLUÇÃO CONSEMA Nº. 021 de 30 de Outubro de 2013 - Habilita o município de Corrente para realização do Licenciamento Ambiental das Atividades de Impacto Local.
- RESOLUÇÃO CONSEMA Nº. 022 de 30 de Outubro de 2013 - Habilita o município de Parnaíba para realização do Licenciamento Ambiental das Atividades de Impacto Local.

PATRIMÔNIO CULTURAL

Lei Nº 4.515 de 09 de novembro de 2012 – Dispõe sobre a proteção do Patrimônio Cultural do Piauí e dá outras providências.

CAPITULO I

- Art. 1º - O Patrimônio Cultural do Estado do Piauí é constituído pelos bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da comunidade piauiense e que, por qualquer forma de proteção, prevista em Lei, venham a ser reconhecidos como valor cultural, visando à sua preservação.
- Parágrafo Único – Integram, ainda, o Patrimônio Cultural do Estado, nos termos desta Lei, o entorno dos bens tombados, os bens declarados de relevante interesse da cultura e as manifestações culturais existentes.

Art. 2º - Os bens e as manifestações de que trata esta Lei poderão ser de qualquer natureza, origem ou procedência, tais como: históricos, arquitetônicos, ambientais, naturais, paisagísticos, arqueológicos, museológicos, etnográficos, arquivísticos, bibliográficos, documentais ou quaisquer outros de interesse das demais artes ou ciências.

9 AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS

9.1 PROBLEMAS E POSSIBILIDADES

As atividades desenvolvidas pelo homem nos diversos ecossistemas piauienses (cerrado, caatinga, transição com a floresta amazônica e manguezais, na pequena costa de 66 Km do Piauí) aparecem como fatores determinantes de transformação e problemas socioambientais, tais como: processo de desertificação no sul do Estado; ocupação do cerrado por grandes latifúndios; tráfico de animais silvestres; assoreamento e poluição dos rios; desmatamentos; queimadas indiscriminadas; destruição dos mangues; lixo; processo de favelização em Teresina etc.

O ecossistema litorâneo também vem sofrendo há tempos com a ação humana e esse vem sendo no Piauí o ambiente mais ameaçado, principalmente as áreas de manguezais que passam por profundas alterações em função de retirada de vegetação nativa, da construção de canais, de assoreamento agravado pelo desmatamento das margens para a implantação de pequenas lavouras e criação de animais e da degradação de planícies flúvio-marinhas dos rios Camurupim, Carpina e Arraia (litoral piauiense). Os processos erosivos que tendem a afetar principalmente os campos de dunas através das ações eólicas e linhas da costa, atacados pela erosão marinha, vem deixando de ser um fenômeno comum e passa a preocupar por conta das consequências, como o provável desaparecimento da lagoa do Portinho, em Parnaíba.

Além disso, estudos observaram que, na APA, onde foram implantados Parques Eólicos, mais especificamente na comunidade da Pedra do Sal, são sérios os danos provocados ao meio ambiente, tais como o impacto visual, ruídos produzidos pelas turbinas eólicas, que muito prejudicam a saúde humana. Castro (2005, p.17) menciona que “os postes que suportam as linhas de transporte de energia, e que existem um pouco por toda parte, são, pelo menos, igualmente intrusivos”.

Mas, além dos impactos visuais e sonoros, também se reconhecem os impactos ambientais gerados sobre a fauna e flora, tanto durante a fase de construção como na fase de operação. Existem, ainda, os impactos recorrentes que são a supressão da vegetação, remoção de terra e compactação do terreno por máquinas (BARBOSA; SOARES, 2010).

Afirmam ainda Barbosa e Soares (2010) que os impactos sobre a fauna alada e terrestre podem ser de forma direta e indireta, como danos sobre as aves; risco de colisão com os aerogeradores; colisão com as linhas de transporte de energia; alteração no processo reprodutor; de perturbação na migração; perda de habitat de reprodução e alimentação [...]. E, ainda, a grande ameaça à população de morcegos que tem como principal causa de morte a queda repentina de pressão próxima das estruturas dos aerogeradores.

Sobre a fauna terrestre, reconhecem-se impactos como alterações em seus habitats, uma vez que são atingidos durante a fase de implementação das Usinas Eólicas, com o aumento da movimentação e ruído na fase de implementação, que tende a afugentar os animais para outras localidades e provocar atropelamentos ou outros tipos de acidentes nas rodovias. Citam, também, como principais impactos sobre o meio físico a degradação da área afetada e alteração do nível hidrostático do lençol freático (BARBOSA; SOARES, 2010).

Já em relação ao Patrimônio Cultural piauiense, o que se observa é a falta de investimento para manter as estruturas dos e nos Sítios Arqueológicos e, ainda, contratar e/ou manter as equipes mantenedoras desses espaços. Por esse motivo os Sítios muitas vezes são alvos de vandalismo e ou se deterioram por abandono e falta de pessoal qualificado.

Além disso, embora no Piauí parte dos seus bens esteja protegida legalmente, por meio de instrumentos, como o tombamento (no caso do patrimônio material) e do registro (no caso do imaterial), nem sempre todos os bens tombados, por exemplo, estão de fato protegidos contra ameaças como o abandono ou a descaracterização.

9.2 RECOMENDAÇÕES

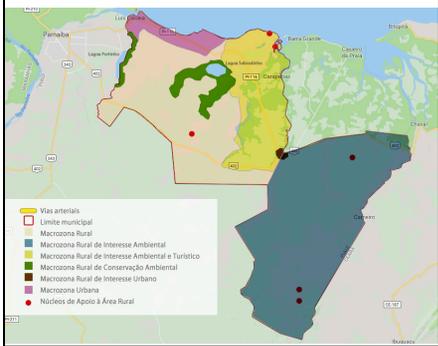
De acordo com os argumentos expostos no item (9.1) deste fichamento, é de grande valia que os órgãos responsáveis do Estado do Piauí promovam, de forma eficaz, a fiscalização da lei no que compete a preservação do meio ambiente. Bem como a questão da preservação do patrimônio, como um todo, seja de fato assimilada pela sociedade piauiense, pois há o desconhecimento, por parte de alguns setores da sociedade, da importância do patrimônio, e mesmo de como o patrimônio pode ser utilizado como ferramenta para o desenvolvimento econômico e social. Além disso, faltam ações de sensibilização patrimonial ou educação patrimonial –seja ambiental, cultural imaterial e/ou material –, voltadas a promover o entendimento, por parte dos gestores e usuários do patrimônio, dentre outros, dos seus valores e da importância da sua preservação.

10 IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

PESQUISADORA	ALEXSANDRA DE MORAES CERQUEIRA
ORIENTADORA	RITA DE CÁSSIA MOURA CARVALHO

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DA LOCALIDADE

1. LOCALIZAÇÃO

<p>Obs: mapa de Luís Correia</p> 	SÍTIO	PIAUI
	LOCALIDADE	LUÍS CORREIA
	MUNICÍPIO/UF	LUÍS CORREIA/PIAUI

2 FOTOS

OBS: Para lista completa das fotos inventariadas, consultar o Anexo 2: Registros audiovisuais.

Anexo 02 – Registros Audiovisuais

3 REFERÊNCIAS CULTURAIS

Obs.: Para lista completa dos bens inventariados, consultar o Anexo 3: Bens culturais inventariados.

SÍNTESE

Foi inventariada a Celebração de Bom Jesus dos Navegantes, realizada no município de Luís Correia-PI. Esse bem cultural se insere na categoria das *Celebrações*. A devoção a Bom Jesus dos Navegantes inicia-se aos 29 de junho sem ano determinado. Acredita-se que remonta ao século XIX, quando, segundo relatos orais, os pescadores da pequena Vila de Amarração, atualmente Luís Correia, encontraram na outra margem de sua baía, uma imagem de Cristo feita de madeira; levaram-na ao então pároco da vila, que, juntamente com outros moradores, deram nome à imagem batizando-a de Bom Jesus dos Navegantes. O povo passou desde então a venerar com grande devoção a Bom Jesus dos Navegantes que segundo relatos de testemunhas da época estava operando milagres e realizando a felicidade de todos ao conceder graças; assim sua fama se espalhou por localidades mais distantes e a paróquia começou a receber visitantes de toda região para mostrar sua crença e adorar Bom Jesus dos Navegantes, criando então novenas e um hino a ele. A celebração se inicia no dia 19 de junho com a procissão do mastro e hasteamento da bandeira, segue em dez dias de novena, com várias outras atividades organizadas e realizadas pela Paróquia, juntamente com a comunidade. O encerramento se dá no dia 29 de junho, em comemoração a São Pedro, padroeiro dos pescadores. Nesse dia, o ápice do festejo, ocorrem as procissões marítima e terrestre, finalizando com a missa campal e grande festa.

4 DESCRIÇÃO

OBS: Para lista completa das fontes inventariadas, consultar o Anexo 1: Bibliografia

4.1 POPULAÇÃO E LOCALIZAÇÃO

O município de Luís Correia, cujo gentílico é “luís-correiense”, está localizado a 365 km² de distância da capital do Piauí, Teresina. De acordo com o último censo realizado em 2010, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tem uma população de 28.406 habitantes. Possui uma área irregular de 1.070,926 km², com população declarada católica de 24.891, o que dá 87, 62% do total. O município está na microrregião do Litoral Piauiense,

tendo como limites, ao norte, o oceano Atlântico; ao sul, município de Cocal; a leste, Cajueiro da Praia e o estado do Ceará; e a oeste, Parnaíba e Bom Princípio do Piauí. Encontra-se entre os municípios de Cajueiro da Praia e Parnaíba, sendo a maior cidade do polo em extensão territorial, abriga 26 povoados, com 1.071 km², além de possuir a maior extensão litorânea do Piauí, com aproximadamente 46 km.

4.2 PAISAGEM NATURAL E MEIO AMBIENTE

Dispõe da maior quantidade de praias, dentre as quais podemos destacar: Praia de Atalaia, Praia das Dunas, Praia Caminho do Sol, Praia Peito de Moça, Praia do Coqueiro, Praia de Itaqui, Praia do Arrombado, Praia de Carnaubinha, Praia de Macapá e Praia do Barro Preto. Sendo, algumas delas dotadas de infraestrutura para atender à demanda de turistas que procuram principalmente atividades de lazer vinculadas ao segmento de sol e praia, destacando-se a Praia de Atalaia e a Praia do Coqueiro. O município de Luís Correia compreende uma área de grande valor intrínseco da diversidade biológica e dos valores ecológico, genético, social, econômico, científico, educacional e cultural da zona costeira piauiense. Abrigando comunidades com uma cultura ancestral, modos de saber-fazer associados à pesca artesanal, o que revela uma marca de identidade relacionada às relações simbióticas entre o ser humano, território e patrimônio ancestral.

4.3 MARCOS EDIFICADOS

Igreja Nossa Senhora da Conceição	
Estação Ferroviária	
Porto de Luís Correia (inacabado)	

5 FORMAÇÃO HISTÓRICA

OBS: Para lista completa das fontes inventariadas, consultar o Anexo 1: Bibliografia

5.1 RESUMO

Data de 1820 o povoamento do território de Amarração, atual Município de Luís Correia, quando alguns pescadores ali se instalaram. Mais tarde, durante a guerra dos Balaios, por sua estratégica posição geográfica, tornou-se local de desembarque das tropas que combatiam os revoltosos, servindo de comunicação com as províncias limítrofes e Capital do Império. Embora pertencente ao Piauí, Amarração foi assistida por padres de Granja, no Estado do Ceará, passando os habitantes do povoado a fazerem transações comerciais e a pagarem os impostos naquela cidade. O fato motivou a Assembleia Provincial do Ceará, em 1865, a elevar o povoado à categoria de Distrito, com limites fixados em 1870. Em 1874, por deliberação cearense, Amarração foi elevada à categoria de Vila. O Governo do Piauí reivindicou seu território, readquirido em 1880, por determinação do Governo-Geral, em troca de dois importantes Municípios, Independência e Príncipe Imperial, hoje Crateús. Em 1868, foi iniciada a construção da igreja de Nossa Senhora da Conceição, concluída em 1879, então como Matriz e com a ajuda de imigrantes cearenses da seca de 1877. Amarração foi o primeiro Município do Piauí a libertar escravos, por iniciativa do Comendador Joaquim Rodrigues da Costa, que, em 1886, liberou os 14 que possuía. A Vila desenvolveu-se rapidamente. Porto marítimo, recebia pequenos vapores do Maranhão, Pará, Ceará e Pernambuco e navios de longo curso da Guiana Francesa para a Inglaterra. As companhias de navegação construíram sólidos e espaçosos armazéns. Em 1888, parte da localidade foi destruída por grandes marés, agravada pelas dunas, obrigando os habitantes a deixarem suas casas e o próprio lugar. Posteriormente, em 13 de maio de 1922, foi inaugurada a estação da Estrada de Ferro Central do Piauí e em 12 de agosto do mesmo ano, o Presidente Eptácio Pessoa autorizava a construção do porto. Em 1931, Amarração perde a autonomia, passando a integrar o Município de Parnaíba, como Distrito. E, em 1935, teve o nome mudado para Luís Correia, em homenagem ao ilustre homem público jornalista e literato, Luís Morais Correia, nascido no Município. Três anos mais tarde, readquiriu a autonomia administrativa, tendo como sede a cidade de Luís Correia.

5.2 CRONOLOGIA

DATA	EVENTO
1870	Distrito criado com a denominação Amarração, pelas leis provinciais do Ceará n.ºs 1177, de 2908-1865 e 1360.

1874	Elevado à categoria de vila com a denominação de Amarração, pela estadual nº 1596.
1880	É transferida a antiga província do Ceara para o Piauí.
1911	O município é constituído do distrito sede.
1931	É extinto o município de Amarração, sendo seu território anexado ao município de Parnaíba, como simples distrito.
1933	Amarração figura como distrito de Parnaíba.
1935	O distrito Amarração passou a denominar-se Luiz Correia.
1937	O distrito já denominado Luís Correia figura no município de Parnaíba.
1938	Elevado novamente à categoria de município com a denominação de Luís Correia pelo decreto estadual
1960	O município é constituído do distrito sede.

6 PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Anexo 02 – Registros Audiovisuais

7 LEGISLAÇÃO

INSTRUMENTOS DE PROTEÇÃO E PLANEJAMENTO AMBIENTAL, PATRIMONIAL E DE PLANEJAMENTO

Conferir Relatório Final

8 AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS

8.1 PROBLEMAS E POSSIBILIDADES

A Celebração de Bom Jesus dos Navegantes abrange grande parte da comunidade de Luís Correia, não apenas a comunidade católica, mas também a comunidade acadêmica que se acerca da ínfima literatura encontrada a respeito desta celebração, vez que a festa a Bom Jesus dos Navegantes perdura a anos, entrelaçando-se assim a própria história da cidade. Por esse motivo, faz-se necessário produzir um inventário e um documentário etnográfico do Festejo a Bom Jesus dos Navegantes no município de Luís Correia- PI, a fim de salvaguardar e se fazer conhecer a história da cidade, por meio da sua espiritualidade e religiosidade, uma cultura ancestral, que representa uma parte significativa da comunidade – já que a literatura dessa celebração é quase inexistente e também não há matriz fílmica da mesma.

8.2 RECOMENDAÇÕES

Por se tratar de uma manifestação cultural que faz parte da identidade da comunidade católica do município de Luís Correia, e que por esse motivo, apesar das metamorfoses do tempo, tem se mantido viva como uma tradição ancestral. Faz-se necessário a produção de um inventário e documentário etnográfico da Celebração de Bom Jesus dos Navegantes que permita tornar conhecida a história da cidade, por meio da sua espiritualidade e religiosidade. De modo que sirva como ensejo para deixar um registro aos habitantes e gerações presentes e futuras – na igreja, bibliotecas locais e acervos das escolas privadas e públicas – um acervo de cunho científico, sensível sobre a história da celebração à Bom Jesus dos Navegantes no município, vez que não há registros dessa natureza, de forma a contribuir para sua valorização, promoção e salvaguarda.

DOCUMENTAÇÕES ANEXADOS

Ver Anexo 01: Bibliografia

Anexo 3: Bem Cultural Inventariado	Celebração de Bom Jesus dos Navegantes
Anexo 4: Contatos	Cf. anexo 4 - contatos
Ficha de Identificação de bens	Cf. A3: Bens Culturais Inventariados

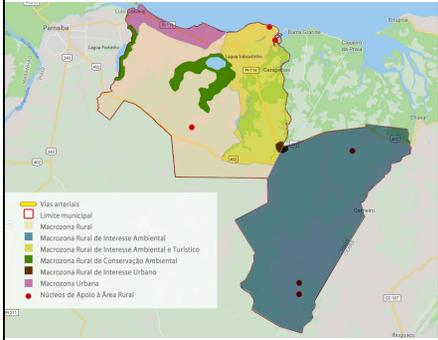
9 IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

PESQUISADORA	ALEXSANDRA DE MORAES CERQUEIRA
ORIENTADORA	RITA DE CÁSSIA MOURA CARVALHO

INVENTÁRIO DAS CELEBRAÇÕES DE BOM JESUS DOS NAVEGANTES

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DA CELEBRAÇÃO

1 LOCALIZAÇÃO

<p>Obs: mapa de Luís Correia</p> 	SÍTIO	PIAUI
	LOCALIDADE	LUÍS CORREIA
	MUNICÍPIO/UF	LUÍS CORREIA/PIAUI

2 BEM CULTURAL

 <p>Barca de Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro - 29/06/2016 Arquivo- JPG, Dimensões 5472x3648, Tamanho 5,68 MB Fonte: Arquivo Pessoal – Cássia Moura.</p>	DENOMINAÇÃO	CELEBRAÇÃO DE BOM JESUS DOS NAVEGANTES
	OUTRAS DENOMINAÇÕES	NÃO
	CONDIÇÃO ATUAL	<input checked="" type="checkbox"/> Vigente / Íntegro <input type="checkbox"/> Memória <input type="checkbox"/> Ruína

ilha onde Bom Jesus foi encontrado levou o nome de Ilha de Bom Jesus. A imagem continua na matriz da paróquia, zelada por seus devotos e visitantes. Todos permanecem fiéis na crença e adoração ao Santo milagroso Bom Jesus dos Navegantes. A celebração de Bom Jesus foi se transformando e se moldando conforme a sociedade luís correiense ia se desenvolvendo. Assim como muitas celebrações interioranas, a festa celebrada em honra a Bom Jesus não só atraía os fiéis e devotos ao Santo, mas todos aqueles que queriam participar das grandes festas que ocorriam após as Santas Missas. Com a construção da ponte de ferro e a chegada do trem, durante sessenta anos, de 1922 a 1982, muitas pessoas vindas de municípios vizinhos, como Paranaíba, iam prestigiar o Festejo de Bom Jesus. Assim, a celebração agradava não somente aqueles que buscavam conforto espiritual, mas também aqueles que se interessavam pelas festas, pelas comidas e bebidas. Atualmente, o festejo está mais voltado para a comunidade católica que participa das atividades e das celebrações que ocorrem na igreja. Sendo assim, aqueles que participam, seja como organizadores ou como devoto, participam com o intuito de agradecer a Bom Jesus e rogarem proteção.

7.2 NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

De acordo com relatos orais, desde que foi encontrada a imagem de Bom Jesus pelos pescadores, muitas pessoas passaram a fazer pedidos e promessas, principalmente os pescadores e seus familiares. Bom Jesus dos Navegantes passou a ser tão admirado e venerado quanto a Santa Padroeira da Cidade. Anualmente, a comunidade católica de Luís Correia reverencia a imagem do Bom Jesus na Celebração à Bom Jesus dos Navegantes, que ocorre no mês de junho. Reconhecida como símbolo de santidade, esperança, amor e fé. A celebração a Bom Jesus representa um bem cultural intangível para a comunidade católica do município de Luís Correia e outros devotos vindos de outras regiões.

7.3 CRONOLOGIA

Indefinida	De acordo com a entrevistada Maria de Brito Nascimento e também o entrevistado Padre Marcelino, ambos se recordam que há alguns anos, vendiam-se bebidas alcoólicas e também faziam festas populares que se associavam a celebração. Com o passar dos anos, os bispos da Diocese Parnaibana passaram a modificar essa programação para que a celebração estivesse mais voltada para a espiritualidade. Por tanto, hoje não se vendem mais bebidas alcoólicas e também não há festas mundanas.
------------	---

8 ATIVIDADE

8.1 PROGRAMAÇÃO

ETAPA	ATIVIDADE
2 meses antes	Reunião entre o Pároco e o Conselho Paroquial
1º dia -19/06	Procissão do Mastro, Missa de abertura
2º dia - 20/06	Confissões e Santa Missa (manhã e noite)
3º dia - 21/06	Confissões e Santa Missa (manhã e noite)
4º dia - 22/06	Confissões e Santa Missa (manhã e noite)
5º dia - 23/06	Confissões e Santa Missa (manhã e noite)
6º dia - 24/06	Confissões e Santa Missa (manhã e noite) e Leilão à noite
7º dia - 25/06	Confissões e Santa Missa Sertaneja
8º dia - 26/06	Confissões e Santa Missa (manhã e noite)
9º dia - 27/06	Confissões, Santa Missa (manhã e noite) e Leilão à noite
10º dia - 28/06	Confissões, Santa Missa (manhã e noite) e Leilão à noite

11º dia – 29/06	Procissão Marítima pela manhã, Procissão Terrestre no final da tarde e Santa Missa de encerramento logo após a procissão terrestre.
-----------------	---

8.2 PRINCIPAIS PARTICIPANTES	
Status	Função
Terços: Terço da Divina Providência, Terço dos Homens e Terço da Misericórdia; Pastorais: Dízimo, Apostolado da Oração, Criança, Familiar e Catequese;	Todos os membros de cada grupo, pastoral, terços e movimentos dividem-se em equipes para organizarem diariamente as atividades desenvolvidas antes, durante e após a Celebração.
Movimentos: Sacerdotal Mariano, Mãe Rainha e Barracão (alimentação); Grupos: Filhos de Maria, COMIPA, Acólitos, Ministros da Santa Comunhão, Sementes de São Francisco e ECC	

8.3 CAPITAL E INSTALAÇÕES	
Descrição	Capital da própria paróquia, arrecado durante as intenções, as ofertas, a venda das comidas, bebidas e também dos leilões.
Quem Provê	Quem provê são os paroquianos. E essa responsabilidade esta a cargo do Pároco e do Conselho Econômico.
Função	Manter a igreja e utilizar nas festividades da Paroquia.

8.4 COMIDAS E BEBIDAS	
Descrição	Hóstia, Galinhada, Maria Isabel, Arrumadinho, Tortas, Crepe, Vinho, Cajuína.
Quem Provê	Movimento Barracão
Função/Significado	Com exceção da hóstia e do vinho (que são usados na ritualística da celebração e possuem valor espiritual), as outras comidas são para alimentação.

8.5 OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS	
Descrição	Imagem de Bom Jesus dos Navegantes; âmbula; cálice; patena; galhetas; corporal; pala; turíbulo; crucifixo; lecionário; manustérgio, missal; sanguíneo e velas.
Quem Provê	Com exceção da imagem de Bom Jesus dos Navegantes que fora encontrada no mar por pescadores, os outros objetos são comprados em lojas especializadas de artigos religiosos.
Função/Significado	Todos os objetos ritualísticos promovem a edificação da fé por estarem inseridos no contexto simbólico da Bíblia Sagrada.

8.6 TRAJES E ADEREÇOS	
Descrição	Alva; cingulo; estola e túnica.
Quem Provê	Todas as vestimentas são produzidas e encontradas em lojas especializadas em artigos religiosos.

Função/Significado	A variedade das vestes ou paramentos litúrgicos serve para manifestar a diversidade dos ministérios (indicações hierárquicas) exercidos na liturgia. As vestes querem nos dar o sentido de revestir-se de Cristo, de sua autoridade, do seu serviço. O cristão, procura imitar o Cristo, seu divino modelo. A beleza e a nobreza das vestes resulta do tecido e da forma; se houver ornatos, sejam figuras ou símbolos que indiquem o uso sagrado. As cores devem visar manifestar o caráter dos mistérios celebrados, conforme desenrolar do ano litúrgico.
---------------------------	--

8.7 MÚSICAS E ORAÇÕES	
Descrição	Oração a Bom Jesus dos Navegantes; Hino de Bom Jesus dos Navegantes e outros cantos litúrgicos.
Quem Provê	Com exceção da oração e do hino de Bom Jesus dos Navegantes cujos autores são desconhecidos, as músicas cantadas nas Santas Missas, são canções de vários grupos católicos.
Função/Significado	A oração é uma forma dos devotos conectarem-se à santidade, permitindo que haja uma ligação, uma conversa, um pedido, um agradecimento e, inclusive, uma manifestação de reconhecimento a Bom Jesus e o hino é uma forma de louvar, despertar o espírito e os sentimentos religiosos que motivam a reverência e a santidade.

8.8 INSTRUMENTOS MÚSICAIS	
Descrição	Violão, sanfona e teclado.
Quem Provê	Ministério de Música.
Função/Significado	Animar e harmonizar a celebração.

8.9 ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO	
Descrição	Atividade
Leiloeiro e Músico convidado	Leilão e Apresentação Cultural.

9 PÚBLICO
DESCRIÇÃO
Diocese Parnaibana; Terço da Divina Providência, Terço dos Homens e Terço da Misericórdia; Pastorais: Dízimo, Apostolado da Oração, Criança, Familiar e Catequese; Movimentos: Sacerdotal Mariano, Mãe Rainha e Barracão (alimentação); Grupos: Filhos de Maria, COMIPA, Acólitos, Ministros da Santa Comunhão, Sementes de São Francisco e ECC; Secretarias: Saúde e Assistência Social, Esporte, Turismo, Cultura e Juventude, Educação e Pesca. Instituições: Prefeitura Municipal, Câmara Municipal, Escolas Municipais e Estaduais, Sindicatos de Pesca, Associação de Pesca, Colônia de Pescadores e Capitania dos Portos, toda a comunidade católica de Luís Correia e localidades.

10 PLANTAS, MAPAS E CROQUIS
<i>Cf. Anexo 02 – Registros Audiovisuais</i>

11 DOCUMENTOS INVENTARIADOS

11.1 DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL

Cf. Anexo 01: Bibliografia

11.2 REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

Cf. Anexo 02 – Registros Audiovisuais

11.3 REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Cf. Anexo 02 – Registros Audiovisuais

12 OBSERVAÇÕES

12.1 APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO

Nada a acrescentar

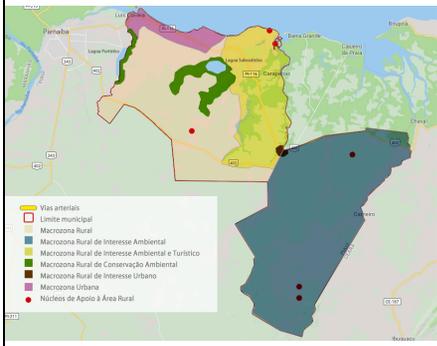
13 IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

PESQUISADORA	ALEXSANDRA DE MORAES CERQUEIRA
ORIENTADORA	RITA DE CÁSSIA MOURA CARVALHO

INVENTÁRIO DAS CELEBRAÇÃO DE BOM JESUS DOS NAVEGANTES

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO DA CELEBRAÇÃO

1 LOCALIZAÇÃO

Obs: mapa de Luís Correia 	SÍTIO	PIAÚÍ
	LOCALIDADE	LUÍS CORREIA
	MUNICÍPIO/UF	LUÍS CORREIA/PIAÚÍ

3.4 QUAIS A ORIGEM DA CELEBRAÇÃO?

A devoção ao Bom Jesus dos Navegantes remonta ao século XIX, quando segundo relatos orais, os pescadores da pequena Vila de Amarração encontraram na outra margem de sua baía, numa ilha, uma imagem de Cristo feita de madeira; levaram-na ao então pároco da vila, Padre Lula, que, juntamente com outros moradores, deu nome à imagem batizando-a de Bom Jesus dos Navegantes.

O povo passou desde então a venerar com grande devoção o Santo que segundo relatos de testemunhas da época estava operando milagres e realizando a felicidade de todos ao conceder graças; assim sua fama se espalhou por localidades mais distantes e a paróquia começou a receber visitante de toda região para mostrar sua crença e adorar Bom Jesus, criando então novenas e um hino a ele.

A ilha onde Bom Jesus foi encontrado levou o nome de Ilha de Bom Jesus. A imagem continua na matriz da paróquia, zelada por seus devotos e visitantes. Todos permanecem fiéis na crença e adoração ao Santo milagroso Bom Jesus dos Navegantes.

O Festejo de Bom Jesus foi se transformando e se moldando conforme a sociedade luís correiense ia se desenvolvendo. Assim como muitas celebrações interioranas, a festa celebrada em honra a Bom Jesus não só atraía os fiéis e devotos ao Santo, mas todos aqueles que queriam participar das grandes festas que ocorriam após as Santas Missas. Com a construção da ponte de ferro e a chegada do trem, durante sessenta anos, de 1922 a 1982, muitas pessoas vindas de municípios vizinhos, como Paranaíba, iam prestigiar a Celebração de Bom Jesus. Assim, a celebração agradava não somente aqueles que buscavam conforto espiritual, mas também aqueles que se interessavam pelas festas, pelas comidas e bebidas.

Atualmente, o festejo está mais voltado para a comunidade católica que participa das atividades e das celebrações que ocorrem na igreja. Sendo assim, aqueles que participam, estão presentes com o intuito de agradecer a Bom Jesus e rogarem proteção.

3.5 EXISTEM HISTÓRIAS ASSOCIADAS A CELEBRAÇÃO?

A história primeira se inicia a partir do relato propagado de geração em geração, sobre a imagem de Cristo encontrada pelos pescadores. Desde então, pescadores e seus familiares passaram a fazer promessas, pedindo por proteção, saúde e sorte. Conforme iam alcançando a graça, mandavam fazer remos em seu agradecimento e propagavam a fé no Santo. Existem muitos remos expostos na igreja Nossa Senhora da Conceição em Luís Correia-PI, porém nem todas as promessas foram pagas com remos, algumas pessoas encontram outras formas de agradecer, como por exemplo: mandando celebrar missas em honra a Bom Jesus, ou ainda participando um período determinado da celebração, e ainda, fazendo doações. A entrevistada Natália, por exemplo, no ano de 2017 participou de todas as novenas e acompanhou as procissões com seu filho, ainda bebê. Pois, juntos estavam indo agradecer uma graça alcançada. De acordo com Natália, o filho ficou muito doente, com isso Natália decidiu fazer uma promessa a Bom Jesus dos Navegantes, pedindo pela saúde de seu filho. Em troca, iria a todas as novenas e procissões levando seu filho no colo. Passados alguns dias, o filho de Natália foi curado. Assim como Natália muitos são os devotos que seguem na fé em Bom Jesus, porque alcançaram suas graças.

4 PREPARAÇÃO

Meses antes da Celebração, o Pároco se reúne com os membros do Conselho Paroquial. Esse conselho é formado, pelo padre, pela secretaria e por fiéis que participam das atividades pertencentes a paróquia, como por exemplo, membros do Terço da Divina Providência, membros do Terço dos Homens, membros do Terço da Divina Misericórdia, membros também dos Apostolados, dos Ministérios e dos Movimentos.

Na reunião, decide-se quem serão os responsáveis pela ornamentação da barca, da praça e do mastro.

Todos os anos um bairro é escolhido, neste bairro uma família se responsabiliza pela ornamentação do mastro e, do mesmo bairro sai a procissão do mastro que leva a bandeira de Bom Jesus. Ao chegarem à igreja, inicia-se a missa de abertura da celebração.

Todos os dias ocorrem missas pela manhã, confissões à noite, antes da missa; e, ao término das missas, em alguns dias acontece o leilão. Também se recebem alimentos para serem preparados a fim de vendê-los durante e após a celebração. Um grupo é formado, composto por membros dos vários grupos pertencentes à paróquia e, também

por pessoas da comunidade. Diariamente a partir da 15h eles se reúnem no “Barracão”, que se localiza ao lado da Igreja, e preparam as comidas que serão vendidas.

Às 18h, antes da missa reza-se o terço. Os grupos (Terço da Divina Providência, Terço dos Homens e Terço da Misericórdia) revezam durante os dias do novenário.

Às 19h, após o terço inicia-se a missa que é presidida tanto pelo pároco da paróquia, quanto por padres convidados da diocese.

A música fica a cargo dos corais pertencentes à paróquia, estes também revezam durante o novenário.

Após a missa ocorre o leilão e também tem música ao vivo para animar a comunidade.

Durante a celebração, ocorrem três momentos especiais, além da procissão do mastro.

Primeiro escolhe-se um dia do novenário para realizar a Missa Sertaneja, neste dia cria-se um cenário sertanejo, composto por utensílios caipiras, toda a comunidade, pároco e paroquianos se vestem com roupa caipira, as músicas também são adaptadas para o ritmo sertanejo e a comunidade faz uma homenagem a Nossa Senhora Aparecida.

Segundo, são os preparativos para as procissões: marítima e terrestre. Um dia antes das procissões um grupo formado por membros do Conselho Paroquial ornamentam a barca/andor que levará Bom Jesus e São Pedro. De acordo com a maré é marcado o horário da procissão marítima. Responsabilizam-se a Capitania dos Portos, e os Sindicatos dos Pescadores. A procissão sai do Porto do Sr. Gilvan Pescados, momentos antes uma equipe de paroquianos cadastra os devotos que poderão subir nos barcos, tudo é supervisionado pela Capitania dos Portos. Um cortejo é feito da Igreja ao Porto e de lá segue a procissão.

O terceiro momento é a procissão terrestre, às 17h todos se reúnem em frente à Igreja Matriz e seguem em procissão seguindo a barca de Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro. Durante todo trajeto a banda de música da prefeitura toca o hino de Bom Jesus. Ao chegar da Igreja acontece a missa final.

5 REALIZAÇÃO

5.1 QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS ETAPAS E PARTICIPANTES DA ATIVIDADE?

DENOMINAÇÃO	DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE E SUAS METAS	PARTICIPANTES/FUNÇÃO
1. Procissão do Mastro	Todos os anos um bairro é escolhido, neste bairro uma família se responsabiliza pela ornamentação do mastro e, do mesmo bairro sai a procissão do mastro que leva a bandeira de Bom Jesus. Ao chegarem à igreja, se inicia a missa de abertura da celebração.	Pároco e Paroquianos
2. Missa Sertaneja	Primeiro escolhe-se um dia do novenário para realizar a Missa Sertaneja, neste dia cria-se um cenário sertanejo, composto por utensílios caipira, toda a comunidade, pároco e paroquianos se vestem com roupa caipira, as músicas também são adaptadas para o ritmo sertanejo e a comunidade faz uma homenagem a Nossa Senhora Aparecida.	Pároco e Paroquianos
3. Procissão Marítima	Um dia antes das procissões um grupo formado por membros do Conselho Paroquial ornamentam a barca/andor que levará Bom Jesus e São Pedro. De acordo com a maré é marcado o horário da procissão marítima. Responsabilizam-se a Capitania dos Portos, e os Sindicatos dos Pescadores. A procissão sai do Porto do Sr. Gilvan Pescados, momentos antes uma equipe de paroquianos cadastra os devotos que poderão subir nos barcos, tudo é supervisionado pela Capitania dos Portos. Um cortejo é feito da Igreja ao Porto e de lá segue a procissão.	Párocos e Paroquianos
4. Procissão Terrestre	Às 17h, todos se reúnem em frente à Igreja Matriz e seguem em procissão seguindo a barca de Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro. Durante todo trajeto a banda de música da prefeitura toca o hino de Bom Jesus. Ao chegar da Igreja acontece a missa final.	Bispo, Pároco e Paroquianos
	Todas as atividades acima citadas	Diocese Parnaibana; Terço da Divina Providência, Terço dos Homens e Terço da

		Misericórdia; Pastorais: Dízimo, Apostolado da Oração, Criança, Familiar e Catequese; Movimentos: Sacerdotal Mariano, Mãe Rainha e Barracão (alimentação); Grupos: Filhos de Maria, COMIPA, Acólitos, Ministros da Santa Comunhão, Sementes de São Francisco e ECC; Secretarias: Saúde e Assistência Social, Esporte, Turismo, Cultura e Juventude, Educação e Pesca. Instituições: Prefeitura Municipal, Câmara Municipal, Escolas Municipais e Estaduais, Sindicatos de Pesca, Associação de Pesca, Colônia de Pescadores e Capitania dos Portos.
--	--	---

5.2 HÁ INSTRUMENTOS E OBJETOS RITUAIS PRÓPRIOS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS? USAM-SE OUTROS?

DENOMINAÇÃO/ DESCRIÇÃO	FUNÇÃO/SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/COMO OBTÊM
Imagem de Bom Jesus dos Navegantes	Fé e Devoção	Foi encontrada no mar por pescadores no século XVII.
Âmbula	Também chamada de cibório ou píxide; é utilizada para a conservação e distribuição das hóstias consagradas aos fiéis;	É comprada em lojas especializadas.
Cálice	Recipiente onde se consagra o vinho durante a missa;	É comprado em lojas especializadas.
Patena	Pequeno prato, geralmente de metal, utilizado na consagração do pão. Também é usada na distribuição da comunhão, para prevenir a possibilidade de queda das partículas consagradas ou partes delas;	É comprado em lojas especializadas
Galhetas	Dois recipientes para a colocação da água e do vinho, para a celebração da missa;	É comprada em lojas especializadas
Corporal	Tecido em forma quadrangular sobre o qual se coloca o cálice com o vinho e a patena com o pão;	É comprado em lojas especializadas
Pala	Cartão quadrado, revestido de pano, utilizado para cobrir a patena e o cálice;	É comprada em lojas especializadas
Turíbulo -	É o objeto utilizado na incensação. Nele é colocado o incenso, uma resina aromática, sobre a brasa. O incenso, que simboliza a oração elevada a Deus, é depositado no turíbulo, pelo sacerdote, e guardado na naveta, um pequeno vaso utilizado para o seu transporte;	É comprado em lojas especializadas
Crucifixo	Além da cruz processional, que abre a procissão de entrada, há um crucifixo menor, que fica sobre o altar, durante a missa;	É comprado em lojas especializadas
Lecionário	Livro que contém todas as leituras da Bíblia, de acordo com a missa do dia.	É comprado em lojas especializadas

Manustérgio	Toalha que serve para enxugar as mãos do sacerdote, durante o ofertório. Costuma acompanhar as galhetas.	É comprada em lojas especializadas
Missal	É um livro grosso que contém todo o roteiro do rito da missa, com exceção das leituras que se encontram no lecionário.	É comprado em lojas especializadas
Sanguíneo	É uma toalha branca e comprida, usada para enxugar o cálice e a âmbula.	É comprado em lojas especializadas
Velas	Sobre o altar ficam duas velas. A chama da vela simboliza a fé que recebemos de Jesus, Luz do Mundo	São compradas em lojas especializadas

5.3 QUAIS SÃO OS RECURSOS FINANCEIROS, CAPITAL E RECURSOS UTILIZADOS

DENOMINAÇÃO/ DESCRIÇÃO	FUNÇÃO/SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/COMO OBTÊM
Recurso Financeiro	Capital da própria paróquia, arrecado durante as intenções, as ofertas, a venda das comidas, bebidas e também dos leilões. Algumas Empresas e /ou instituições que são devotas, também colaboram.	Paroquianos
O espaço utilizado é a própria Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição e também a Praça de eventos em frente à igreja.	Realização das Missas	Prefeitura de Luís Correia

5.4 HÁ COMIDAS E BEBIDAS PRÓPRIAS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS? CONSOMEM-SE OUTRAS?

DENOMINAÇÃO/ DESCRIÇÃO	FUNÇÃO/SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/COMO OBTÊM
Hóstia	Alimento Espiritual. É feita de pão de trigo. Há uma hóstia grande para o sacerdote e pequenas para o povo. A do sacerdote é grande para que possa ser vista de longe pelo povo durante a elevação e também para ser repartida entre alguns participantes, em geral os ministros.	É feita em lojas especializadas.
Galinhada	Alimentação	Voluntários da Comunidade
Maria Isabel	Alimentação	Voluntários da Comunidade
Arrumadinho	Alimentação	Voluntários da Comunidade
Tortas	Alimentação	Voluntários da Comunidade
Crepe	Alimentação	Voluntários da Comunidade
Cajuína	Alimentação	É comprada
Vinho	O vinho é utilizado simbolicamente no momento da comunhão, assim como o pão se converte no verdadeiro Corpo de Cristo, também o vinho se converte no verdadeiro Sangue do Senhor, vivo e ressuscitado.	É comprado

5.5 HÁ TRAJES E ADEREÇOS PRÓPRIOS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS? USAM-SE OUTROS?

DENOMINAÇÃO/ DESCRIÇÃO	FUNÇÃO/SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/COMO OBTÊM
Alva	É uma veste muito semelhante à túnica, sendo toda branca. Simboliza a nova vida, a pureza e a ressurreição.	É produzida em lojas especializadas.
Cíngulo	É um cordão que prende a alva ou a túnica à altura da cintura. Simboliza a vigilância, lembrando as cordas com as quais Jesus foi amarrado.	É produzida em lojas especializadas.
Estola	É uma faixa vertical, separada da túnica, que desce a partir do pescoço do sacerdote em duas partes sobre o peito, uma de cada lado. Sua cor também varia de acordo com o tempo litúrgico. Simboliza o poder conferido ao sacerdote, a caridade, o perdão, a misericórdia e o serviço.	É produzida em lojas especializadas.
Túnica	É um manto longo, geralmente na cor branca, bege ou cinza clara, que cobre todo o corpo. Lembra a túnica que Jesus usava, 'sem costura de alto a baixo', sobre a qual os soldados romanos tiraram a sorte para decidir quem ficaria com ela.	É produzida em lojas especializadas.

5.6 HÁ MÚSICAS E ORAÇÕES PRÓPRIAS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS? OCORREM OUTRAS?

DENOMINAÇÃO/ DESCRIÇÃO	FUNÇÃO/SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/COMO OBTÊM
Oração a Bom Jesus dos Navegantes.	A oração é uma forma dos devotos conectarem-se a santidade, permitindo que haja uma ligação, uma conversa, um pedido, um agradecimento e, inclusive uma manifestação de reconhecimento a Bom Jesus.	Desconhecido
Hino a Bom Jesus dos Navegantes	O hino é uma forma de louvar, despertar o espírito e os sentimentos religiosos que motivam a reverência à santidade.	Desconhecido

5.7 HÁ INSTRUMENTOS MUSICAIS PRÓPRIOS DESTA CELEBRAÇÃO? QUAIS? OCORREM OUTRAS?

DENOMINAÇÃO/ DESCRIÇÃO	FUNÇÃO/SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/COMO OBTÊM
Violão	Animar e harmonizar a celebração	Ministério de Música
Teclado	Animar e harmonizar a celebração	Ministério de Música
Sanfona	Animar e harmonizar a celebração	Ministério de Música

5.8 APÓS A CELEBRAÇÃO QUAIS SÃO AS TAREFAS EXECUTADAS? QUEM AS EXECUTA?

QUEM EXECUTA	ATIVIDADE
Leiloeiro	Leilão
Músico convidado pela Paróquia	Apresentações culturais

5.9 QUEM É O PÚBLICO DESTA CELEBRAÇÃO?

Diocese Parnaibana; Terço da Divina Providência, Terço dos Homens e Terço da Misericórdia; Pastorais: Dízimo, Apostolado da Oração, Criança, Familiar e Catequese; Movimentos: Sacerdotal Mariano, Mãe Rainha e Barracão (alimentação); Grupos: Filhos de Maria, COMIPA, Acólitos, Ministros da Santa Comunhão, Sementes de São Francisco e ECC; Secretarias: Saúde e Assistência Social, Esporte, Turismo, Cultura e Juventude, Educação e Pesca. Instituições: Prefeitura Municipal, Câmara Municipal, Escolas Municipais e Estaduais, Sindicatos de Pesca, Associação de Pesca, Colônia de Pescadores e Capitania dos Portos, toda a comunidade católica de Luís Correia e localidades.

5.10 RECORDA-SE DE MUDANÇAS NA ORGANIZAÇÃO E NO PROGRAMA DESTA CELEBRAÇÃO? DESCREVER, INFORMAR SOBRE A ÉPOCA E OS MOTIVOS DA MUDANÇA.

ÉPOCA	OCORRÊNCIA
Indefinida	A entrevistada se recorda que há alguns anos vendia-se bebidas alcoólicas e também faziam festas populares que se associavam a celebração. Com o passar dos anos os párocos passaram a modificar essa programação para que a celebração estivesse mais voltada para a espiritualidade. Por tanto, hoje não se vendem mais bebidas alcoólicas e também não há festas mundanas.

6 LUGAR DA CELEBRAÇÃO**6.1 ONDE OCORRE? DESDE QUANDO NESSE LUGAR? POR QUÊ?**

A celebração sempre ocorreu na praça de eventos em frente a Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição em Luís Correia.

6.2 QUEM É RESPONSÁVEL OU PROPRIETÁRIO DO LUGAR EM QUE OCORRE A CELEBRAÇÃO?

Prefeitura de Luís Correia

6.3 DESENHO DO LUGAR DA CELEBRAÇÃO

Cf. Registros Audiovisuais

7 IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS E INFORMANTES**7.1 QUEM MAIS PODE INFORMAR SOBRE ESTA CELEBRAÇÃO?**

Toda a comunidade católica devota e praticante, o pároco atual e os párocos antigos e os promesseiros.

7.2 HÁ OUTRAS CELEBRAÇÕES NESTA LOCALIDADE?

CELEBRAÇÃO	ONDE / QUANDO?	CONTATO
Celebração a Nossa Senhora da Conceição.	Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição. Ocorre do dia 29 de novembro a 08 de dezembro.	Secretaria da Paroquia Nossa Senhora da Conceição

8 REGISTROS FOTOGRÁFICOS E AUDIOVISUAIS

REFERÊNCIA	ASSUNTO	ONDE ENCONTRAR
------------	---------	----------------

Conferir anexo 2: registros audiovisuais produzidos ao longo da pesquisa e entrevistas.

9 MATERIAIS IMPRESSOS E OUTROS LOCALIZADOS DURANTE A ENTREVISTA

REFERÊNCIA	ASSUNTO	ONDE ENCONTRAR
Conferir relação de referências bibliográficas identificadas, catalogadas e disponibilizadas neste inventário [Anexo 1 – Bibliografia].	História, História Oral, Celebrações, Religiosidade	Cf. Anexo 1 – Bibliografia.

10 OBSERVAÇÕES

10.1 RECOMENDA APROFUNDAR AS ENTREVISTAS? POR QUÊ?

As entrevistas foram consideradas satisfatórias

11 IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

ENTREVISTAS REALIZADAS	<i>Cf. Anexo 04 e as Transições no Relatório Final</i>
PESQUISADORA	ALEXSANDRA DE MORAES CERQUEIRA
ORIENTADORA	RITA DE CÁSSIA MOURA CARVALHO

INVENTÁRIO DAS CELEBRAÇÃO DE BOM JESUS DOS NAVEGANTES

ANEXO 01: BIBLIOGRAFIA

1. Livros e outras publicações não seriadas

Referência	Assunto	Onde encontrar	Nº
ALBERT, Verena. <i>Manual de História Oral</i> . 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.	História, Memória, História Oral	Livraria da Fundação Getúlio Vargas	1
BÍBLIA, A. T. Provérbios. In BÍBLIA. Português. <i>Sagrada Bíblia Católica: Novo Testamento</i> . Tradução de José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008. Lucas, Lc 5,1-11.	Passagem Bíblica	Acervo Pessoal	2
NICHOLS, B. <i>Introdução ao documentário</i> . Tradução de: MARTINS, Mônica S. Campinas: Papyrus, 2005.	Documentário, Dados Visuais	Livraria Saraiva	3
PINHEIRO, Áurea da Paz; MOURA Cássia. <i>Celebrações</i> . Teresina: Educar Artes e Ofícios, 2009. Livro produzido via edital do Programa Monumenta/Iphan, do Ministério da Cultura, com o financiamento do banco Interamericano de desenvolvimento (BID) e apoio técnico da Unesco.	História, Celebrações, Religiosidade	Universidade Federal do Piauí	4

POLLAK, Michel. <i>"Memória e identidade Social"</i> . In: Estudos Históricos vol. 5, nº10, 1992.	História, Memória, Identidade Social	Fundação Getúlio Vargas	5
PUCCINI, S. <i>Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção</i> . 3. ed. Campinas: Papirus, 2012.	Roteiro, Documentário.	Livraria Saraiva	6
THIOLLENT, M. <i>Metodologia da pesquisa-ação</i> . 15. ed. São Paulo: Cortez, 2007.	Método. Metodologia, Pesquisa-Ação	Livraria Estante Virtual	7
TUAN, Y.F. <i>Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência</i> . São Paulo: DIFEL, 1983.	Geografia, Espaço, Lugar	Livraria Cultura	8
THOMPSON, Paul Richard. <i>A Voz do Passado: história oral</i> . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.	Memória, História, História Oral	Livraria Saraiva	9

2. Pequenos impressos (folders, cartazes, etc.)

Referência	Assunto	Onde encontrar	Nº
Convite. <i>Festejo de Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro</i> . Piauí, 1995.	Celebração à Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro	Paróquia Nossa Senhora da Conceição - Luís Correia - PI	1
Convite. <i>Festejo de Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro – "Sigam-me, eu farei de vocês pescadores de homens" (Mt 4,19)</i> - Piauí, 1996.	Celebração à Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro	Paróquia Nossa Senhora da Conceição - Luís Correia - PI	
Folder. <i>Festejo de Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro – "Bom Jesus dos Navegantes fortaleceu-nos na fé e amparai as famílias nas marés da vida"</i> - Piauí, 2001.	Celebração à Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro	Paróquia Nossa Senhora da Conceição - Luís Correia - PI	2
Folder. <i>Festejo de Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro – "Bom Jesus, ensina-nos a viver a alegria do amor em família"</i> - Piauí, 2017	Celebração à Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro	Paróquia Nossa Senhora da Conceição - Luís Correia - PI	3

3. Textos inéditos, relatórios técnicos e manuscritos.

Referência	Assunto	Onde encontrar	Nº
ALENCAR, Edna F. <i>"Paisagens da memória: narrativa oral, paisagem e memória social no processo de construção da identidade"</i> In: Teoria & Pesquisa vol. XVI, nº2 jul-dez de 2007.	História, Memória, História Oral	http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/viewFile/108/94	4
FUNDAC. <i>Patrimônio Cultural Piauiense</i> , 2009.	Patrimônio Cultural, Piauí	http://www.fundac.pi.gov.br/download/200911/FUNDAC10_ff6098865f.doc	5
FUNDAC. <i>Lei do Patrimônio Cultural do Piauí</i> , 2009.	Legislação, Patrimônio Cultural, Piauí	www.fundac.pi.gov.br/download/200908/FUNDAC05_ab72ad117e.doc	6
IBGE. <i>Panorama do Piauí</i> , 2010.	Piauí, Censo, Panorama	https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/18206/1/ItonAS_DISSERT.pdf	7
IPHAN, <i>Educação Patrimonial: Inventários Participativos</i> . Brasília, 2016.	Educação Patrimonial, Inventário Participativo, Referências Culturais	http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/inventariodopatrimonio_5x21web.pdf	8

LIVROS TOMBO nº01 e nº02 – Paróquia Nossa Senhora da Conceição. Luís Correia. PI	Histórico das Celebrações de Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro	Secretaria da Paróquia Nossa Senhora da Conceição – Luís Correia-PI	9
MANUSCRITO. <i>História de Bom Jesus dos Navegantes</i> . Paróquia Nossa Senhora da Conceição. Piauí, 1997.	História, Religiosidade, Bom Jesus dos Navegantes, Devoção	Paróquia Nossa Senhora da Conceição - Luís Correia -PI	10
PRODETUR. <i>Volume II – Avaliação Ambiental Estratégica do Prodetur Nacional do Estado do Piauí, Polo Costa do Delta e Polo das Origens</i> , 2010.	Meio Ambiente, Polos Turísticos, Avaliação Ambiental, Piauí	http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/DPROD/AVALIACA_O_AMBIENTAL/PI/AAE_PI.pdf	11
SEMAR. <i>Legislação Ambiental do Estado do Piauí</i> , 2014.	Legislação, Meio Ambiente, Piauí	http://convergenciacom.net/pdf/mapa-ensino-superior-brasil-2015.pdf	12
SEMESP. <i>Mapa do Ensino Superior no Brasil</i> , 2015.	Avaliação, Ensino Superior, Piauí	http://convergenciacom.net/pdf/mapa-ensino-superior-brasil-2015.pdf	13
SOARES, I. A. <i>Análise da degradação ambiental das áreas de preservação permanente localizadas no estuário do rio Ceará-Mirim/RN</i> . Dissertação (Mestrado em Meio Ambiente) UFRN. Rio Grande do Norte, 2010.	Meio Ambiente, Preservação, Impactos Ambientais	https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/18206/1/IItONAS_DISSERT.pdf	14

4. Responsáveis

Pesquisadora	Alexsandra de Moraes Cerqueira
Orientadora	Rita de Cássia Moura Carvalho

INVENTÁRIO DAS CELEBRAÇÃO DE BOM JESUS DOS NAVEGANTES

ANEXO 02: REGISTROS AUDIOVISUAIS

5. Fotografia e artes visuais

Título /Localizador	Mapa do Piauí	Data	05/03/2018	1
Assunto	Sítio, Localização, Piauí			
Descrição técnica	Arquivo GIF, Dimensões 413X501, Tamanho 37,2KB			
Localização	Piauí			
Autor / Fonte	https://portalintegracao.com.br/78-municipios-do-pi-fizeram-acordo-sobre-limites-territoriais/mapa-do-piaui-com-todas-as-cidades-011387532466/			

Título /Localizador	Mapa do Delta do Parnaíba	Data	05/03/2018	2
Assunto	Sítio, Localização, Delta do Parnaíba, Piauí			
Descrição técnica	Arquivo JPEG, Dimensões 1590X746, Tamanho 315KB			
Localização	Piauí			
Autor / Fonte	http://www.trilhaseaventuras.com.br/area-de-protacao-ambiental-do-delta-do-parnaiba-pi/			

Título /Localizador	Mapa Físico do Piauí	Data	05/03/2018	3
Assunto	Sítio, Localização, Piauí			
Descrição técnica	Arquivo JPEG, Dimensões 994X1335, Tamanho 771KB			
Localização	Piauí			
Autor / Fonte	http://www.brasil-turismo.com/piaui/mapa-fisico.htm			

Título /Localizador	Mapa Geoturístico do Piauí	Data	05/03/2018	4
Assunto	Sítio, Localização, Piauí			
Descrição técnica	Arquivo JPEG, Dimensões 579X819, Tamanho 90,0KB			
Localização	Piauí			
Autor / Fonte	http://www.geoconservacao.com.br/2010/06/mapa-com-pontos-geoturisticos.html			

Título /Localizador	Mapa _Serra da Capivara _Piauí	Data	05/03/2018	5
Assunto	Sítio, Localização, Parque Nacional, Piauí			
Descrição técnica	Arquivo JPEG, Dimensões 620X580, Tamanho 108 KB			
Localização	São Raimundo Nonato _Piauí			
Autor / Fonte	https://rayviolet2.blogspot.com.br/2014/10/brasil-parque-nacional-da-serra-da.html			

Título /Localizador	Parque Nacional Serra da Capivara _Piauí	Data	05/03/2018	6
Assunto	Sítio, Localização, Parque Nacional, Piauí			
Descrição técnica	Arquivo JPEG, Dimensões 563X346, Tamanho 109 KB			
Localização	São Raimundo Nonato _Piauí			
Autor / Fonte	http://www.soniabello.com.br/salvar-o-patrimonio-da-humanidade-o-drama-do-parque-nacional-da-serra-da-capivara/			

Título /Localizador	Mapa _Parque Nacional Sete Cidades _Piauí	Data	05/03/2018	7
Assunto	Sítio, Localização, Parque Nacional, Piauí			
Descrição técnica	Arquivo JPEG, Dimensões 474X444, Tamanho 47,1 KB			
Localização	Piracuruca _Piauí			
Autor / Fonte	https://br.pinterest.com/pin/66076319510030386/			

Título /Localizador	Imagem Via Satélite _Luís Correia _PI	Data	21/06/2017	8
Assunto	Sítio, Localização, Luís Correia, Piauí			
Descrição técnica	Arquivo JPEG, Dimensões 1280X960, Tamanho 446 KB			
Localização	Luís Correia _Piauí			

Autor / Fonte	Baixaki _ https://casasdepraialuiscorreia.com.br/10-motivos-para-conhecer-luis-correia-piaui/
----------------------	---

Título /Localizador	Imagem Via Satélite do Porto de Luís Correia _PI _01	Data	21/06/2017	9
Assunto	Sítio, Localização, Luís Correia, Piauí			
Descrição técnica	Arquivo PNG, Dimensões 1015X637, Tamanho 902 KB			
Localização	Luís Correia _Piauí			
Autor / Fonte	Google Maps			

Título /Localizador	Imagem Via Satélite do Porto de Luís Correia _PI _02	Data	21/06/2017	10
Assunto	Sítio, Localização, Luís Correia, Piauí			
Descrição técnica	Arquivo PNG, Dimensões 657X489, Tamanho 515 KB			
Localização	Luís Correia _Piauí			
Autor / Fonte	Google Maps			

Título /Localizador	Imagem Original de Bom Jesus dos Navegantes. JPEG	Data	23/06/2017	11
Assunto	Celebrações, Religiosidade, Bom Jesus dos Navegantes, Devoção			
Descrição técnica	Arquivo JPEG, Dimensões 2448X3264, Tamanho 1,97 MB			
Localização	Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição			
Autor / Fonte	Alexsandra Moraes			

Título /Localizador	Barca _ Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro. JPEG	Data	20/06/2017	12
Assunto	Celebrações, Religiosidade, Bom Jesus dos Navegantes, Devoção			
Descrição técnica	Arquivo JPEG, Dimensões 2448X3264, Tamanho 1,32 MB			
Localização	Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição			
Autor / Fonte	Alexsandra Moraes			

Título/Localizador	Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição. JPEG	Data	21/06/2017	13
Assunto	Celebrações, Religiosidade, Bom Jesus dos Navegantes, Devoção			
Descrição técnica	Arquivo JPEG, Dimensões 3264X2448, Tamanho 2,30 MB			
Localização	Centro de Luís Correia- PI			
Autor / Fonte	Alexsandra Moraes			

Título /Localizador	Parede _ Remos das Promessas. JPEG	Data	20/06/2017	14
Assunto	Celebrações, Religiosidade, Bom Jesus dos Navegantes, Devoção			

Descrição técnica	Arquivo JPEG, Dimensões 3264X2448, Tamanho 1,72 MB
Localização	Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição
Autor / Fonte	Alexsandra Moraes

Título /Localizador	Praça de Eventos. JPEG	Data	25/06/2017	15
Assunto	Celebrações, Religiosidade, Bom Jesus dos Navegantes, Devoção			
Descrição técnica	Arquivo JPEG, Dimensões 3264X1874, Tamanho 1,21 MB			
Localização	Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição			
Autor / Fonte	Alexsandra Moraes			

Título /Localizador	Procissão do Mastro _ 01. JPEG	Data	19/06/2017	16
Assunto	Celebrações, Religiosidade, Procissões, Bom Jesus dos Navegantes, Devoção			
Descrição técnica	Arquivo JPEG, Dimensões 2720X1532, Tamanho 1,28 MB			
Localização	Bairro Beira-Mar _Luís Correia _PI.			
Autor / Fonte	Alexsandra Moraes			

Título /Localizador	Procissão do Mastro _02. JPEG	Data	19/06/2017	17
Assunto	Celebrações, Religiosidade, Procissões, Bom Jesus dos Navegantes, Devoção			
Descrição técnica	Arquivo JPEG, Dimensões 1545X1242, Tamanho 2,13 MB			
Localização	Bairro Beira-Mar _Luís Correia _ PI.			
Autor / Fonte	Alexsandra Moraes			

Título /Localizador	Missa Sertaneja _JPEG	Data	16/01/2008	18
Assunto	Celebrações, Religiosidade, Bom Jesus dos Navegantes, Devoção			
Descrição técnica	Arquivo JPEG, Dimensões 3264X2448, Tamanho 2,34 MB			
Localização	Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição			
Autor / Fonte	Alexsandra Moraes			

Título /Localizador	Devota em Prece _01 _JPEG	Data	28/06/2018	19
Assunto	Celebrações, Religiosidade, Bom Jesus dos Navegantes, Devoção			
Descrição técnica	Arquivo JPEG, Dimensões 2448X3264, Tamanho 2,26 MB			
Localização	Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição			
Autor / Fonte	Alexsandra Moraes			

Título /Localizador	Panorâmica Manhã _Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição _Preparação para o Cortejo _JPEG	Data	29/06/2017	20
Assunto	Celebrações, Religiosidade, Procissões, Bom Jesus dos Navegantes, Devoção			

Descrição técnica	Arquivo JPEG, Dimensões 1242X704, Tamanho 238 KB
Localização	Centro de Luís Correia _PI
Autor / Fonte	Chico Rasta

Título /Localizador	Cortejo até o Porto _JPEG	Data	29/06/2016	21
Assunto	Celebrações, Religiosidade, Procissões, Bom Jesus dos Navegantes, Devoção			
Descrição técnica	Arquivo JPEG, Dimensões 5472X3648, Tamanho 5,13 MB			
Localização	Centro de Luís Correia _PI			
Autor / Fonte	Cassia Moura			

Título /Localizador	Bom Jesus e São Pedro em Cotejo _JPEG	Data	29/06/2016	22
Assunto	Celebrações, Religiosidade, Procissões, Bom Jesus dos Navegantes, Devoção			
Descrição técnica	Arquivo JPEG, Dimensões 5472X3648, Tamanho 5,68 MB			
Localização	Centro de Luís Correia _PI			
Autor / Fonte	Cassia Moura			

Título /Localizador	Preparativos para o Procissão Marítima _JPEG	Data	29/06/2016	23
Assunto	Celebrações, Religiosidade, Procissões, Bom Jesus dos Navegantes, Devoção			
Descrição técnica	Arquivo JPEG, Dimensões 5472X3648, Tamanho 6,63 MB			
Localização	Porto do Gilvan Pescados			
Autor / Fonte	Cassia Moura			

Título /Localizador	Devoto em Prece _02 _Procissão Marítima _JPEG	Data	29/06/2016	24
Assunto	Celebrações, Religiosidade, Procissões, Bom Jesus dos Navegantes, Devoção			
Descrição técnica	Arquivo JPEG, Dimensões 5472X3648, Tamanho 5,05 MB			
Localização	Praia de Atalaia _Quebra Mar			
Autor / Fonte	Cassia Moura			

Título /Localizador	Devoto em Prece _03 _ Procissão Marítima _JPEG	Data	29/06/2016	25
Assunto	Celebrações, Religiosidade, Procissões, Bom Jesus dos Navegantes, Devoção			
Descrição técnica	Arquivo JPEG, Dimensões 5472X3648, Tamanho 4,65 MB			
Localização	Praia de Atalaia _Quebra Mar			
Autor / Fonte	Cassia Moura			

Título /Localizador	Devoto em Prece _04 _ Procissão Marítima _JPEG	Data	29/06/2017	26
Assunto	Celebrações, Religiosidade, Procissões, Bom Jesus dos Navegantes, Devoção			

Descrição técnica	Arquivo JPEG, Dimensões 3264X2448, Tamanho 1,88 MB
Localização	Praia de Atalaia _Quebra Mar
Autor / Fonte	Alexsandra Moraes

Título /Localizador	Padres_ Procissão Marítima _JPEG	Data	29/06/2017	27
Assunto	Celebrações, Religiosidade, Procissões, Bom Jesus dos Navegantes, Devoção			
Descrição técnica	Arquivo JPEG, Dimensões 5472X3648, Tamanho 5,37 MB			
Localização	Praia de Atalaia _Quebra Mar			
Autor / Fonte	Alexsandra Moraes			

Título /Localizador	Bom Jesus e Bandeira _ Procissão Marítima _JPEG	Data	29/06/2017	28
Assunto	Celebrações, Religiosidade, Procissões, Bom Jesus dos Navegantes, Devoção			
Descrição técnica	Arquivo JPEG, Dimensões 3264X2448, Tamanho 1,73 MB			
Localização	Praia de Atalaia _Quebra Mar			
Autor / Fonte	Alexsandra Moraes			

Título /Localizador	Procissão Marítima 01 _JPEG	Data	29/06/2016	29
Assunto	Celebrações, Religiosidade, Procissões, Bom Jesus dos Navegantes, Devoção			
Descrição técnica	Arquivo JPEG, Dimensões 5472X3648, Tamanho 5,00 MB			
Localização	Praia de Atalaia _Quebra Mar			
Autor / Fonte	Cassia Moura			

Título /Localizador	Procissão Marítima 02 _JPEG	Data	29/06/2016	30
Assunto	Celebrações, Religiosidade, Procissões, Bom Jesus dos Navegantes, Devoção			
Descrição técnica	Arquivo JPEG, Dimensões 5472X3648, Tamanho 5,12 MB			
Localização	Praia de Atalaia _Quebra Mar			
Autor / Fonte	Cassia Moura			

Título /Localizador	Procissão Marítima 03 _PNG	Data	29/06/2017	31
Assunto	Celebrações, Religiosidade, Procissões, Bom Jesus dos Navegantes, Devoção			
Descrição técnica	Arquivo PNG, Dimensões 1867X1071, Tamanho 1,07 MB			
Localização	Praia de Atalaia _Quebra Mar			
Autor / Fonte	Alexsandra Moraes			

Título /Localizador	Porto Gilvan Pescados _PNG	Data	29/06/2017	32
Assunto	Celebrações, Religiosidade, Procissões, Bom Jesus dos Navegantes, Devoção			

Descrição técnica	Arquivo PNG, Dimensões 1667X1028, Tamanho 1,85 MB
Localização	Porto do Gilvan Pescados
Autor / Fonte	Alexsandra Moraes

Título /Localizador	Procissão Terrestre _PNG	Data	29/06/2017	33
Assunto	Celebrações, Religiosidade, Procissões, Bom Jesus dos Navegantes, Devoção			
Descrição técnica	Arquivo PNG, Dimensões 2208X1242, Tamanho 4,35 MB			
Localização	Centro de Luís Correia _PI			
Autor / Fonte	Alexsandra Moraes			

Título /Localizador	Panorâmica Noite _Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição _ Preparação para a Procissão Terrestre. JPEG	Data	29/06/2017	34
Assunto	Celebrações, Religiosidade, Procissões, Bom Jesus dos Navegantes, Devoção			
Descrição técnica	Arquivo JPEG, Dimensões 1231X710, Tamanho 295 MB			
Localização	Centro de Luís Correia _PI			
Autor / Fonte	Chico Rasta			

6. Vídeo

Título ou Localizador	DVD - ENTREVISTA: 1. Natália Abreu dos Santos	Data	06/07/2017	1
Assunto	Celebrações, Religiosidade, Procissões, Bom Jesus dos Navegantes, Devoção			
Descrição técnica	Arquivo MOV. Dimensões 2,08 MB. Duração 06min 05seg.			
Localização	Casa da Entrevistada (Natália Abreu dos Santos) Bairro Beira-Mar _Luís Correia _PI			
Autor / Fonte	Cássia Moura			

Título /Localizador	DVD - ENTREVISTA: 2. Natália Abreu dos Santos	Data	06/07/2017	2
Assunto	Celebrações, Religiosidade, Procissões, Bom Jesus dos Navegantes, Devoção			
Descrição técnica	Arquivo MOV. Dimensões 780 MB. Duração 02min 14seg.			
Localização	Casa da Entrevistada (Natália Abreu dos Santos) Bairro Beira-Mar _Luís Correia _PI			
Autor / Fonte	Cássia Moura			

Título /Localizador	Oração à Bom Jesus dos Navegantes	Data	26/06/2017	3
Assunto	Celebrações, Religiosidade, Procissões, Bom Jesus dos Navegantes, Devoção			
Descrição técnica	Arquivo MTS. Dimensões 17,4 MB. Duração 00min 14seg.			
Localização	Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição			
Autor / Fonte	Fábio Stefânio			

Título /Localizador	Panorâmica _Cortejo até o Porto	Data	29/06/2017	4
Assunto	Celebrações, Religiosidade, Procissões, Bom Jesus dos Navegantes, Devoção			
Descrição técnica	Arquivo MOV. Dimensões 599 MB. Duração 01min 23seg.			
Localização	Centro de Luís Correia _PI			
Autor / Fonte	Chico Rasta			

Título /Localizador	Procissão Marítima _01	Data	29/06/2017	5
Assunto	Celebrações, Religiosidade, Procissões, Bom Jesus dos Navegantes, Devoção			
Descrição técnica	Arquivo MOV. Dimensões 1,52 GB. Duração 03min 37seg.			
Localização	Praia de Atalaia _Quebra Mar			
Autor / Fonte	Chico Rasta			

Título /Localizador	Procissão Marítima _02	Data	29/06/2017	6
Assunto	Celebrações, Religiosidade, Procissões, Bom Jesus dos Navegantes, Devoção			
Descrição técnica	Arquivo MOV. Dimensões 835 MB. Duração 01min 56seg.			
Localização	Praia de Atalaia _Quebra Mar			
Autor / Fonte	Chico Rasta			

Título /Localizador	Procissão Terrestre	Data	29/06/2017	7
Assunto	Celebrações, Religiosidade, Procissões, Bom Jesus dos Navegantes, Devoção			
Descrição técnica	Arquivo MOV. Dimensões 88,3 MB. Duração 00min 47seg.			
Localização	Centro de Luís Correia _PI			
Autor / Fonte	Alexsandra Moraes			

7. Responsáveis

Pesquisadora	ALEXSANDRA DE MORAES CERQUEIRA
Orientadora	RITA DE CÁSSIA MOURA CARVALHO

INVENTÁRIO DAS CELEBRAÇÃO DE BOM JESUS DOS NAVEGANTES

ANEXO 03: BEM CULTURAL INVENTARIADO

1 Bem inventariado

Denominação				Identificado		1
				Sim	Não	
Tipo	<input checked="" type="checkbox"/> Celebração <input type="checkbox"/> Edificação <input type="checkbox"/> Forma de expressão <input type="checkbox"/> Lugar <input type="checkbox"/> Ofício					
Condição atual	<input checked="" type="checkbox"/> Vigente / Íntegro <input type="checkbox"/> Memória <input type="checkbox"/> Ruína					
Ocorrência	Época	Século XVIII	Lugar	Luís Correia-PI		
Descrição	<p>Diferente da maioria das cidades piauienses, Luís-Correia possui uma padroeira – Nossa Senhora da Conceição – e co-padroeiros – Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro, cujas festas se igualam em importância às comemorações da santa padroeira mor. As celebrações em louvor à Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro se realizam de forma concomitante onde, remetem a passagem bíblica em que Jesus faz o chamado a Pedro e aos primeiros discípulos. (Lucas, Lc 5,1-11). Para os residentes e devotos, São Pedro representa os pescadores, moradores desta região desde sua existência. A devoção ao Bom Jesus dos Navegantes inicia-se aos 29 de junho sem ano determinado, acredita-se que remonta ao século XVIII, quando segundo relatos orais, os pescadores da pequena Vila de Amarração encontraram na outra margem de sua baía, numa ilha, uma imagem de Cristo feita de madeira; levaram-na ao então pároco da vila, Padre Lula, que juntamente com outros moradores deu nome à imagem batizando-a de Bom Jesus dos Navegantes. O povo passou desde então a venerar com grande devoção o Santo que segundo relatos de testemunhas da época estava operando milagres e realizando a felicidade de todos ao conceder graças; assim sua fama se espalhou por localidades mais distantes e a paróquia começou a receber visitante de toda região para mostrar sua crença e adorar Bom Jesus, criando então novenas e um hino a ele. Coincidentemente já se festejava a São Pedro pescador, no dia 29 de junho, data que encontraram a imagem de Cristo. Por esse motivo, unificaram as festas e, desde então as imagens de Cristo e Pedro permanecem juntas, na barca, do primeiro ao último dia da novena. A ilha onde Bom Jesus foi encontrado levou o nome de Ilha de Bom Jesus. A imagem continua na matriz da paróquia, zelada por seus devotos e visitantes. Todos permanecem fiéis na crença e adoração ao Santo milagroso Bom Jesus dos Navegantes. A celebração se inicia no dia 19 de junho com a procissão do mastro e hasteamento da bandeira, segue em nove dias de novena, com várias outras atividades organizadas e realizadas pela Paróquia, juntamente com a comunidade. O encerramento se dá no dia 29, em comemoração a São Pedro, padroeiro dos pescadores. Esse dia o ápice da celebração, quando ocorrem as procissões marítima e terrestre, finalizando com a missa campal e grande festa.</p>					
Registros	Audiovisuais			Nº	Cf. anexo 2	
Contatos	Pároco e Devotos			Nº	Cf. anexo 4	

2 Responsáveis

Pesquisadora	ALEXSANDRA DE MORAES CERQUEIRA
Orientadora	RITA DE CÁSSIA MOURA CARVALHO

INVENTÁRIO DAS CELEBRAÇÃO DE BOM JESUS DOS NAVEGANTES

ANEXO 04: CONTATOS

1. CONTATOS

Nome	NATÁLIA ABREU DOS SANTOS			<input checked="" type="checkbox"/> Entrevistado <input type="checkbox"/> Não entrevistado	1
Como é conhecido (a)	NATÁLIA	Data de Nascimento / Fundação	17/04/1995	<input type="checkbox"/> Masculino <input checked="" type="checkbox"/> Feminino	
Endereço	Rua Estudante José Patriotismo, Centro – Luís Correia/PI				
Telefone	(86) 99437-0415	Fax		E-mail	nataliaabreu962@gmail.com
Ocupação	Pescadora				
Onde nasceu	Luís Correia	Desde quando mora na localidade	Desde que nasceu		
Bem cultural		Observação			
Celebração a Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro		Natália vem de uma família de pescadores em que todos são devotos de Bom Jesus dos Navegantes, desde que seu bisavô, também pescador, virou a canoa em alto mar. Sua bisavó fez uma promessa a Bom Jesus. Segundo a família, seu bisavô foi encontrado desmaiado, mas sobreviveu. Desde então toda a família de Natália é devota de Bom Jesus dos Navegantes. No ano de 2017 Natália participou de todas as novenas e acompanhou as procissões com seu filho, ainda bebê. Pois, juntos estavam indo agradecer uma graça alcançada. De acordo com Natália, o filho ficou muito doente, com isso Natália decidiu fazer uma promessa a Bom Jesus dos Navegantes, pedindo pela saúde de seu filho. Em troca, iria a todas as novenas e procissões levando seu filho no colo. Passados alguns dias, o filho de Natália foi curado.			

Nome	MARIA DE BRITO NASCIMENTO			<input checked="" type="checkbox"/> Entrevistado	2
				<input type="checkbox"/> Não entrevistado	
Como é conhecido (a)	MARIZETE	Data de Nascimento / Fundação	01/08/1953	<input type="checkbox"/> Masculino	<input checked="" type="checkbox"/> Feminino
Endereço	Rua Luís Alves, 1503 Bairro Alto Bonito, Luís Correia -PI				
Telefone	(86) 99511-6363	Fax		E-mail	
Ocupação	Aposentada hoje se dedica as atividades religiosas				
Onde nasceu	Chaval- CE	Desde quando mora na localidade	1972		
Bem cultural		Observação			
Celebração a Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro		<p>Dona Marizete, como é conhecida, é uma personagem emblemática para a comunidade de Luís Correia e assim como tantos outros devotos de Bom Jesus dos Navegantes, dedica sua vida as atividades religiosas. Dona Maria de Brito é Cearense e foi educada por padres e freiras desde muito jovem. Quando mudou-se para Luís Correia se casou e começou a participar das atividades da igreja. Inicialmente foi fundadora do ministério de música, coordenou vários grupos, inclusive em outras igrejas, pertencentes a outras localidades do município. Depois foi ela quem sugeriu que fizessem comidas para vender na Celebração a Bom Jesus. Começaram primeiramente com uma simples palhoça e hoje a Igreja Nossa Senhora da Conceição possui um Barracão pra se fazerem as comidas. Diferente de outros lugares em que a comunidade leva a comida pra ser vendida, na Igreja Matriz de Luís Correia os colaboradores levam os alimentos e lá se prepara as refeições que serão vendidas. Dona Marizete trabalhou como funcionária pública sendo auxiliar de enfermagem, hoje ela é aposentada e juntamente com seus familiares dedica sua vida as atividades da igreja.</p>			

Nome	HEINRICH WILHELM HEGEMANN			<input checked="" type="checkbox"/> Entrevistado <input type="checkbox"/> Não entrevistado	3
Como é conhecido (a)	PADRE HENRIQUE	Data de Nascimento / Fundação	01/08/1959	<input checked="" type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	
Endereço	Rua Deputado João Pinto, 983. Bairro: Centro, Luís Correia -PI				
Telefone	(86) 99491-2666	Fax		E-mail	henriquehegemann@hotmail.com
Ocupação	Padre da Diocese Parnaíba - Piauí				
Onde nasceu	Recklinghausen - Alemanha	Desde quando mora na localidade	1996		
Bem cultural		Observação			
Celebração a Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro		Padre Henrique é alemão, e se tornou membro da Diocese Parnaibana em 1991. Chegou em Luís Correia em 1996 e foi pároco da Igreja Nossa Senhora da Conceição por 18 anos. Encantado com a comunidade de Luís Correia, é um grande estudioso deste território e, também é um colecionador de artefatos que remetem a história dessa região, principalmente no que se refere ao seu povo de origem, os pescadores. Por esse motivo, é um dos maiores devotos e um dos grandes colaboradores das Celebrações de Bom Jesus dos Navegante e São Pedro pois, a fim de engradecer ainda mais as Celebrações, foi ele quem agregou ao Festejo a procissão do mastro e, sugeriu que os remos fossem os ex-votos dos devotos que alcançassem graças advindas de Bom Jesus dos Navegantes.			

Nome	CLAUDIANA PEREIRA DE SOUSA			<input checked="" type="checkbox"/> Entrevistado	4
			<input type="checkbox"/> Não entrevistado		
Como é conhecido (a)	DIANA	Data de Nascimento / Fundação	12/12/1975	<input type="checkbox"/> Masculino	<input checked="" type="checkbox"/> Feminino
Endereço	Rua Raimundo Ferreira. Bairro: Alto Bonito, Luís Correia -PI				
Telefone	(86) 99402 - 4664	Fax		E-mail	claudianasouza@gmail.com
Ocupação	Agente de Defesa Agropecuária do Estado do Piauí				
Onde nasceu	Parnaíba - Piauí	Desde quando mora na localidade	Desde que nasceu		
Bem cultural		Observação			
Celebração a Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro		Claudiana reside em Luís Correia desde que nasceu. Desde criança acompanha as atividades da Paróquia Nossa Senhora da Conceição e hoje, participa ativamente da organização das festividades realizadas na igreja. É uma das responsáveis pela organização da Celebração e assim, como muitos devotos, também já fez promessa a Bom Jesus e por ter sido atendida, em agradecimento, colocou um remo na igreja com seu nome.			

Nome	MARCELINO ELIAS DE MACÊDO				<input checked="" type="checkbox"/> Entrevistado <input type="checkbox"/> Não entrevistado	5
Como é conhecido (a)	PADRE MARCELINO	Data de Nascimento / Fundação	05/09/1970	<input checked="" type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino		
Endereço	Praça da Matriz s/n Bairro: Centro, Luís Correia -PI					
Telefone	(86) 99955-5683	Fax		E-mail	marcelino.pao.evinho@hotmail.com	
Ocupação	Padre da Diocese Parnaíba – Piauí					
Onde nasceu	Castelo do Piauí – Piauí	Desde quando mora na localidade	25/08/2013			
Bem cultural			Observação			
Celebração a Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro			Padre Marcelino é muito carismático e tem um diálogo acessível com a comunidade de Luís Correia, por isso, durante os anos em que está à frente da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, vem motivando cada vez mais a comunidade a participar, prestigiar e entender a importância da Celebração de Bom Jesus para esta comunidade de pescadores.			

2. RESPONSÁVEIS

Pesquisadora	ALEXSANDRA DE MORAES CERQUEIRA
Orientadora	RITA DE CÁSSIA MOURA CARVALHO

APÊNDICE II

(Transcrição da Entrevista de Heinrich Wilhelm Hegemann – Padre Henrique)

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador: Alexandra de Moraes Cerqueira, Cássia Moura e Áurea Pinheiro

Levantamento de dados: Alexandra de Moraes Cerqueira

Pesquisa e elaboração do roteiro: Alexandra de Moraes Cerqueira

Sumário: Festejo de Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro, Religiosidade, Devoção, Promessa.

Transcrição: Alexandra de Moraes Cerqueira

Conferência da transcrição: Cássia Moura

Copidesque: Cássia Moura e Áurea da Paz Pinheiro

Técnico de gravação: Cássia Moura

Local: Luís Correia (PI)

Data: 16 de maio de 2018

Duração: 19min69seg

Mp3 do áudio

Páginas: 05

Entrevista realizada no contexto do Projeto de Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC – Festejo de Bom Jesus dos Navegantes, para o Documentário Etnográfico: A Fé que Abraça a Barca, do Mestrado Profissional em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Piauí. Coordenado pela pesquisadora Alexandra de Moraes Cerqueira, sob orientação da professora Cássia Moura.

O trabalho tem como objetivo a aplicação do **Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC**. Contempla três níveis de aproximação que envolve: o levantamento preliminar, a identificação e a documentação do Festejo de Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro do Município de Luís Correia – PI.

O conhecimento produzido neste Projeto promoverá a salvaguarda do bem inventariado.

A escolha do entrevistado se justifica pelo tempo em que Padre Henrique se dedicou a Paróquia Nossa Senhora da Conceição em Luís Correia, contribuindo para a promoção da celebração de Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro. Criando ritualísticas e reforçando a importância dessa celebração como bem cultural ancestral da comunidade luís-correiense.

Temas: Celebrações, Festejo de Bom Jesus dos Navegantes, Religiosidade, Devoção, Patrimônio Imaterial.

Heinrich Wilhelm Hegemann

Entrevistador 1- Bom dia Padre Henrique.

Padre Henrique – Bom dia Alexandra.

Entrevistador 1 - Primeiramente eu gostaria que o senhor dissesse seu nome completo. E se o senhor autoriza fazer uso da sua imagem para o nosso documentário?

Padre Henrique – Meu nome é Heinrich Wilhelm Hegemann, eu sou alemão. Nasci na Alemanha, na região industrial da Alemanha, onde cavam carvão de pedra no chão e produzem aço. E desde o ano 1991, eu sou padre, membro dessa Diocese, aqui de Parnaíba. Primeiro, cinco anos em São João da Fronteira e, a partir de 1996, pároco aqui de Amarração, de Luís Correia até o ano 2003. Atualmente eu sou pároco da Ilha Grande de Santa Isabel e, professor de teologia da missão em Teresina.

Entrevistador 1 – O senhor autoriza fazer uso da sua imagem?

Padre Henrique – Sim, sim.

Entrevistador 1 – Quando o senhor chegou, o que lhe encantou nesse território?

Padre Henrique – Em cheguei no ano 1991 em São João da Fronteira, naquele tempo só um povoado, hoje já é emancipado. Eu cheguei lá sem falar nenhuma palavra da língua portuguesa. Fiz o curso, aprendi a me comunicar junto com o povo. Eu gostei tanto como o povo me ajudou, eu como estrangeiro, como eles me explicaram os costumes, as comidas estranhas pra mim até as vezes hoje, como eles me explicaram as tradições, a cultura e como eles viveram a fé, quer dizer, a relação para com Deus.

Entrevistador 1 – E aqui em Luís Correia?

Padre Henrique - Depois de cinco anos em São João da Fronteira como vigário, fui transferido. Aqui era uma paróquia muito simples, antes tinha vários padres aqui, mas eles passaram só pouco tempo, eu passei quase dezoito anos sendo pároco dessa área aqui e junto com o povo nós conseguimos organizar esse município e, depois os dois municípios: Cajueiro da Praia e Luís Correia juntos. Quando eu saí tinha oitenta e quatro comunidades, que quer dizer, uma vida religiosa muito florida aqui. Mas, interessante é, se a gente ama esse povo simples, eles partilham a vida, que quer dizer, as tradições, os costumes com a gente.

Entrevistador 1 – O que lhe encantou sobre a história de Luís Correia e Amarração?

Padre Henrique - (*risos*) quando eu assumi Luís Correia, Dom Rufino perguntou naquele tempo: *Você gosta de passar na praia?* Eu disse não. *O Senhor gosta de comer peixe?* Eu disse muito não. *Então você vai ser pároco de Luís Correia, porque tem um interior muito grande e você pode se dedicar para as comunidades.* O que era interessante pra mim... Muitas comunidades nunca foram visitadas por um padre ou um político, que quer dizer, a gente encontrou ainda o povo original aqui do Piauí. Encontrei uma senhora de 102 anos em Carnaubal, ela me contou como os primeiros brancos aqui nessa região de Carnaubal, como mataram os índios, me contaram as histórias da cura, os remédios, como a gente se defende contra os problemas e as perseguições de dia em dia. Nós aqui numa cultura, a gente pode dizer urbana ou industrial, nós temos outras regras, mas, se você vive no interior não tem médico, não tem enfermeira, não tem remédio, você deve se curar de um outro jeito. E isso é tão interessante!

Entrevistador 1 – E quando o senhor chegou aqui na comunidade, como acontecia o Festejo de Bom Jesus?

Padre Henrique – Quando eu cheguei aqui... Dois anos Luís Correia era sem padre, sem pároco, que quer dizer, aqui tinha pouco movimento religioso. A Festa do Bom Jesus, eu percebi logo, é uma festa tão linda dessa nossa região. Porque os nossos pescadores todo dia, eles arriscam a vida pra ganhar o pão, ou melhor, o peixe de cada dia e a gente deve valorizar a profissão de pescador, a gente deve rezar pelos pescadores e suas famílias. E assim, nós começamos a cultivar a procissão marítima, os costumes durante o festejo, o hasteamento, o levantamento do mastro, a bandeira, as procissões e, hoje é uma festa da população cristã, católica, aqui na nossa região. Como era, pelo menos me disseram, antigamente.

Entrevistador 1 – E como eles disseram que era antigamente?

Padre Henrique – Antigamente tinha até um trem, a Maria Fumaça que sempre passou aqui. E interessante Amarração/Luís Correia era uma capelinha, primeiro da Catedral e depois de São Sebastião. E, foi tratado como capela e não como paróquia verdadeira. Que quer dizer um movimento, pelo menos me disseram os antigos, um movimento sempre das pessoas importantes das festas de Parnaíba, que organizavam. Que quer dizer que, não era um movimento do povo mesmo, do povo simples da nossa região.

Entrevistador 1 – Então eram as pessoas mais importantes que faziam a festa?

Padre Henrique – Sempre é assim.

Entrevistador 1 – E quando o Senhor entrou aqui como acontecia a celebração? Já tinha a procissão terrestre? São Pedro já participava juntamente com Bom Jesus?

Padre Henrique – O que eu percebi, era uma festa, existiu, mas, não era aceita. Só os grupos que eram responsáveis pelo dia deles participava da missa. E a procissão era um fracasso. Eu me lembro bem, a primeira procissão do mastro que nós fizemos, eu fiz com sete pessoas, comigo oito (*risos*). Eu quase morri de vergonha (*risos*). Mas, hoje em dia mudou. Que quer dizer que se a gente tem perseverança, se a gente respeita o povo e dá espaço pra viver, pra realizar a fé, eles participam.

Entrevistador 1 – Alguns documentos antigos da igreja falam que, primeiro tinha a procissão de Bom Jesus e depois que eles uniram a procissão de São Pedro. O senhor sabe me dizer algo a esse respeito?

Padre Henrique – Isso eu não posso dizer não. Eu sei que antes da minha chegada o festejo foi mudado várias vezes por causa dos turistas. Nós devemos fazer a nossa festa pra agradar os turistas, e não pra fazer uma festa religiosa pra aumentar a nossa fé. Isso era primeira coisa que eu percebi aqui. Eu não sei dizer se São Pedro fez parte desde o início desse movimento, mas interessante é nós celebramos a festa no dia de São Pedro, é possível que já era desde o início juntos. Mas, a lenda que nós conhecemos sobre Bom Jesus a chegada do Bom Jesus, fala que os pescadores mesmo procuraram a presença de Jesus na vida. A lenda fala que os pescadores encontraram a imagem do Bom Jesus dos Navegantes numa dessas ilhas do nosso Delta, na ilha do Bom Jesus, que existe até hoje, eles levaram essa imagem e o padre daquele tempo decidiu: *ele deve ser o Bom Jesus dos Navegantes*. E, se a gente olha pra essa imagem a gente percebe, devo dizer assim....Cada imagem deve contar uma história. Se uma imagem não conta uma história é uma imagem perdida, pode jogar no mato. Mas, com essa imagem do Bom Jesus a gente pode contar a história do evangelho, quando Jesus andou com os apóstolos pelo mar, uma ventania grande chegou, as ondas aumentaram e Jesus dormiu. Os apóstolos ficaram com medo e gritaram: mestre! Mestre! Não te importas que estamos morrendo? Jesus se levantou, como o evangelho falou (*gestos*) parou o vento, e acalmou as ondas. Esses são os gestos da imagem do Bom Jesus. No início o povo ficou um pouco com vergonha da imagem, porque os gestos são um pouco doces, mas, quando expliquei o sentido...

[...]

Entrevistador 1 – O senhor falou que trouxe a procissão do mastro...

Padre Henrique – Sim, porque aprendi em São João da Fronteira, eu participei nos festejos de Pedro II, de Piripiri e cheguei aqui em Luís Correia e não tinha. Era verdadeiramente uma festa muito triste. Não uma festa de alegria, de encontro dos fiéis, também por exemplo, do povo da zona rural, ninguém participou. Era pra mim uma tristeza, nunca vi isso numa outra paróquia, só aqui. Mas, me disseram que no litoral sempre é complicado. Porque os

pescadores são como ciganos, eles devem andar, correr atrás do peixe. Pois, não ficam num lugar estável, em cada porto eles tinham, por exemplo, uma família. As famílias eram, pobres, pobres, pobres e, por isso, uma ligação pra esses festejos, não tinha não. Mas, como o coração generoso a gente acolheu todo mundo e hoje mudou a nossa situação aqui totalmente.

Entrevistador 1 – Quando o senhor chegou aqui, já tinha essa fé das pessoas em fazerem as promessas e colocarem os remos na igreja?

Padre Henrique – Não, isso eu criei também. Porque se nós já temos um Bom Jesus dos Navegantes nós devemos valorizar ele. Fazer promessa, isso é uma coisa impactante para os brasileiros, de modo especial para os piauienses, cearenses, os nordestinos. Se a gente passa em Canindé tem caixas cheias de, nem sei como se chama, braços, pernas... Que eles pagam com isso as promessas. Eu pensei, isso nós poderíamos fazer aqui também. Porque cada um de nós já recebeu uma graça do Bom Jesus dos Navegantes que, para o vento e acalma as ondas do mar, do oceano da vida.

Entrevistador 1 – Quem é o artesão que faz os remos?

Padre Henrique – São os remos que a gente usa nas canoas e tem um artesão em um artesão em Parnaíba o mestre Reis, ele talhou eles, mas também, desenhistas e pintores aqui em Luís Correia eles fazem a pintura.

Entrevistador1- O senhor já fez promessa pra Bom Jesus?

Padre Henrique – Eu estou devendo uma, mas, aqui aprendi também no Piauí, o Bom Jesus não fica zangado com isso não, ele tem mais paciência do que um ser humano.

Entrevistador 1- Para o senhor, que também é devoto de Bom Jesus, o que representa essa celebração para o senhor?

Padre Henrique - (*suspiro*) num lado mostra a fé profunda do povo, do outro lado a aventura, sair com uma procissão em cima dum barco, até o mar. E eu muitas vezes em cima do mastro, comandando tudo, fiscalizando tudo, fiscalizando se tudo dá certo, se todo mundo se comporta. Mas, a gente percebe a alegria de ser cristão, de ser devoto ao Bom Jesus. Simplesmente de participar, de se encontrar com os amigos que tem a mesma fé.

APÊNDICE III

(Transcrição da Entrevista de Claudiana Pereira de Sousa - Diana)

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador: Alexsandra de Moraes Cerqueira e Cássia Moura

Levantamento de dados: Alexsandra de Moraes Cerqueira

Pesquisa e elaboração do roteiro: Alexsandra de Moraes Cerqueira

Sumário: Festejo de Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro, Religiosidade, Devoção, Promessa.

Transcrição: Alexsandra de Moraes Cerqueira

Conferência da transcrição: Cássia Moura

Copidesque: Cássia Moura e Áurea da Paz Pinheiro

Técnico de gravação: Cássia Moura

Local: Luís Correia (PI)

Data: 22 de maio de 2018

Duração: 14min37seg

Mp3 do áudio

Páginas: 05

Entrevista realizada para o preenchimento das fichas do Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC – sobre a Celebração de Bom Jesus dos Navegantes em Luís Correia/PI. No contexto do projeto de pesquisa-ação do Mestrado Profissional em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Piauí. Coordenado pela pesquisadora Alexsandra de Moraes Cerqueira, sob orientação da professora Cássia Moura.

O trabalho tem como objetivo a aplicação do **Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC**. Contempla três níveis de aproximação que envolve: o levantamento preliminar, a

identificação e a documentação do Festejo de Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro do Município de Luís Correia – PI.

O conhecimento produzido neste Projeto promoverá a salvaguarda do bem inventariado.

A escolha da entrevistada se justifica por Diana, como é conhecida, ser devota de Bom Jesus dos Navegantes desde crianças, assim como seus familiares. Diana, participa da organização da celebração e, assim como muitos fiéis, já alcançou graças ao fazer promessa a Bom Jesus dos Navegantes.

Temas: Celebrações, Celebração de Bom Jesus dos Navegantes, Religiosidade, Devoção, Patrimônio Imaterial.

Claudiana Pereira de Sousa

Entrevistador 1 – Primeiro eu quero que você diga seu nome completo e se você autoriza o uso da sua imagem para o documentário?

Diana – Meu nome é Claudiana Pereira dos Sousa e eu autorizo o uso da minha imagem para o documentário.

Entrevistador 1 – Obrigada! Diana, há quanto tempo você participa das atividades aqui na igreja Nossa Senhora da Conceição?

Diana – Assim, eu não consigo nem me lembrar desde quando, desde sempre. Porque a minha família sempre foi católica e a partir da minha juventude, entrando da adolescência já pra vida adulta, eu já comecei a me engajar mais, ficar mais próxima dos eventos, da participação, da movimentação, da preparação, em todas as coisas. Então assim, dizer quando que começou? Eu não sei, porque é um trabalho que a gente se envolve e a gente não marca data no calendário. Então é isso, eu sempre participei daqui.

Entrevistador 1 – E você ajuda na organização da Celebração de Bom Jesus dos Navegantes?

Diana – Sim, a gente começa a fazer as reuniões para o Festejo de Bom Jesus a partir do mês de abril. Já começa as reuniões com as equipes, começa a dividir tarefas. Então, cada equipe fica responsável por alguma tarefa dentro do festejo. Porque a data é fixa do dia 19 ao dia 29

mas, dentro dessa data a gente começa a ver ... Cai em qual dia da semana? O que acontece naquele dia? Quem a gente pode colocar como responsável? Então, o festejo ele começa com a procissão do mastro. Para procissão do mastro sempre é escolhido um bairro e dentro daquele bairro, as famílias do bairro ficam responsáveis em ornamentar o mastro. Que o mastro é o que vai segurar a bandeira do festejo. Então, chega o dia 19, o bairro que foi escolhido, as famílias vem em procissão e na chegada da praça da matriz é feito o hasteamento. Colocado oficialmente o mastro e ele vai fixar durante todo o festejo, fica ornamentando a praça e fica simbolizando que está acontecendo o festejo. Porque o nosso festejo aqui ele é campal, ele acontece todas as noites na praça da matriz, todas as noites tem as famílias e as pastorais responsáveis por organizar aquela noite, E é um momento de encontro de todo mundo, tem as orações iniciais, tem a santa missa, depois da santa missa sempre tem a parte social, que é onde se encontram as pessoas pra ver ou apresentações, também tem a parte das comidas e ai é uma reunião que todo mundo já sabe, tá acontecendo o festejo, tem que vir pra praça da matriz!

Entrevistador 1 – Quais são os eventos que ocorrem durante o festejo?

Diana – Durante o festejo tem a noite que acontece o leilão, aquela noite só tem o leilão. Tem a noite sertaneja, que já entrou há algum tempo na nossa festividade de Bom Jesus, mas, ela já está tradicional. Na noite sertaneja as pessoas vêm vestidas com trajes mais sertanejos, uma blusa xadrez, uma bota, um chapéu, o chapéu tem que ter e aí, durante essa missa ela é toda cantada com aquele tom sertanejo, desde o canto inicial até o canto final é tocado com sanfona, é uma missa mais preparada, mais ensaiada, é muito bonito. E a gente procura também simbolizar nessa noite, no caso da ornamentação, a gente faz uma minixposição, não é uma grade exposição, com coisas que você só vê numa casa sertaneja. Então, a gente procura ver uma cadeira, um baú, uma coisa que você entre naquele ambiente e você se sinta numa casa sertaneja. E tem a procissão de encerramento, durante o festejo é a procissão mais aguardada. Todo mundo fica pensando, como que vai ser? Que horário vai ser? Então, com antecedência é visto com a Capitânia dos Portos o horário da maré. Porque pra procissão acontecer o horário da maré tem que estar alto. Então, o horário da procissão não é definido antes, ela tem que ser de acordo com o horário da maré, porque? Como vai ter um grande número de embarcações tem que ter um bom volume de água, pra poder ir e voltar. Então já

aconteceu procissões de manhã cedinho, já aconteceu meio dia, já aconteceu as duas da tarde, três horas e como as cinco horas da tarde já pegando o pôr do sol. E como é a procissão? Todos os donos de barco são convidados, espontaneamente eles cedem os barcos deles, os barcos são enfeitados com bandeirinhas, e os romeiros que são as pessoas que vão participar da procissão, eles chegam mais cedo no porto, colocam os nomes numa lista pra ir na embarcação. Cada barco tem um total de limite de pessoas, cada pessoa vai naquele barco e quando todos já estão no barco... o santo também tem um barco especial que vai só Bom Jesus, que vai com o padre, uma comitiva, vai um grupo de canto animando. E saem em procissão até o Porto de Luís Correia, no Porto de Luís Correia aí é feito o retorno e volta para o porto inicial de onde saiu a procissão. Nesse dia é o dia que as comunidades da zona rural também vêm, eles montam as suas caravanas, eles alugam ônibus e vem para o encerramento do Festejo e pra participar da procissão de barco. É um momento muito bonito da nossa comunidade e é muito tradicional, todo mundo sonha em vir pra procissão de barco. Eu até brinco que meu pai sai de casa pra ir à missa em três festas do ano: uma é de Bom Jesus, a outra é de São Francisco, que é o santo do nome dele, e o outro é no Festejo da Nossa Senhora da Conceição, que tem a benção dos cavalos, dos animais. Então, Bom Jesus ele está aqui, porque eu acho que na cabeça dele, ele tem que participar da procissão do Festejo de Bom Jesus. Porque ele não é muito católico praticante, mas, nessas ele sempre vem, então eu acho que é uma tradição pra ele, que ele tem que estar. Agora a gente não, a gente já participa todas as noites com a família inteira.

Entrevistador 1 – Depois da procissão marítima tem a procissão terrestre?

Diana – Aí quando a procissão chega, a procissão marítima, as pessoas que não tiveram muita coragem de ir no barco, porque tem aquelas pessoas que não vão por alguma limitação, ou não vão por que as vezes não tem coragem de ir... eles já estão no porto esperado. Quando o santo chega, Bom Jesus chega, aí saem em procissão pelas ruas da cidade. Uma procissão também muito bonita, grande, acompanhada com grupos de canto, que vai cantada. Quando a procissão passeia por algumas ruas da cidade, volta pra praça da matriz, aí volta a missa de encerramento da Festa de Bom Jesus.

Entrevistador 1 – E pra você o que significa a Festa de Bom Jesus dos Navegantes?

Diana – A Festa de Bom Jesus dos Navegantes entrou na minha vida primeiramente como uma tradição familiar, você vem porque traduzida pela sua avó, pela sua mãe, está tudo mundo indo. Mas, ao longo da sua vida, você vai incorporando, você vai vendo a necessidade da fé em você e a nossa fé ela é plantada como uma sementinha, mas, depois ela vai crescendo. Você vai descobrindo quem é Deus, quem é Jesus Cristo e qual o papel dele na sua vida. E esse papel é forte porque você sabe da necessidade de você rezar, agradecer e você se fortalecer então, é grande Bom Jesus na vida da gente, porque Jesus ele é tudo, ninguém é nada sem Jesus... é muito forte. *(choro)*

Entrevistador 1 – Você já fez promessa pra Bom Jesus?

Diana – Já, no ano de 2006, estava chegando o festejo de Bom Jesus e apareceu um edema na minha perna, popularmente todo mundo chama de tumor, e aí ele cresceu muito e ficou a ponto de eu caminhar e gritar de dor depois. Se eu me movimentasse durante o dia a noite eu não dormia chorando de dor, e foi bem na época do festejo de Bom Jesus, eu queria estar na praça, participar, vir mas, eu não conseguia, porque justamente isso, a cada movimentação, mesmo se fosse descer do carro e sentar na cadeira e voltar pro carro eu já sentia, isso me deu como uma limitação. Então eu não consegui, neste ano de 2006 participar do festejo do Festejo de Bom Jesus. Mas, eu ficava em casa e rezava do mesmo jeito, eu fazia minhas orações e pedia pra Bom Jesus a cura desse tumor e ele cresceu a tal ponto que as carnes aqui da minha perna estavam ficando necrosadas. Quando eu fui no médico ele até se assustou e rapidamente já foi me levando para a sala de pequenas cirurgias pra poder tirar, porque ele disse que já estava muito grande... Tem um remo aqui na igreja matriz com esse meu agradecimento depois de muitas orações que eu fiz. Mas, o remo foi a simbologia de dizer assim: está aqui eu vim, fiz e cumpri o que eu te prometi. Então, essa foi a minha promessa pra Bom Jesus e graças a Deus ele me atendeu.

Considerações (Diana) – É porque Nossa Senhora é muito gratificante, mas, eu acho assim que as pessoas têm um apego com Bom Jesus. As pessoas mais idosas... se fosse assim, eu não sei dizer quem, mas eles falam assim com um fervor tão grande do Festejo de Bom Jesus que, eu tenho impressão que antigamente eles festejavam até mais Bom Jesus do que Nossa Senhora que foi a padroeira da cidade.

Entrevistador – Você acha que mudou muita coisa do Festejo de Bom Jesus?

Diana – (...) o que eu sei dizer é o que minha mãe falava. Antes da minha mãe casar, dela morar aqui ela morava na zona rural e eles vinham caminhando viu! Porque do lugar de onde ela morava, o Campestre que fica ali perto de Mutucas, Boa Esperança, nesse lugar onde ela morou, depois quase ninguém mora lá então, era Mutucas, Boa Esperança, por ali eles vinham a pé para o Festejo de Bom Jesus, a mãe dela trazia, trazia ela, os irmãos, eram nove irmãos e ai vinham com pessoas dos outros lugares caminhando por cima de morro e tudo pra vir para o Festejo de Bom Jesus.

[...]

APÊNDICE IV

(Transcrição da Entrevista de Marcelino Elias de Macedo – Padre Marcelino)

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador: Alexandra de Moraes Cerqueira e Cássia Moura

Levantamento de dados: Alexandra de Moraes Cerqueira

Pesquisa e elaboração do roteiro: Alexandra de Moraes Cerqueira

Sumário: Festejo de Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro, Religiosidade, Devoção, Promessa.

Transcrição: Alexandra de Moraes Cerqueira

Conferência da transcrição: Cássia Moura

Copidesque: Cássia Moura e Áurea da Paz Pinheiro

Técnico de gravação: Cássia Moura

Local: Luís Correia (PI)

Data: 21 de junho de 2018

Duração: 10min34seg

Mp3 do áudio

Páginas: 05

Entrevista realizada para o preenchimento das fichas do Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC –sobre a Celebração de Bom Jesus dos Navegantes em Luís Correia/PI. No contexto do projeto de pesquisa-ação do Mestrado Profissional em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Piauí. Coordenado pela pesquisadora Alexandra de Moraes Cerqueira, sob orientação da professora Cássia Moura.

O trabalho tem como objetivo a aplicação do **Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC**. Contempla três níveis de aproximação que envolve: o levantamento preliminar, a identificação e a documentação do Festejo de Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro do Município de Luís Correia – PI.

O conhecimento produzido neste Projeto promoverá a salvaguarda do bem inventariado.

A escolha do entrevistado se justifica pelo carisma e acessibilidade desprendidos pelo Padre Marcelino, a todos da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, em Luís Correia. Ele é um dos grandes arautos que propaga a fé e a devoção a Bom Jesus dos Navegantes.

Temas: Celebrações, Celebração de Bom Jesus dos Navegantes, Religiosidade, Devoção, Patrimônio Imaterial.

Marcelino Elias de Macedo

Entrevistador 1 – Boa tarde Padre!

Padre Marcelino – Boa tarde!

Entrevistador 1 - Primeiramente eu gostaria que o senhor dissesse seu nome completo e se o senhor autoriza fazer o uso da sua imagem para o documentário?

Padre Marcelino – Eu sou o Padre Marcelino Elias de Macedo, pároco da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Luís Correia, está autorizada a minha fala.

Entrevistador 1 – Obrigada! Quando o senhor chegou aqui na Paróquia de Nossa Senhora da Conceição?

Padre Marcelino – Eu cheguei aqui em 25 de agosto de 2013.

Entrevistador 1 – Como é que o senhor se sente sendo pároco nessa comunidade de pescadores, que tem como co-padroeiro Bom Jesus dos Navegantes?

Padre Marcelino – Eu não poderia fazer uma descrição melhor da que eu vou lhes dizer, porque em cada paróquia em que a Igreja me chamou pra trabalhar eu sempre me senti muito à vontade, muito feliz e rezei antes de chegar pelo povo em que a Igreja me confiou. E não foi diferente aqui em Luís Correia. Uma região de certa forma atípica, porque nós temos os pescadores que passam vinte e oito dias no mar, depois com a família menos dias do que no mar. Nós temos o período da alta temporada, nós temos os turistas aqui na cidade de Luís Correia, que ficam conosco. Oitenta por cento do povo, no período da alta temporada na igreja, são turistas. E o nosso povo aqui de Luís Correia, uma grande parte, estão nos bares sendo garçons, ou em outras funções no trabalho pra atender os turistas, mas, eu como Padre me sinto muito feliz, da Igreja ter me convidado pra ser Padre em Luís Correia. Se ela me convidar de novo, eu continuarei aqui.

Entrevistador 1 – A que se deve essa devoção que as pessoas têm a Bom Jesus? Porque a padroeira, aqui é Nossa Senhora da Conceição, que é muito querida por toda a comunidade. Mas, as pessoas têm um carinho muito grande por Bom Jesus. Ao que se deve essa devoção, para o senhor?

Padre Marcelino – Como você mesma disse, aqui é uma cidade de pescadores. E a devoção ao Bom Jesus dos Navegantes deu-se pelo encontro, a descoberta, pela aparição desta imagem na ilha, que hoje é chamada de Bom Jesus, que é do outro lado aqui da baía, do mar. E, os pescadores encontrando essa imagem, trouxeram para o Padre da época, que não temos data marcada pra essa época. Mas, daí eles começaram a fazer essa devoção. E o festejo, se tornou um festejo com grande porte até, mais ou menos mil novecentos e setenta, por aí assim, era um festejo muito grande. E depois, tornou-se um festejo menor mas, a devoção a Bom Jesus dos Navegantes ficou muito forte, continuou forte na comunidade de forma que, a procissão marítima tem um significado, que você mesma já participou no ano passado, e o povo não tem hora, qualquer hora que a marinha determinar para acontecer a procissão, o povo aparece para participar conosco da procissão de Bom Jesus. Vejo que daí dar-se essa grande deferência, devoção a Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro. Primeiro que, se celebra essa data no dia 29 de junho porque Bom Jesus dos Navegantes, a imagem se juntou a esse festejo de Bom Jesus dos Navegantes com São Pedro, devido São Pedro ter sido um discípulo de Jesus e, também ter sido um pescador. Então, uniu-se essas duas festas: Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro em Luís Correia, em virtude dessa situação.

Entrevistador 1 – Padre, como o senhor se sente na procissão marítima quando o senhor está à frente das pessoas ali, ao lado de Bom Jesus na Barca. Como é que o senhor se sente naquele momento?

Padre Marcelino – Encontro na manifestação do povo, que participa conosco da procissão, uma grande vibração espiritual, isso como padre, enche também o coração do padre, por ver o povo rezando, por ver o povo ali e os pescadores, também, que deixam o mar naquele tempo e trazem os seus barcos para participarem da procissão. Isso me deixa muito feliz, porque percebo, que mesmo as pessoas que não vêm a missa, todos os domingos, como os pescadores por ficarem no mar, eles deixam aquele tempo reservado para estarem conosco e expressarem o que sentem por Deus naquela procissão de Bom Jesus dos Navegantes. Então, como padre, realmente enche o coração do padre de alegria.

Entrevistador 1 – E o senhor estava falando da questão de como era o festejo antigamente. Tem algum documento que fale sobre isso? Tem alguma pessoa da comunidade que tenha como falar a respeito disso?

Padre Marcelino – Temos, temos algumas pessoas que podem dar esse testemunho. Agora, eles vão dar um testemunho oral, que certamente é isso que você também precisa para documentar um pouco melhor isso. Nós temos em Parnaíba, o Padre João Maria, que na época ele era criança e vinha de Parnaíba com seus pais para esse festejo, vinham de trem. O Padre João Maria pode lhe dar uma informação da experiência dele. Depois que eu estou em Luís Correia, ele veio celebrar conosco pra sentir a vibração espiritual, de quando ele sentia quando era criança, vindo de trem com seu pai para participar do festejo de Bom Jesus dos Navegantes. Ele descreve que nós tínhamos aqui, festas dançantes ao redor do festejo, tinham barracas populares ao redor do festejo, tínhamos também parques de diversões naquela época. Mas, por uma situação daquela época, foi redefinido pelo Bispo, uma outra forma de apresentar o Festejo de Bom Jesus dos Navegantes.

Entrevistador 2 – Padre, uma mensagem que o senhor gostaria de deixar pra essa comunidade.

Padre Marcelino - A mensagem que, eu agora expresso do meu coração, para a comunidade de Luís Correia. É que, esta comunidade cada vez mais dê o seu coração para ser terra fértil da palavra de Deus. Onde, caindo esta palavra que salva, liberta e perdoa, nós criemos cada vez mais, em Luís Correia, a cultura do encontro, a cultura do perdão, a cultura da fraternidade da partilha. Assim sendo, nós teremos famílias mais felizes, pessoas que se deixam cada vez mais serem conduzidas pelo espírito santo de Deus. E, conseqüentemente, teremos uma sociedade mais justa, fraterna e solidária. Nos abracemos meus irmãos e irmãs para que, o reino de Deus aconteça aqui e agora, você sendo homem ou mulher de Deus, que testemunha as escrituras no seu coração, no dia a dia da tua vida comunitária, familiar e social.

APÊNDICE IV
(Transcrição da Entrevista de Natália Abreu dos Santos)

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador: Alexandra de Moraes Cerqueira e Cássia Moura

Levantamento de dados: Alexandra de Moraes Cerqueira

Pesquisa e elaboração do roteiro: Alexandra de Moraes Cerqueira

Sumário: Festejo de Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro, Religiosidade, Devoção, Promessa.

Transcrição: Alexandra de Moraes Cerqueira

Conferência da transcrição: Cássia Moura
Copidesque: Cássia Moura e Áurea da Paz Pinheiro
Técnico de gravação: Cássia Moura
Local: Luís Correia (PI)
Data: 06 de julho de 2017
Duração: 08min19seg
Mp3 do áudio
Páginas: 05

Entrevista realizada para o preenchimento das fichas do Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC –sobre a Celebração de Bom Jesus dos Navegantes em Luís Correia/PI. No contexto do projeto de pesquisa-ação do Mestrado Profissional em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Piauí. Coordenado pela pesquisadora Alexsandra de Moraes Cerqueira, sob orientação da professora Cássia Moura.

O trabalho tem como objetivo a aplicação do **Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC**. Contempla três níveis de aproximação que envolve: o levantamento preliminar, a identificação e a documentação do Festejo de Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro do Município de Luís Correia – PI.

O conhecimento produzido neste Projeto promoverá a salvaguarda do bem inventariado.

A escolha da entrevistada se justifica pela fé que Natália e seus familiares devotam à Bom Jesus dos Navegantes. Permitindo com que gerações de pescadores se unam pela crença e façam promessas ao Santo.

Temas: Celebrações, Celebração de Bom Jesus dos Navegantes, Religiosidade, Devoção, Patrimônio Imaterial.

Natália Abreu dos Santos

Entrevistador 1– Natália, você pode dizer assim, primeiro o seu nome completo ai você pode contar um pouco o que você estava falando sobre a história da sua família, né? As histórias de pescadores e tudo, pode desenvolver.

Entrevistador 2 - Natália você diz seu nome e se autoriza o uso da sua imagem para o documentário tá bom?

Entrevistado – Tá Certo. Meu nome é Natália Abreu dos Santos, o nome dele é Luís Abreu dos Santos (*o filho em seu colo*). Nós somos pescadores e eu autorizo sim a fazer esse documentário com a gente. Ele aqui teve um tempo muito doente, passou quinze dias doente,

passou ... fomos pro hospital com infecção intestinal, ele... foi num período antes do Bom Jesus dos Navegantes (*festejo*), nós somos devotos de Bom Jesus dos Navegantes. Meu pai é pescador, minha mãe é pescadora, meu vô é pescador, minha avó é pescadora, então assim a gente segue essa carreira assim de pescadores. Todos nós somos. Aí ele aqui teve quinze dias doente no hospital, passou dez dias dando febre. No décimo dia eu disse: se parasse a febre dele a gente ia pra procissão todas as noites caminhando pra poder eu procurar a cura pra ele, e sendo que o meu mais velho também estava dando febre direto. E eu disse: se eles dois se curassem eu ia todas as noites acompanhando a procissão, e tudo caminhando com ele no braço e assim a gente foi. Como sendo devota a gente acreditou naquele objetivo que a gente queria... É assim, a gente procura o melhor pra ele e pro outro também, como muitos por aqui a gente é devoto, a gente vai continuar sendo devoto.

Entrevistador 1 – Sua família toda é devota do Bom Jesus?

Entrevistado – Todos Somos

Entrevistador 1 – Seus pais também acompanham ou acompanharam desde sempre a celebração?

Entrevistado – Desde sempre, desde sempre. Um pouco agora, a gente está um pouco afastado, mas desde sempre a gente acompanhou. Desde eu moleca, vamos dizer assim que a gente acompanha. Eu tenho outras irmãs, todas elas, sempre foi assim.

Entrevistador 1- Você lembra de alguma que mudou na celebração de lá pra cá?

Entrevistado – Hum, e muito! Como sempre comentei com minha mãe aqui desde o primeiro dia: Mãe aaa... como é que se chama, o festejo não está como era antes, porque antes a gente chegava no festejo era uma tristeza, nem parecia que a gente estava naquela igreja, nem parecia que a gente estava acompanhando uma festa né? em comemoração. Aí eu comentei com minha mãe: Mãe, está muito bonito, tem muita gente, não está como vago como antes. É a gente vê lá parecia que tinha fantasma, só o padre falando e a gente ouvindo. Só! Aí não hoje não, hoje em dia está ótimo. A procissão marítima que tinha de dois a três barcos, hoje são de cinco a seis, de seis a oito. E assim, está aumentando, está ficando bonito nosso festejo hoje em dia.

Entrevistador 1 – O que significa pra você essa devoção a Bom Jesus?

Entrevistado – Significa que ele ajuda a gente e agente ajuda ele né? Como a gente é devota a ele, quando meu pai for pro mar ele vai acompanhar meu pai, vai proteger meu pai. Por isso, que a gente é devota a ele, porque ele protege ele. Protege meu vô que todo mês está no

mar, protege minha vó que todo mês está pescando também, e assim vai. A gente acredita nisso né? *(risos)*

Entrevistador 1 – Sua família, você sabe me dizer se eles já fizeram alguma outra promessa pra Bom Jesus?

Entrevistado – Minha avó. Depois dela foi eu, primeiro foi ela... é que ela no tempo que ela fez, isso está com uns três a quatro anos né? quando ela fez ela tinha um problema na perna, que era uma bactéria que ela pegou. Dessa bactéria ela disse, ela fez a promessa dela e cumpriu. E ele abençoou ela, foi no tempo desse festejo também. Aí, hoje a gente está com ele, sempre foi ele.

Entrevistador 2 – E me diz uma coisa, o quê que te move nessa procissão?

Entrevistado – A cura, a saúde, a libertação, a proteção. E o que, é o que a gente procura pra ele é isso. Aí a gente acompanha ele todos os anos é por causa disso, pra atrás de querer a proteção dele em cima do mar. Pra gente poder, pra poderem eles *(família)* irem e voltar. É isso que me move!

Entrevistador 1 – E aí quando vocês vão pro mar, se benze, faz oração pra Bom Jesus?

Entrevistado – Todas as vezes, quando a gente, por exemplo, a gente vai pescar no quebra mar, só no quebra mar passar uns dias pescando, antes da gente descer aquelas pedras, a gente já se benze, a gente pede a proteção dele. Porque o mar é forte, qualquer ondazinha pode derrubar a gente. Ali a gente já pede a proteção dele.

Entrevistador 2 – Então ele (o filho pequeno) é protegido do Bom Jesus?

Entrevistado – Ele é, ele é, é sim!

Entrevistador 1 – Então ele vai ser pescador?

Entrevistado – Vai, não vai amor *(olhou para o filho e sorriu)*. Ele já tem a mão de Bom Jesus em cima dele e ele que protege. *(beijo no filho)* ... Meu avô de sessenta e seis anos, ele vai pro mar! E ele tem problema nos dois joelhos dele *(admiração e risos)*.

Entrevistador 1 – É mesmo?

Entrevistado? É, e ele vai porque ele gosta de estar ali. Assim, assim ... eu conheço alguns, mas, se você chegar pra minha mãe e pro meu pai e perguntar que tipo de peixes são esses? Ele vai e te responde.

Entrevistador 1 – E então, todos são devotos em sua família?

Entrevistado – Todos, todos somos desde pequeno. Isso começou com a mãe da minha vó. Começou com a mãe da minha vó, da mãe da minha vó foi pra minha vó, pro meu avô pra minha mãe, pro meu pai e assim vai. Da família do meu pai, essas aí que são mesmo. A mãe dele teve vinte e dois filhos, todos são devotos, todos são pescadores. Né amor? *(olhando para o filho)*

Entrevistador 1 – É, a gente tem que acreditar que existe uma força superior que nos protege. E é muito difícil essa lida do mar, não é?

Entrevistado – A gente começou na devoção do Bom Jesus dos Navegantes quando meu bisavô foi pro mar e lá o barco virou. Ele já estava morrendo afogado quando o rapaz achou ele. Ai dali começou a devoção a Bom Jesus. Porque ali minha vó disse né? que era pai da minha vó, ela disse: Se foi ele que protegeu você ele vai me dar luz e vai trazer você vivo pra casa. E ali o rapaz achou ele já desmaiado, levaram pro hospital, fizeram aquela coisa todinha na beira da praia. Ai começou a devoção por causa daquilo dali, porque minha vó acreditou que foi ele que... ai pronto, ai de lá pra cá a gente todos somos.

Entrevistador 1 – Vocês têm algum remo lá na igreja?

Entrevistado – Temos, temos...

Entrevistador 1 – Tem? Tem remo lá na igreja?

Entrevistador – Temos dois, que foi meu bisavô que deu e o meu avô que deu. Que é no nome de Sebastião.

Entrevistador 2 – E a gente pode marcar um dia pra você ir lá falar sobre a história do remo?

Entrevistado – Posso *(risos)*

....

APÊNDICE V

(Transcrição da Entrevista de Maria de Brito Nascimento - Marizete)

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador: Alexandra de Moraes Cerqueira e Cássia Moura

Levantamento de dados: Alexandra de Moraes Cerqueira

Pesquisa e elaboração do roteiro: Alexandra de Moraes Cerqueira

Sumário: Festejo de Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro, Religiosidade, Devoção, Promessa.

Transcrição: Alexandra de Moraes Cerqueira

Conferência da transcrição: Cássia Moura

Copidesque: Cássia Moura e Áurea da Paz Pinheiro

Técnico de gravação: Cássia Moura

Local: Luís Correia (PI)

Data: 28 de junho de 2017

Duração: 28min06seg

Mp3 do áudio

Páginas: 08

Entrevista realizada para o preenchimento das fichas do Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC –sobre a Celebração de Bom Jesus dos Navegantes em Luís Correia/PI. No contexto do projeto de pesquisa-ação do Mestrado Profissional em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Piauí. Coordenado pela pesquisadora Alexandra de Moraes Cerqueira, sob orientação da professora Cássia Moura.

O trabalho tem como objetivo a aplicação do **Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC**. Contempla três níveis de aproximação que envolve: o levantamento preliminar, a identificação e a documentação do Festejo de Bom Jesus dos Navegantes e São Pedro do Município de Luís Correia – PI.

O conhecimento produzido neste Projeto promoverá a salvaguarda do bem inventariado.

A escolha da entrevistada se justifica por ser Dona Maria de Brito uma personagem emblemática para comunidade católica de Luís Correia e assim como tantos outros devotos de Bom Jesus dos Navegantes, dedica sua vida as atividades religiosas.

Temas: Celebrações, Celebração de Bom Jesus dos Navegantes, Religiosidade, Devoção, Patrimônio Imaterial.

Maria de Brito Nascimento

Entrevistador 1 – A Senhora diz primeiro o seu nome completo e se você autoriza fazermos a divulgação da sua imagem.

Entrevistado – Bom é o seguinte, meu nome é Maria de Brito. Marizete foi um apelido que minha mãe me deu, porque na época os padres batizavam todo mundo como Maria, meu nome é Maria e eu louvo muito a Maria por isso, porque meu nome é Maria. Mas, todo mundo em Luís Correia e por onde eu ando me conhece como Marizete. E eu autorizo você fazer e pedir o que você quiser com certeza.

Entrevistador 1 – Me diga como começou seu envolvimento com a comunidade?

Entrevistado – A comunidade de Luís Correia né? Porque eu sempre fui envolvida. Por que na verdade, nem piauiense eu sou. Eu sou cearense, eu com dezesseis anos, fui pra Chaval, morar em Chaval e aí a minha vida começou porque desde então eu já fui morar com padres e freiras. Então assim, a minha educação desde o princípio, na minha formação como pessoa, já foi da igreja católica né? Então assim, eu fui catequista lá, eu morava com o padre, eu não podia falar uma palavra errada, eu não podia me zangar, eu não podia deixar de ir à missa que eu ficava de castigo, foi na época que todo mundo tinha o maior respeito pelos padres. No dia que eu não pedia a “bença” era outro castigo. Você está entendendo (*risos*), era no castigo que na época a gente ficava de joelho mesmo, respeitava e tinha que fazer tudo certo. Então assim, hoje eu digo para minhas filhas que eu não sei se é bom a pessoa ser como eu sou. Porque eu sou... eu não vou dizer pra você que eu sou a pessoa mais correta do mundo mas, eu tenho essa característica porque foi a educação que eu recebi, de ser honesta, de ser correta, de fazer o que é certo, de... se eu disser pra você hoje dez horas venha na minha casa, eu estou pronta lhe esperando dez horas, então a minha educação é essa. E assim, a gente se preocupa muito porque você passa isso pra sua família, mas você não consegue isso. E aí você sofre por isso, você está entendendo? Porque, cada um tem a sua personalidade. Embora, a educação o homem é o produto do meio, mas nem sempre. Toda regra tem exceção e a gente foge, a família da gente foge dessa regra. E por isso uma pessoa do meu tipo que gosta tudo certinho, sofre mais. Então assim, meu envolvimento foi esse, eu morava em frente à igreja, eu estudava no colégio de freira e morava com o padre, que hoje ele é Monsenhor em Ibiapina. Mas assim, eu devo muito, muito minha educação religiosa e como cidadã a essa família. Porque com dezesseis anos eu já estava sob essa educação e aí eu trouxe pra minha vida. E fui pra Teresina com dezessete anos já, antes de dezoito anos eu já ingressei no serviço público, com dezoito anos, e aí eu fui transferida pra morar em Luís Correia, assumi a Unidade de Saúde aqui, que não tinha ninguém. E eu era a doutora da época, em setenta e dois só pra você ter uma ideia. Eu ainda ia fazer dezoito anos, e aí eu assumi... eu ia fazer dezenove, desculpa, eu tinha dezoito anos. Eu assumi aqui primeiro de julho de setenta e dois e no primeiro de agosto eu fiz dezenove anos.

Entrevistador 1 – E como você começou a participar aqui da Paróquia Nossa Senhora da Conceição?

Entrevistado – Aí assim, até aí eu solteira com dezenove anos não queria né? Fui morar num hotel, totalmente independente com dezenove anos, dona do meu dinheiro, novinha, e aí eu trabalhava, sempre fui muito responsável com meu trabalho, mas, aí as amizades foram outras né? e eu estava descobrindo um mundo novo, nessa idade e não me envolvi com a igreja. Aí me casei, em 74 me casei logo com um rapaz daqui também e aí começou. Fui morar de novo vizinha a matriz e aí comecei a me envolver, participar e aí assim como eu sei um pouquinho, cantar um pouquinho, aqui era muito fraco essa história de animar a liturgia e aí eu fui convidada por algumas pessoas pra gente formar um grupo e aí nós formamos um grupo. Esse grupo não tinha nome era um grupo de pessoas que animava a liturgia, nessa época também nós não tínhamos padre aqui, o padre vinha só celebrar no domingo. Mas, aí a gente tinha um coro na época na igreja, lá em cima né? que foi desmanchado. Cada padre que vem deixa sua marca, as vezes pra melhor e as vezes não agrada a comunidade, mas a gente respeita né? são eles que mandam. E ai depois eu tive minhas filhas, mas sempre... a família do meu marido também muito religiosa, a minha tia ela era zeladora do Santíssimo Sacramento, todo dia – é penitência – ela faleceu, mas todo dia ela visitava o Santíssimo, com chuva, sem chuva, quatro horas da tarde ela estava diante do Santíssimo, fazendo suas orações. E eu fui assim, uma pessoa que... dá vida deles, da família do meu marido, eu era a máxima, o máximo, e assim o que eu dissesse eu era a mais certa, a mais sabida, a mais inteligente, a mais tudo da família. Eu era assim muito cobrada, porque eles tinham uma admiração muito grande por mim que as vezes até me sufocava, mas, eu entendia era tudo pessoas idosas, essa coisa toda. Levei até o final hoje não tem quase ninguém, a família do meu marido, quase toda já faleceu, mas aí eu fiquei na igreja. E ai, já morando nesta casa, porque antes eu morava no centro né? vizinha a igreja, mas era de casa alugada, ai eu vim pra cá, morar aqui e quando um dia eu cheguei na missa de manhã, estava o padre celebrando, a igreja lotada de criança e não tinha um filho de Jesus que puxasse um canto e aquilo me incomodou né? Aí eu fiquei digo, não eu vou fazer alguma coisa, porque não está certo, esse monte de criança aqui. Aí eu chamei o padre, chamei uma menina lá, e eu disse: vamos formar um grupo de canto, aí ela disse: vamos! E aí eu comecei com um grupo de canto. Mas também não era aquela coisa certa, deixei esse grupo, não foi pra frente, formei um grupo de adultos, que a missa da noite também não tinha ninguém. O nome do grupo era... meu Deus como era o nome do grupo? ...não era mensageiro da esperança era outro, era ... não lembro o nome direito do grupo. Eu sei que formamos um grupo de canto, tinha umas trinta pessoas adultos, nós começamos a organizar esse grupo, depois eu digo, não, mas eu não posso deixar as crianças de lado, formei um grupo de crianças, mensageiros da esperança. Esse grupo a gente fez muita festa, foi um grupo assim, um coral mesmo! Organizado com roupinhas, com tudo. A gente até tem muitas fotos por aí, minhas filhas faziam parte. E, como estava muito grande – nós tínhamos quase cinquenta crianças nesse grupo – era lindo o grupo, a gente fazia apresentação em Parnaíba, nas comunidades do interior, essa coisa toda. Todas as mães

queriam botar os filhos no grupo e a gente não podia dizer não, porque você tem que acolher. E, eu convidei uma senhora aqui que não era engajada na igreja e ela tomou gosto né? E, ela começou com as ideias dela, na verdade no começo do grupo, foi eu e meu marido, depois meu marido se afastou e eu fiquei com essa amiga. Quando eu vi que o grupo estava grande, caminhando então, aí eu participava da comunidade aqui do Cearazinho, lá não tinha ninguém que cantasse também, formei um grupo Sagrado Coração de Jesus, o nome do grupo porque lá o padroeiro é Sagrado Coração de Jesus, formei este grupo lá. E aí, como eu formei esse grupo lá, eu fui chamei e digo: olha, agora já estou com três grupos, eu já não estou mais tendo tempo pra minha família, agora você vai assumir esse grupo aqui e eu vou formar outro grupo na minha comunidade, eu vou organizar esse grupo. E aí aconteceu, organizei aqui no meu bairro, um outro grupo e desse grupo a gente cantava só sem instrumento. Mas, aí assim tudo você vai crescendo, vai crescendo e eu digo: não eu vou comprar um teclado. Eu comprei um teclado, eu mesma comprei e chamei um rapaz pra tocar com a gente. E a gente foi aprendendo, aprendendo. Por aqui, por esse grupo, que hoje é Seguidores do Senhor, já passaram cinco pessoas, tecladista. Quando eles aprendiam, que estava tudo maravilhosamente ele oh (*gesto de estalar os dedos*) Dona Marizete... aí eles começavam a tocar em festa, aí já não dava mais certo, já misturava a igreja com a vida do mundo, já não dava mais certo. Eu chamava outro, a mesma coisa. Ai o terceiro ele saiu, mas foi porque a mulher começou com ciúmes, porque o grupo tinha muitas jovens. Eu digo, meu filho pois ai se você casou, não tem problema nenhum, mas não vamos... o grupo da igreja é pra unir não pra desunir, se sua esposa está tendo este ciúme, ela de certa forma, não sei se ela tem razão mas, ele era muito jovem e aqui tinha muita jovem né? nós eramos muita gente. E além disso, a gente fazia umas apresentações de dança, esse grupo era maravilhoso! Comprei saia cigana, menina já foi tanta coisa (*risos*) viu assim que... pronto nós ficamos com esse grupo, minhas filhas não participavam do grupo né? porque santo de casa não faz milagre, mas, terminou fazendo né? Porque minha filha Eline, eu convidei e ela não sabia cantar. Ela era desafinada e ela começou, começou, começou e eu digo: pois muito bem. E ela passou a coordenar o grupo. Hoje ela coordena o grupo Seguidores do Senhor, a gente já tem ... olha tem mais de trinta anos que eu mexo com grupo de canto, não me vejo na igreja sem cantar, igreja nenhuma, na hora que eu chego né? Eu fui pra Brasília meu Deus do céu quando eu vi aquele povo cantando digo: O me dá aí esse folheto deixa eu assumir essa mesa aqui, porque o povo pra não saberem cantar, lá em Brasília. Eu tenho uma irmã lá que é da igreja também, é mais beata do que eu. Nossa Mãe do Céu! A família é toda beata. Pronto, aí nós ficamos e eu fui entregando os grupos né? Formei um grupo de adulto, entreguei uma outra senhora tomou conta na igreja, grupo Nossa Senhora da Conceição, terminou acabando. As pessoas vão saindo, vão casando, vão viajando. Só que ai Jesus fica mandando outros né? e a gente vai formando. Hoje, nós temos: O Renascer, renascer porquê? Era um grupo de canto que chamava Adoradores do Senhor, por vários motivos o grupo acabou e nós passamos uns seis meses ajudando esse grupo, porque eles não têm instrumento nenhum e hoje eles renasceram com o nome - Renascer - e está organizado o grupo né? E, continua hoje: o grupo das crianças né? que é Os Mensageiros da Esperança, que está um pouquinho fraco, mas, parece que estão se

organizando. As comunidades todas hoje tem seus grupos né? com as nossas sementinhas plantadas. Cearazinho é um grupo, o Rancho Alegre tem um grupo, Carnaubal tem um grupo muito bom né? que eles têm também lá, Coqueiro. Todas essas comunidades a gente deu uma ajudinha né? Até na parte litúrgica porque eles não sabem nada, essa questão litúrgica é muito importante porque você não pode estar na Semana Santa, na Quaresma, cantando um canto do Natal, então essa parte aí a gente orientou e eles hoje, todos eles sabem liturgicamente, embora as vezes tenha uma coisinha errada mas, a gente passa por cima porque faz parte né? Então hoje a gente tem esse grupo Seguidores do Senhor. O Renascer, Mensageiros da Esperança e as comunidades todas tem seus grupos, que eu não lembro direitinho o nome dos grupos né? Mas, tem um outro grupo também que é o Enlace, o Enlace ele canta casamentos, lindíssimo. Porque meu carro não está aqui pra eu lhe mostrar as coisas que esse grupo canta. E nem acho que vocês não tiveram oportunidade. A gente canta muito no Coqueiro, casamento no Coqueiro. Muitos casamentos. Pessoas de Teresina, pessoas de Brasília, pessoal procura esse grupo. Eles estão bem, bem mesmo. Eles catam músicas inglês. Nós temos professor mestre no grupo, professores especializados no grupo. Nós temos muita gente boa formada no grupo. Mas, também que são especialistas e sabem cantar. Agora assim, cinquenta por cento do nosso grupo são amadores, como o próprio nosso tecladista que gravou um CD, não sei se você ouviu o CD dele?

Entrevistador 1 – O Junior?

Entrevistado – O Junior né? Então o Junior hoje ele é um tecladista que ele bota vários tecladistas no bolso. Ele canta muito bem, tem uma voz bonita e graças a Deus o nosso grupo está aí. E aí assim, começou aí está cada padre que muda eu digo: agora eles vão me deixar um pouquinho de lado. Mas, não tem jeito. Um, passa para o outro, passa para o outro e quando chega no festejo aí a coisa é maior. A gente organiza tudo desde a programação, os noitários, são semanas e semanas. Hoje eu faço parte do Conselho Paroquial, Pastoral e faço parte do Conselho Econômico né? então assim, as decisões de comprar isso, fazer aquilo é tudo decidido nos conselhos, a nossa Paróquia hoje, é uma Paróquia muito organizada, em relação a isso quando a gente recebe a visita do nosso Bispo graças a Deus, a gente procura ser certo, fazer a coisa certa né? Porque tem um padre que diz assim: quem rouba dinheiro da igreja, Ave Maria! Quem rouba, roubar é pecado. Imagina roubar dinheiro da igreja né? Então a gente faz tudo pra fazer as coisas direitinho. Graças a Deus!

Entrevistador 1 – E me diga uma coisa, o Festejo de Bom Jesus, a Senhora já está muito tempo na comunidade. Como é que ele é organizado?

Entrevistado – O Festejo de Bom Jesus, quando eu comecei a me engajar na igreja, dizem que esse Festejo de Bom Jesus já foi assim um festejo muito grande. Porque assim, Luís Correia era a cidade, ainda é uma cidade turística. Mas, Parnaíba inteira nas férias estava em Luís Correia, parnaibanos todos tinham casa em Luís Correia. Era assim um prazer eles entrar de

férias, os filhos mais velhos foram todos educados aqui na cidade de Luís Correia. Dizem que aqui era muito bonito, grande esse festejo, muito tradicional. Eu não alcancei essa época. Quando eu cheguei aqui, pelo contrário, era muito pequeno o festejo né? e assim, é como eu digo pra você não tinha nem padre morando aqui e era uma coisa bem pequenininha. Depois que o Padre Henrique assumiu aqui em Luís Correia foi que foi crescendo, o festejo foi crescendo e foi quando nós começamos com aquela barraca como eu lhe falei. Nós começamos a história da barraca de venda de comida, que não tinha essa história não. Hoje tem todo canto que você vai tem. Mas, Luís Correia foi pioneiro nessa questão bem aí. Porque inclusive, outras assembleias que nós participamos eu dei esse testemunho, os padres que se formaram aqui, que vieram pra cá como diácono né? que a gente formou na nossa Paróquia aqui que formou muito já padre. Nessa questão assim da experiência diaconal deles aqui. E aí eles foram levando para as comunidades deles, para as paróquias deles, e foi crescendo, foi crescendo essa história. Quando nós começamos nós não tínhamos espaço e aí nós começamos com uma galinhada, o prato, era só um tipo de comida, que era a galinhada, começamos coisinha bem pequenininha, de palha, aquela coisa assim bem feinha sabe? E aí nós fomos crescendo, no outro ano a gente já mudou pra um lugar maior, já fizemos uma barraca maior e no terceiro ano nós já fomos... o padre da época fez um barracãozinho, ali onde é o barracão, uma coisinha pequena né? E ai assim, as pessoas levavam a comida feita, a gente foi vendo que a comida feita na hora era muita comida diferente, ficava ruim da gente preparar os pratos né? e a gente começou a pegar a comida crua e a gente fazendo lá né? e assim uma hora agrada um, outra hora agrada outro, tem sempre a comida está fria, não sei o que. Hoje a gente está com um patamar – que eu acho que você foi lá no barracão e pronto – a nossa cozinha era menor também, já foi o Padre Marcelino que já aumentou a cozinha. O Padre Henrique aumentou o barracão, nós vendíamos cerveja na época, nós tiramos. Nossa Paróquia não vende mais bebida alcóolica né? graças a Deus! Ainda hoje tem gente que é contra, mas, em termo de renda era uma coisa muito pequena, não valia a pena. E assim, a nossa intenção não é ... claro que a parte financeira é importante para que a Paróquia possa se manter, mas, num festejo desse a intenção nossa é assim, trazer mesmo as pessoas pra participarem, é a parte religiosa que nos importa né? O centro não é isso, o centro é uma renovação espiritual, como nós fizemos, claro que tem que ter a parte social, mas, não é ... assim a mais importante na cabeça dos nossos padres, graças a Deus! Porque você sabe que tem festejo aí que vira um verdadeiro comércio. O nosso você pode ter observado só tem as barracas das pastorais e toda renda é pra igreja. Não tem essa coisa de comércio não, na nossa Paróquia não tem, é um festejo muito organizado, muito controlado. É uma coisa pequena, mas, não temos nenhuma inveja daqueles que fazem aquela propaganda toda não. Porque perde o sentido religioso, vira mais um comércio, então graças a Deus nós não temos isso aqui. E aí sim, aí eu sei que aí hoje nós fazemos do jeito que você viu lá no barracão né? a comida, o arroz é feito lá, a farofa é feita lá, a carne é feita lá. Embora quando sirva já esteja alguma coisa fria, mas, é tudo a intenção... mais como é um número grande se a gente for deixar pra fazer prato na medida que as pessoas vão chegando, nós não vamos dar conta. Então assim, na hora que o padre já se prepara para os finais, a gente já começa a fazer prato, porque senão

não dá conta. Mesmo assim ainda gera um certo tumulto porque tem pessoas que não tem paciência e aquela coisa toda né? E hoje a gente tem a história desse barracão aí que é a renda maior do festejo é o barracão.

Entrevistador 1 – E o que significa o Festejo de Bom Jesus pra Senhora?

Entrevistado – Pra mim significa assim ... a presença maior de Deus na nossa vida né? Porque a gente tem assim um empenho muito grande, a gente vê que as pessoas fazem assim com muito carinho. É uma profissão de fé o festejo na verdade né? A gente espera que aconteça o momento depois ... é muito trabalho pra quem está na organização, você vê que são muitas pessoas nos bastidores pra finalizar e sair da maneira que sai né? a gente procura, todo dia tem aquela equipe, e tem pessoas que chega na igreja três horas da tarde né? Então assim, essas pessoas eu tenho o maior respeito por eles, inclusive, eu ficava ali, eu saía da minha casa também as três horas da tarde. Mas hoje eu já estou entregando mais, eu já tenho um grupo de total confiança que eu não me preocupo. Eu me preocupo assim, todo dia eu ver o que está faltando pra repor, ver como é que está a situação das mesas, das toalhas, se estão limpas, senão estão pra colocar na praça. Ficar sempre nos bastidores vendo alguma coisa né? É o olho do dono né? a gente tem sempre que ficar nessa questão. Mas, pra mim tem um significado muito grande de renovação de fé mesmo. É alimentar o nosso espírito, a nossa alma nesse festejo e também nos confraternizar com nossos amigos que faz parte né? A gente tem pessoas que a gente só vê nessa época e isso também é muito importante pra nós.

Entrevistador 1 – Em sua família todos são devotos de Bom Jesus?

Entrevistado – Todos são devotos de Bom Jesus e de Nossa Senhora, Nossa Senhora é a nossa madrinha, nossa mãe. Meu neto na hora que ele nasceu eu entreguei ele pra Bom Jesus tomar conta dele. Ele é dele, ele é um menino santo de ouro. E é Jesus quem comanda a vida dele todinha. E hoje nós somos, olha aqui oh, se você olhar aqui vai ser uma capelinha, eu tenho umas imagens ali pra serem colocadas bem aí. Na hora, qualquer pessoa que entrar aqui já é abençoado pelos nossos santos. Porque quem não quiser que acreditar que não acredite, mas, Nossa Senhora é a Mãe da Graça e Jesus é o nosso comandante maior.

Entrevistador 2 – E me diz uma coisa, o que mais emociona a senhora na procissão de Bom Jesus? O que mais lhe toca?

Entrevistado – Olha assim hoje, porque quanto mais você trabalha, mais assim no momento da entrada aquele momento ali é espetacular. No caminhar da procissão quando eu vou, porque quase eu não vou, porque estou sempre organizando as coisas no último dia. É você ... Se concentra na oração, porque incomoda, porque tem pessoas que ainda hoje participam de uma procissão mais por tradição, mas, ele não tem a consciência e a gente entende isso, ele não tem esse princípio, essa educação. Então assim, conversa muito deixa pra conversar

na hora da procissão. Hoje, essa coisa está mudando muito, a gente já conversa muito com nosso povo. Já tem procissão que é assim, muito silenciosa. Mas, no entrar da imagem, assim ... É assim, Jesus entrando e triunfando igualmente em Jerusalém, então assim naquela entrada quando chega aquele povo né? que olha me arrepio todinha quando Bom Jesus está entrando. É emocionante, ele é o máximo (*choro*)...

APÊNDICE VI

(Roteiro do Documentário: A Fé que Abraça a Barca)

Texto de Entrada

Desde o século XVIII, em Luís Correia litoral do Piauí no Brasil, Bom Jesus dos Navegantes é celebrado por seus devotos. Segundo relatos orais, os pescadores locais teriam encontrado no mar, no dia 29 de junho, dia de São Pedro, protetor dos pescadores, a imagem de Bom Jesus dos Navegantes. Desde então, pescadores e suas famílias e tantas outras pessoas começaram a fazer promessas a Bom Jesus, rogando por proteção e saúde. Os ritos religiosos e os espaços sagrados são indissociáveis da trajetória histórica, cultural e social da região, são parte da memória individual e coletiva de seus habitantes.

ROTEIRO

8090 – (P. Henrique) (09:27 / 10:09) - Mas, a lenda que nós conhecemos sobre Bom Jesus, a chegada do Bom Jesus, fala que os pescadores mesmo procuraram a presença de Jesus na vida. A lenda fala que os pescadores encontraram a imagem do Bom Jesus dos Navegantes numa dessas ilhas do nosso Delta, na ilha do Bom Jesus, que existe até hoje, eles levaram essa imagem e o padre daquele tempo decidiu: *ele deve ser o Bom Jesus dos Navegantes*.

8090 – (P. Henrique) (05:21 / 05:54) - A Festa do Bom Jesus, eu percebi logo, é uma festa tão linda dessa nossa região. Porque os nossos pescadores todo dia, eles arriscam a vida pra ganhar o pão, ou melhor, o peixe de cada dia e a gente deve valorizar a profissão de pescador, a gente deve rezar pelos pescadores e suas famílias. E assim, nós começamos a cultivar a procissão marítima, os costumes durante o festejo, o hasteamento, o levantamento do mastro, a bandeira, as procissões e, hoje é uma festa da população cristã, católica, aqui na nossa região.

8141 – (Diana) (01:57 / 02:38) - Então, o festejo ele começa com a procissão do mastro. A procissão do mastro, é sempre escolhido um bairro e dentro daquele bairro, as famílias do bairro ficam responsáveis em ornamentar o mastro. Que o mastro é o que vai segurar a bandeira do festejo. Então, chega o dia 19, o bairro que foi escolhido, as famílias vem em procissão e na chegada da praça da matriz é feito o hasteamento. Colocado oficialmente o mastro e ele vai fixar durante todo o festejo, fica ornamentando a praça e fica simbolizando que está acontecendo o festejo.

7542 – (Natalia) (00:52 / 01:22) - A gente começou na devoção do Bom Jesus dos Navegantes quando meu bisavô foi pro mar e lá o barco virou. Ele já estava morrendo afogado quando o rapaz achou ele. Ai dali começou a devoção a Bom Jesus. Porque ali minha vó disse né? que era pai da minha vó, ela disse: Se foi ele que protegeu você ele vai me dar luz e vai trazer, você vivo, pra casa.

7541 – (Natalia) (03:48 / 04:07) - Como a gente é devota a ele, quando meu pai for pro mar ele vai acompanhar meu pai, vai proteger meu pai. Por isso, que a gente é devota a ele, porque ele protege ele. Protege meu vô que todo mês está no mar, protege minha vó que todo mês está pescando também, e assim vai. A gente acredita nisso...

8141 – (Diana) 04:58 / 05:10) - ... pra procissão acontecer o horário da maré tem que estar alto. Então, o horário da procissão não é definido antes, ela tem que ser de acordo com o horário da maré...

8141 – (Diana) 05:40 / 05:52) - Todos os donos de barco são convidados, espontaneamente eles cedem os barcos deles, os barcos são enfeitados com bandeirinhas...

8141 – Diana) (06:54 / 07:36) - É um momento muito bonito da nossa comunidade e é muito tradicional, todo mundo sonha em vir pra procissão de barco. Eu até brinco que meu pais sai de casa pra ir à missa em três festas do ano: uma é de Bom Jesus, a outra é de São Francisco, que é o santo do nome dele, e o outro é no Festejo da Nossa Senhora da Conceição, que tem a benção dos cavalos, dos animais. Então, Bom Jesus ele está aqui, porque eu acho que na cabeça dele, ele tem que participar da procissão do Festejo de Bom Jesus.

8101 – (P. Henrique) (04:00 / 04:52) - Nós já temos um Bom Jesus dos Navegantes nós devemos valorizar ele. Fazer promessa, isso é uma coisa impactante para os brasileiros, de modo especial para os piauienses, cearenses, os nordestinos. Se a gente passa em Canindé tem caixas cheias de, nem sei como se chama, braços, pernas... Que eles pagam com isso as promessas. Eu pensei, isso nós poderíamos fazer aqui também. Porque cada um de nós já

recebeu uma graça do Bom Jesus dos Navegantes que, para o vento e acalma as ondas do mar, do oceano da vida.

8143 – (Diana) (00:01 / 00:23) - Tem um remo aqui na igreja matriz com esse meu agradecimento depois de muitas orações que eu fiz. Mas, o remo foi a simbologia de dizer assim: está aqui eu vim, fiz e cumpri o que eu te prometi. Então, essa foi a minha promessa pra Bom Jesus e graças a Deus ele me atendeu.

8101 – (P. Henrique) (05:00 / 05:06) - São os remos que a gente usa nas canoas...

8101 – (P. Henrique) - (05:11 / 05: 27) - em um artesão em um artesão em Parnaíba o mestre Reis, ele talhou eles, mas também, desenhistas e pintores aqui em Luís Correia eles fazem a pintura.

8101 – (P. Henrique) (06:02 / 06:12) - Num lado mostra a fé profunda do povo, do outro lado a aventura, sair com uma procissão em cima dum barco, até o mar. E eu muitas vezes em cima do mastro...

8141 – (Diana) - (08:16 / 08:41) - Quando o santo chega, Bom Jesus chega, ai saem em procissão pelas ruas da cidade. Uma procissão também muito bonita, grande, acompanhada com grupos de canto, que vai cantada. Quando a procissão passeia por algumas ruas da cidade, volta pra praça da matriz, aí volta a missa de encerramento da Festa de Bom Jesus.

7546 – (Maria Brito) (05:20 / 05:37) - Mas, no entrar da imagem, assim ... É assim, Jesus entrando e triunfando igualmente em Jerusalém, então assim naquela entrada quando chega aquele povo né? que olha me arrepio todinha quando Bom Jesus está entrando. É emocionante, ele é o máximo...

7545 – (Maria Brito) (05:09 / 05:24) - Pra mim significa assim ... a presença maior de Deus na nossa vida né? Porque a gente tem assim um empenho muito grande, a gente vê que as pessoas fazem assim com muito carinho. É uma profissão de fé...

8141 – (Diana) (03:44 / 04:11) - Na noite sertaneja as pessoas vem vestidas com trajes mais sertanejos, uma blusa xadrez, uma bota, um chapéu, o chapéu tem que ter e ai, durante essa missa ela é toda cantada com aquele tom sertanejo, desde o canto inicial até o canto final é tocado com sanfona, é uma missa mais preparada, mais ensaiada, é muito bonito.

(P. Marcelino) - (05:24 / 05:48) - Encontro na manifestação do povo, que participa conosco da procissão, uma grande vibração espiritual, isso como padre, enche também o coração do padre, por ver o povo rezando, por ver o povo ali e os pescadores, também, que deixam o mar naquele tempo e trazem os seus barcos para participarem da procissão.

7541 – (Natalia) (01:20 / 01:34) - Nós somos devotos de Bom Jesus dos Navegantes. Meu pai é pescador, minha mãe é pescadora, meu vô é pescador, minha avó é pescadora, então assim a gente segue essa carreira assim de pescadores né? Nós, todos nós somos.

7141 – (Natalia) (05:04 / 05:20) - Aí a gente acompanha ele todos os anos é por causa disso, pra atrás de querer a proteção dele em cima do mar. Pra gente poder, pra poderem eles (família) irem e voltar, poder voltar. É isso que me move.

8090 – (P. Henrique) (10:16 / 11:03) - E, se a gente olha pra essa imagem a gente percebe, devo dizer assim....Cada imagem deve contar uma história. Se uma imagem não conta uma história é uma imagem perdida, pode jogar no mato. Mas, com essa imagem do Bom Jesus a gente pode contar a história do evangelho, quando Jesus andou com os apóstolos pelo mar, uma ventania grande chegou, as ondas aumentaram e Jesus dormiu. Os apóstolos ficaram com medo e gritaram: mestre! Mestre! Não te importas que estamos morrendo? Jesus se levantou, como o evangelho falou (gestos) parou o vento, e acalmou as ondas. Esses são os gestos da imagem do Bom Jesus.

7546 – (Maria Brito) 03:50 / 04:04) - Meu neto na hora que ele nasceu eu entreguei ele pra Bom Jesus tomar conta dele. Ele é dele, ele é um menino santo de ouro. E é Jesus quem comanda a vida dele todinha.

8101 – (P. Henrique) (06:20 / 06/33) - Mas, a gente percebe a alegria de ser cristão, de ser devoto ao Bom Jesus. Simplesmente de participar, de se encontrar com os amigos que tem a mesma fé.



mapm
MESTRADO
ARTES, PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PIAUÍ